

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KELTON BRUNO SABATKE

**SOB SOLADOS DE FERRO: O PESADELO DISTÓPICO DE JACK LONDON E A  
ASCENSÃO DO NAZIFASCISMO (1907-1933)**

CURITIBA  
2018

KELTON BRUNO SABATKE

**SOB SOLADOS DE FERRO: O PESADELO DISTÓPICO DE JACK LONDON E A  
ASCENSÃO DO NAZIFASCISMO (1907-1933)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Jr.

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE  
BIBLIOTECAS/UFPR-BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS  
MARIA TERESA ALVES GONZATI, CRB 9/1584  
COM OS DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Sabatke, Kelton Bruno

Sob soldados de ferro : o pesadelo distópico de Jack London e a  
ascensão do nazifascismo (1907-1933) / Kelton Bruno Sabatke. –  
Curitiba, 2018.

151 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná .  
Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em  
História.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Jr.

1. Literatura americana. 2. Fascismo. 2. London, Jack, 1876-  
1916. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.

CDD 810



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA

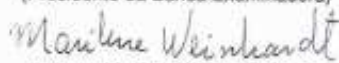
### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **KELTON BRUNO SABATKE**, intitulada: **SOB SOLADOS DE FERRO: O PESADELO DISTÓPICO DE JACK LONDON E A ASCENSÃO DO NAZIFASCISMO (1907-1933)**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação no rito de defesa. A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 26 de Março de 2018.

  
VINICIUS NICASTRO HONESKO(UFPR)

(Presidente da Banca Examinadora)

  
MARILENE WEINHARDT(UFPR)

  
ROSANE KAMINSKI(UFPR)



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todo o corpo docente do Departamento de História da UFPR pelas valorosas lições no decurso de minha pesquisa, em especial ao Prof. Dr. Magnus Roberto de Mello Pereira, à Prof.<sup>a</sup> Dra. Martha Daisson Hameister e à Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosane Kaminski. Deixo aqui meus sinceros agradecimentos também à Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Paula Vosne Martins por suas contribuições quando da confecção inicial de meu projeto; à sempre prestativa Maria Cristina Parzwski, secretária do PPGHIS; e ao Prof. Dr. André Luiz Joanelho, meu primeiro orientador ao longo de minha caminhada. Sou muito grato ao Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior que, felizmente, aceitou o desafio de dar continuidade à minha orientação e o efetuou de forma atenciosa e propositiva ao longo dos dois últimos anos. Gostaria de externar meus agradecimentos aos membros da banca de qualificação – Prof.<sup>a</sup> Dra. Marilene Weinhardt, Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosane Kaminski e o Prof. Dr. Artur Freitas - que muito contribuíram para o aprimoramento da presente dissertação por meio de suas críticas e sugestões. Muito obrigado. Por fim, mas não menos importante, agradeço minha esposa Ana Dariley Peters Sabatke por seu apoio, paciência e compreensão; meus irmãos Cristian Fábio Sabatke e Cleverson Sabatke por suas palavras de incentivo e meu irmão Christoffer Moacir Sabatke por sua ajuda na formatação das páginas que seguem. Em especial, agradeço ao meu pai Moacir Sabatke (*in memoriam*) e minha mãe Áurea Maria Sabatke por todo amor, carinho e dedicação ao longo de toda minha vida. Esta conquista também é de vocês!

E no meio de tudo isso [da revolução], com muita serenidade e uma certeza terríveis, continuava a aumentar o vulto daquele monstro das eras, a Oligarquia. Com mãos de ferro e com tacão de ferro, controlou os milhões que se agitavam, da confusão trouxe a ordem, do próprio caos forjou suas fundações e sua estrutura (LONDON, 2011, P. 178).

## RESUMO

A presente dissertação dedica-se à análise do romance distópico *O Tação de Ferro* do autor norte-americano Jack London sob o viés específico de uma interpretação conferida *a posteriori* à obra por leitores da esquerda europeia das décadas de 1920 e 1930 que viam na distopia escrita por London uma espécie de antecipação dos regimes de inspiração fascista da Itália e Alemanha. Tomando por base, especialmente, os trabalhos do historiador Robert Owen Paxton, do semiólogo Umberto Eco e dos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari creio ter sido possível identificar na narrativa ficcional indícios factíveis e precoces de um conjunto de valores e crenças de natureza conservadora e contrarrevolucionária que em muito contribuiria com a ascensão no nazifascismo, compondo o substrato cultural do apoio que as elites políticas e econômicas concederam aos referidos regimes em sua escalada ao poder.

Palavras-chave: História contemporânea. Literatura estadunidense. Fascismo.  
Distopias.

### **ABSTRACT**

The present dissertation focus on the analysis of the dystopic novel *The Iron Heel* of the American writer Jack London by the specific point of view of an interpretation given by some Left wing European readers on the 1920's and 1930's that saw in the romance a sort of a anticipation of Italian and German fascist-like regimes. Based specially upon the works of the historian Robert Owen Paxton, the semiologist Umberto Eco and the philosophers Gilles Deleuze and Felix Guattari, I believe it was possible to identify on the fictional narrative reliable evidences of an early appearance of idiosyncratic values of conservative and counterrevolutionary nature that contributed greatly for the uprising of Nazis and fascists, compounding the cultural *substrata* of the support granted to the fascist's regimes by the economic and political elites during their pathway to power.

Keywords: Contemporary History. United States literature. Fascism. Dystopia.



## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| <b>1. PARÂMETROS E REFLEXÕES INICIAIS</b> .....           | 8   |
| 1.1 POR QUE ESTUDAR O FASCISMO?.....                      | 8   |
| 1.2 SOBRE LITERATURA E “CLARIVIDÊNCIA”.....               | 11  |
| 1.3 DEFININDO O FASCISMO.....                             | 19  |
| 1.4 OS MICROFASCISMOS.....                                | 25  |
| 1.5 OBJETIVOS GERAIS.....                                 | 32  |
| <b>2. CONSIDERAÇÕES SOBRE HISTÓRIA E LITERATURA</b> ..... | 34  |
| 2.1 CLIO E CALÍOPE.....                                   | 34  |
| 2.2 UM SONHO CHAMADO UTOPIA.....                          | 36  |
| 2.3 A UTOPIA ANTES DA UTOPIA.....                         | 40  |
| 2.4 UTOPIA EXTÁTICA.....                                  | 42  |
| 2.5 UTOPIA IDEALISTA.....                                 | 44  |
| 2.6 UTOPIA ROMÂNTICA/CONSERVADORA.....                    | 48  |
| 2.7 UTOPIA CONCRETA/SOCIALISTA.....                       | 51  |
| 2.8 DO SONHO AO PESADELO: O NASCIMENTO DA DISTOPIA.....   | 53  |
| 2.9 RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO.....                         | 56  |
| <b>3. JACK LONDON E O TACÃO DE FERRO</b> .....            | 61  |
| 3.1 A OBRA E SEU TEMPO.....                               | 61  |
| 3.2 YOURS, FOR THE REVOLUTION!.....                       | 65  |
| 3.3 SEMEANDO VENTOS, COLHENDO TEMPESTADES.....            | 71  |
| 3.4 REVOLUÇÃO E CONTRARREVOLUÇÃO NO TACÃO DE FERRO.....   | 81  |
| <b>4. O UR-FASCISMO NO TACÃO DE FERRO</b> .....           | 93  |
| 4.1 CONSERVADORISMO.....                                  | 95  |
| 4.2 IRRACIONALISMO.....                                   | 103 |
| 4.3 CULTO DA AÇÃO.....                                    | 106 |

|   |            |
|---|------------|
| 4.4 PENSAMENTO UNITÁRIO.....                              | 109        |
| 4.5 AVERSÃO À DIVERSIDADE.....                            | 114        |
| 4.6 RETÓRICA DO DESCONTENTAMENTO.....                     | 115        |
| 4.7 NACIONALISMO.....                                     | 117        |
| 4.8 DUBIEDADE DOS INIMIGOS.....                           | 120        |
| 4.9 BELIGERÂNCIA CONTÍNUA.....                            | 121        |
| 4.10 ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL.....                           | 125        |
| 4.11 CULTO AO HERÓI.....                                  | 128        |
| 4.12 MACHISMO.....  | 132        |
| 4.13 POPULISMO QUALITATIVO.....                           | 133        |
| 4.14 NOVILÍNGUA.....                                      | 135        |
| <b>5. JACK LONDON E A ASTRONOMIA DO NAZIFASCISMO.....</b> | <b>136</b> |
| 5.1 PARA ALÉM DA IDEOLOGIA.....                           | 136        |
| 5.2 RASTREANDO O UR-FASCISMO.....                         | 137        |
| 5.3 O FASCISMO ETERNO.....                                | 141        |
| REFERÊNCIAS.....  | 144        |
| LISTA DE FONTES.....                                      | 147        |

## 1 PARÂMETROS E REFLEXÕES INICIAIS

### 1.1 POR QUE ESTUDAR O FASCISMO?

A presente dissertação foi inicialmente concebida no já longínquo ano de 2011 durante disciplina ofertada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Paula Vosne Martins para os alunos de graduação em História. Ao longo do semestre fomos apresentados a diversas obras de narrativa ficcional utópica e distópica que, devidamente contextualizadas, forneciam um panorama das angústias e esperanças experimentadas por seus autores e por setores das sociedades retratadas. As aulas da professora Ana Paula reacenderam em mim a antiga paixão pela literatura, desde então, potencializada por possibilidades metodológicas que a colocam como foco da produção historiográfica. Já havia efetuado anteriormente a leitura de duas das obras utilizadas na disciplina – *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley<sup>1</sup> (1932) e *1984* de George Orwell<sup>2</sup> (1947) – entretanto, sem que dispusesse, à época, do conhecimento histórico necessário para a análise de elementos da narrativa e, acima de tudo, das intenções autorais. A luz lançada sobre os romances permitiu-me acessar nuances que haviam passado despercebidas em minha primeira leitura e toda uma série de relações sócio históricas tornaram-se evidentes quando analisadas com o apoio dos instrumentos corretos. Essa descoberta, aliada ao prazer experimentado em infindáveis leituras, fez crescer em mim a ânsia por dedicar-me à pesquisa de outros objetos culturais semelhantes e, naquele momento, tive a certeza de que todos os caminhos me conduziram novamente às searas da literatura. Durante certo período mantive-me firme no propósito de tratar dos romances distópicos em meu trabalho de conclusão de curso, mas, circunstâncias de minha vida acadêmica acabaram me desviando de meu objetivo naquele momento. Concluída a graduação, retomei alguns de meus antigos interesses pessoais e passei a efetuar leituras sobre a Segunda Guerra e o nazifascismo, temas que sempre despertaram em mim um mórbido interesse: nunca

---

<sup>1</sup>Aldous Leonard Huxley (Godalming, Inglaterra, 26 de Julho de 1894 — Los Angeles, 22 de Novembro de 1963) foi um escritor inglês autor de diversos romances, ensaios, contos e poesias.

<sup>2</sup> Eric Arthur Blair (Motihari, Índia, 25 de junho de 1903 — Londres, 21 de janeiro de 1950), mais conhecido pelo pseudônimo George Orwell, foi um escritor, jornalista e ensaísta político inglês.

fui capaz de compreender de forma apropriada a força motriz por trás da incomensurável tragédia humana do Holocausto. Recordo-me vivamente das terríveis imagens dos campos de concentração exibidas no documentário *Noite e Neblina* de Alain Resnais (1955) e da indignação que sempre senti ao ouvir comentários racistas e antissemitas de conhecidos e parentes com instrução de menos e preconceitos demais. Ao mesmo tempo em que sabia que o nazifascismo havia sido derrotado, julgado e condenado histórica e judicialmente, parecia-me que havia algo que sobrevivera, células cancerosas arraigadas e de difícil identificação que contaminam o imaginário ocidental de forma, por vezes, pouco evidente.

É fato público e notório que, salvo raríssimas e execráveis exceções, são poucos aqueles que efetuam atualmente a defesa dos ideais fascistas e nazistas, no entanto, creio não ser necessário desfilar ostentando publicamente uma suástica para determinados indivíduos endossem - ainda que inadvertidamente - a ideologia nazifascista. Toda a simbologia de ícones e rituais políticos ocupavam um papel muito importante no funcionamento dos regimes fascistas, não obstante, são os elementos psicológicos e culturais que parecem dar conta de melhor explicar sua resiliência histórica. O fascismo é composto por uma colagem eclética de pequenos preconceitos, intolerâncias e agressões, microfascismos que são ainda mais perigosos por conta de sua dimensão e sua capilaridade cultural. A extrema-direita europeia atual tenta a todo custo desvencilhar-se de quaisquer comparações com o nazifascismo, entretanto, a linearidade de seus argumentos básicos demonstra que, passadas várias décadas, o conservadorismo, o racismo e a xenofobia continuam a pautar suas políticas tal qual observado no fascismo e no nazismo. A repetição reiterada deste conjunto de valores e crenças conduziu-me à escolha de minha fonte de pesquisa. Onde estariam as raízes dessa visão de mundo? Se for possível identificar a sobrevivência do fascismo, seríamos capazes também de identificar um pré-fascismo, um estágio embrionário das ideologias que conduziram a humanidade à catástrofe e ao genocídio étnico? O contexto sócio histórico que precedeu a confluência dos *microfascismos* em um regime político? Seria possível encontrar respostas para essa questão na literatura distópica? Após uma breve pesquisa deparei-me com a obra de Jack London, transformada em “profecia” do fascismo por parte de seu público leitor. Muito embora a terminologia soe problemática em um primeiro momento, pareceu-me razoável conceder ao autor o benefício da dúvida.

Inegavelmente o pensamento conservador - intimamente ligado ao florescimento do fascismo - é norteado pela preservação, o que torna mais factível a identificação de eventuais continuidades históricas. Elementos da essência conservadora do fascismo poderiam ter sido identificados por Jack London anos antes de Mussolini e Hitler tomarem para si o poder, respectivamente, na Itália e Alemanha? Sem dúvidas sim, ainda que não se tratasse por óbvio de fascismo propriamente dito. Os *microfascismos* ainda não haviam somado suas valências. É curioso observar como todo um conjunto de valores e atitudes tem balizado o pensamento conservador ao longo dos dois últimos séculos e de como determinados discursos repetem-se com exatidão em contextos sócio históricos distintos. Um passado idealizado projeta continuamente sua sombra sobre o presente e o futuro de nossa civilização. Os capítulos que se seguem tratam dos EUA de Jack London, da Europa nazifascista de Hitler e Mussolini e, infelizmente, dos tempos sombrios nos quais vivemos. A verdadeira natureza dessa ideologia deve ser exposta e combatida, os microfascismos não podem ser relativizados e/ou menosprezados. Sua essência não é inofensiva assim como não o é a retórica daqueles que os proferem. As semelhanças entre o *Mito* de hoje e o *Duce* ou o *Führer* de ontem são estreitas demais para serem creditadas como mera coincidência. Como historiador, devo ater-me à análise do passado; como cidadão, não posso furtar-me à responsabilidade de lançar luz às ameaças do presente.

Jack London foi um dos principais nomes da literatura norte-americana de início do século XX. Nascido John Griffith Chaney em 12 de janeiro de 1876 na cidade de San Francisco, adotaria o sobrenome de seu padrasto John London ao longo de sua juventude. Sua biografia é repleta de passagens *sui generis*: foi minerador, pirata, presidiário e operário antes de suas narrativas ficcionais lhe conferirem dinheiro e prestígio. Foi também um empedernido ativista político, tendo sido candidato em duas ocasiões (1901/1905) à prefeitura de Oakland na Califórnia pelo *SPA – Socialist Party of America*. O romance a ser analisado ao longo da presente dissertação é um dos frutos de sua militância política – *O Tachão de Ferro* foi escrito ao longo de 1907 sob forte influência do rescaldo à Revolução Russa de 1905. Em síntese, a narrativa ficcional de Jack London trata de uma fracassada tentativa de levante popular nos EUA duramente reprimida pelas elites dominantes que, em um movimento contrarrevolucionário, instituem um regime autoritário em muito semelhante aos fascismos europeus que floresceriam ao longo das décadas de 1920 e 1930.

## 1.2 SOBRE LITERATURA E “CLARIVIDÊNCIA”

Desde a invenção da escrita há incontáveis séculos a espécie humana, salvo raras exceções, vem registrando suas histórias por meio de recursos literários. O amplo acesso a tais registros, entretanto, trata-se de um fenômeno mais recente, substancialmente ampliado após a criação da imprensa por Johannes Gutenberg<sup>3</sup> em meados do século XV. Desde então, as políticas de alfabetização das massas e o aprimoramento das técnicas de impressão garantiram o contínuo crescimento do público leitor, reforçando os laços simbióticos entre produtores e consumidores literários. Presume-se, em um primeiro momento, que a relação entre ambos é bastante óbvia: de um lado o autor, sujeito ativo desse peculiar arranjo, forneceria aos potenciais leitores um conjunto de signos com significados regidamente predefinidos cabendo aos leitores, por sua vez, navegar pelas páginas tipificadas seguindo o roteiro e as orientações fornecidas por seu criador. O significado de uma obra literária encerrar-se-ia, nesse sentido, na intencionalidade autoral, isto é, não haveria intermediários entre a intenção do autor e a interpretação final conferida à obra. Essa visão obviamente relega o papel exercido pelo leitor a um segundo plano, isso quando não desconsidera em absoluto sua relevância. A disciplina histórica, entretanto, forneceria um novo ânimo às interpretações que consideram o leitor como uma engrenagem imprescindível nesse intrincado sistema de construção de significados. A vontade do autor por certo não controla em absoluto a de seus leitores.

Decodificar uma obra literária exige por vezes um conjunto de códigos nem sempre disponíveis a todos aqueles que a leem e, nesse sentido, os significados atribuídos aos signos literários sobrepõem usualmente as intenções originais de seus autores. Mais ainda: as interpretações como não poderiam deixar de ser, variam com o tempo, intimamente ligadas ao conjunto de valores e ao contexto sócio histórico experimentado pelo público receptor. Não raro esse conjunto de significados passa a compor um apêndice imaterial que acompanhará a obra indefinidamente, potencialmente eclipsando o significado originalmente idealizado pelo autor. A presente dissertação versa sobre um romance em condições análogas às anteriormente descritas. Entre a intencionalidade autoral de Jack London e a recepção

---

<sup>3</sup>Johannes Gutenberg (Mainz, Alemanha, 1398 - Mainz, 3 de fevereiro de 1468) foi um inventor, gravador e gráfico do Sacro Império Romano-Germânico.

interpretativa de seu *Tacão de Ferro* interpõe-se uma geração de leitores exposta ao surgimento do nazifascismo na Europa que identificaram - não sem certa dose de razão, como espero demonstrar nos capítulos que seguem - algo de ainda inominável nos sortilégios impostos pelo fictício *Tacão* aos trabalhadores no romance. Entre as décadas de 1920 e 1930 na Itália e Alemanha, o exército paramilitar dos *Mercenários* que atuava como braço armado da contrarrevolução conservadora na ficção de London soou algo familiar àqueles acostumados a testemunharem as ações dos *squadristi* italianos – os *Camisas Negras* de Mussolini - e dos *freikorps* da *Sturmabteilung*, a famigerada S.A. nazista (PAXTON, 2004, p. 58).

London por óbvio não escreveu sobre fascistas, conquanto fascistas não houvesse em 1907, ano durante o qual redigiu o romance. No entanto, o passar das décadas trataria de conferir um novo significado ao pessimismo contido no *Tacão de Ferro* em relação à iminente possibilidade- que London julgara ter identificado - de que quaisquer tentativas revolucionárias de cunho operário teriam um fim semelhante aos observados na Comuna de Paris (1871) e na Revolução Russa (1905): verdadeiros banhos de sangue promovidos por contrarrevolucionários obstinados pela manutenção do *status quo* e de seus privilégios. Jack London acreditava que antes de qualquer vitória do proletariado tornar-se possível o destino de muitos revolucionários seria similar ao enfrentado pelos cento e quarenta e sete *communards* parisienses fuzilados junto ao muro do cemitério de *Père-Lachaise* em 28 de maio de 1871. O rescaldo ao levante popular francês, tido como a primeira tentativa revolucionária efetivamente popular, resultou nas mortes de cerca de 30 mil pessoas. A mensagem primordial do romance, no entanto, acabaria inevitavelmente por ceder ante a incomensurável tragédia humana dos regimes fascistas. Nem mesmo as mais téticas passagens do *Tacão de Ferro* encontram-se em condições de competir com a realidade. Convenhamos: poderia o massacre étnico em escala industrial ter ocorrido - mesmo nos piores pesadelos - a qualquer mente sã e civilizada das décadas que precederam o nazismo? A fé que deposito na humanidade me leva a crer que somente monstros sádicos teriam sido capazes de conceber o Holocausto.

As experiências fascistas da primeira metade do século XX representaram um inegável hiato em nosso processo civilizatório, para utilizarmos a terminologia

cunhada por Norbert Elias<sup>4</sup>. Entre as décadas de 1920 e 1930, governos autoritários tomaram grande parte da Europa, expandindo seus tentáculos ideológicos em direção ao Oriente e às Américas, suprimindo liberdades e direitos humanos, glorificando o militarismo e a figura messiânica de ditadores assassinos, conduzindo, por fim, o mundo à guerra e à barbárie do extermínio em massa. Compreender os motivos que conduziram às tétricas experiências nazifascistas não é tarefa das mais simples, obviamente. Por trás da figura de um demagogo calçado em coturnos, personificação usual dos regimes fascistas - como Benito Mussolini, o *Duce* italiano - há todo um conjunto de fatores ideológicos, políticos, psicológicos, econômicos e históricos atuando em conjunto, sem que seja possível estabelecer, de maneira clara e inquestionável, quais fatores prevaleceram sobre os demais nessa complexa equação. Um dos maiores problemas com as imagens convencionalmente constituídas sobre o fascismo é que elas focam-se em momentos de maior dramaticidade no itinerário fascista – a *Marcha sobre Roma*, o *incêndio do Reichstag*, a *Kristallnacht*<sup>5</sup> – e omitem a sólida textura das experiências diárias, os microfascismos que motivaram a cumplicidade das pessoas comuns no estabelecimento e funcionamento dos regimes fascistas (PAXTON, 2004, p. 13).

Ideologicamente, o fascismo nutria em seus primórdios certa simpatia pela causa trabalhista e o sindicalismo, entretanto, à medida que aproximava-se do centro do poder, a retórica antiliberal foi perdendo força ante o pragmatismo político das lideranças do movimento (PAXTON, 2004, p. 64). As vozes dissonantes defensoras do purismo ideológico fascista foram expelidas sem que isso causasse maiores embaraços perante a opinião pública. Como aponta o historiador Robert Owen Paxton, professor emérito da Universidade de Columbia, o fascismo italiano, precursor histórico dos demais, convenientemente não contaria com um conjunto inequívoco de princípios oficialmente reconhecidos até meados de 1932 (PAXTON, 2004, p. 17). Isto permitiu às lideranças políticas fascistas, especialmente na Itália e na Alemanha, aceitarem o apoio de partidos conservadores na composição de maiorias

---

<sup>4</sup>Norbert Elias (Breslávia, Polônia, 22 de junho de 1897 — Amsterdã, Holanda, 1 de agosto de 1990) foi um sociólogo alemão, autor do clássico “O Processo Civilizador”.

<sup>5</sup>N.A. Onda de ataques lançada contra a comunidade judaica alemã na noite de 09 de novembro de 1938. Centenas de judeus foram assassinados e cerca de 30 mil seriam enviados aos campos de concentração. O nome *Noite dos Cristais* faz referência à enorme quantidade de vidro quebrado que recobria as ruas na manhã seguinte oriunda das vitrines quebradas durante os saques nos estabelecimentos comerciais cujos proprietários eram judeus.



parlamentares que, eventualmente, acabariam por conduzir ao poder Mussolini e Hitler (PAXTON, 2004, p. 88). Durante o período no qual a normalidade democrática foi respeitada nos respectivos países, tanto o Partido Fascista Italiano quanto o Partido Nacional Socialista alemão não obtiveram significativas vitórias eleitorais que os permitissem compor um governo sem a necessidade de composição de alianças com grupos que lhes fossem simpáticos. Mesmo que, por vezes, a contragosto, os conservadores acabariam por aderir às coligações com os fascistas - em parte por conta de suas evidentes afinidades ideológicas, mas, principalmente, para evitar que os socialistas compusessem o gabinete de governo aliando-se aos centristas (PAXTON, 2004, p. 104). O fato de os fascistas não disporem de uma maioria absoluta nas eleições parlamentares não reduz a relevância do apoio popular que lhes fora concedido. Há toda uma *psicologia das massas* que busca explicar a sedução exercida pela retórica política nazifascista junto às populações submetidas ao totalitarismo. Fatores como a carestia provocada pela Grande Guerra, as sanções impostas pelo Tratado de Versalhes e a Crise de 1929 não podem ser desconsiderados; bem como, o antisemitismo, o nacionalismo ressurgido nas trincheiras entre 1914 e 1918 e, é claro, o ódio difundido entre as classes médias em relação aos socialistas, que os transformariam nas primeiras vítimas do fascismo. Quando o campo de concentração nazista de Dachau foi criado em 1933, por exemplo, aos comunistas e socialistas alemães coube o fado de comporem o primeiro grupo de prisioneiros enviados ao local, antes mesmo dos judeus (PAXTON, 2004, p.136).

O apoio popular deu-se graças à ampliação do sufrágio eleitoral observada ao longo das primeiras décadas do século XX que concederia voz a uma fatia significativa das populações locais e, essa massa recém *empoderada* politicamente, ansiava por mudanças radicais que oferecessem alternativas a um desgastado liberalismo político e econômico. Diante de uma crise econômica e social sem precedentes, a esquerda socialista acenava aos trabalhadores com sedutoras promessas de revolução do proletariado que se tornariam ainda mais ameaçadoras às elites após a deposição do czarismo russo pelos bolcheviques em outubro de 1917. Impérios tradicionais esfacelaram-se no pós-guerra e o ambiente de instabilidade política e insatisfação popular era propício ao aparecimento de focos revolucionários potencialmente daninhos aos interesses dos *bem-nascidos*. A direita conservadora ciente do evidente

perigo de que a experiência socialista russa fosse replicada pela Europa abraçou-se à alternativa que lhe restava para impedir o avanço socialista: o fascismo. Nesse complicado e imprevisível jogo de conveniências políticas, uma minoria eleitoral fascista foi alçada ao poder para surpresa de muitos, mas não de todos. As opções pragmáticas dos grupos conservadores já haviam sido imaginadas por escritores e analistas políticos. Os homens de negócios, os ricos proprietários do mundo desenvolvido, uma vez ameaçados em suas posses e condições sociais estariam dispostos a unir forças com todo e qualquer líder político que, minimamente, demonstrasse as habilidades necessárias para afogar os revolucionários em seu próprio sangue. A ordem hierárquica da sociedade deveria ser preservada. Uma célebre frase do romance *O Leopardo* (1958) de Giuseppe di Lampedusa<sup>6</sup> ilustra com maestria o aguçado senso de sobrevivência das elites: “*Para que as coisas permaneçam iguais, é preciso que tudo mude*”<sup>7</sup>.

Em 12 de Julho de 1940, o escritor britânico George Orwell publicou no jornal *Tribune* de Londres um artigo que continha revisões bibliográficas de romances *distópicos* publicados anos antes por Aldous Huxley, H.G. Wells<sup>8</sup>, Jack London e, pelo hoje bem menos ilustre, Ernest Bramah<sup>9</sup>. Orwell intitulou-o *Prophecies of Fascism [Profecias do Fascismo]* uma vez que as obras analisadas – *Brave New World [Admirável Mundo Novo]* (1932) de Huxley, *The Sleeper Awakes*<sup>10</sup> (1910) de Wells; *The Iron Heel [O Tacão de Ferro]* (1908), de London e, *The Secret of the League*<sup>11</sup> (1907), de Bramah – possuiriam em comum, segundo Orwell, certa pretensão premonitória cujos méritos foram reconhecidos *a posteriori*, especialmente à medida que a marcha do fascismo tornava-se cada vez mais evidente e ameaçadora na Europa ao longo das décadas de 1920 e 1930. Como frisado anteriormente novos significados seriam atribuídos às obras de acordo com os elementos disponíveis no contexto sócio histórico em questão que compõem, portanto, um repertório

---

<sup>6</sup> Giuseppe Tomasi di Lampedusa (Palermo, 23 de dezembro 1896 — Roma, 23 de Julho 1957) foi um escritor italiano.

<sup>7</sup>No original: “*Se vogliamo che tutto rimanga com'è, bisogna che tutto cambi*”.

<sup>8</sup>Herbert George Wells, conhecido como H. G. Wells (Bromley, Reino Unido, 21 de setembro de 1866 — Londres, 13 de agosto de 1946), foi um escritor britânico autor de grandes clássicos da ficção científica.

<sup>9</sup>Ernest Bramah (Manchester, 20 de março de 1868 – Londres, 27 de junho de 1942), nascido Ernest Brammah Smith, foi um escritor conservador.

<sup>10</sup>N.A. Sem tradução para o português. Literalmente, seria algo como “*O despertar do dorminhoco*”.

<sup>11</sup>N.A. Sem tradução para o português. Literalmente, traduz-se por “*O segredo da Liga*”.

interpretativo datado. A escolha estilística do termo *prophecy* [*profecia*] sugere uma teleologia que não se verifica, ao menos não de maneira explícita, ao longo do corpo do artigo de Orwell. Seria leviano supor que ele estava à procura de *profetas* na acepção do termo, mas, sem dúvidas, sua análise restringia-se a um conjunto de obras tidas como “proféticas” por um número considerável de leitores. O que as torna especiais, obviamente, são as vagas e imprecisas sugestões que fornecem sobre a eventual circulação de certo *ideário autoritário* em seus respectivos lócus de produção, anos antes de o fascismo de extrema direita tornar-se uma ameaça concreta. As referidas obras ilustram, assim, a crença defendida pelo historiador Robert Paxton de que o fascismo até poderia ter sido concebido em termos teóricos antes de 1914, entretanto, só se tornaria possível em termos práticos após o fim da Primeira Guerra. O ano de 1918 teria dado início, nas palavras de Paxton, à *Época do Fascismo* (2004, p. 32).

Em maior ou menor medida, os autores em questão haviam imaginado para a civilização ocidental um futuro sombrio, de opressão, violência e morte. Com o início da 2ª Guerra em 1939 parecia que esse futuro de desesperança e terror havia atingido seu clímax, o *horizonte de eventos*<sup>12</sup> em um caminho sinistro pavimentado no período entreguerras. Orwell dedica em seu artigo especial atenção à obra de London que estava sendo reeditada à época, mas que já havia sido traduzida para diversos idiomas e era muito apreciada por ilustres leitores da esquerda revolucionária: Lênin<sup>13</sup> tecera elogios à obra e Nikolai Bukharin - líder bolchevique e um dos principais autores soviéticos sobre a teoria revolucionária - tornou o romance de London o único representante norte-americano em sua bibliografia do comunismo (KERSHAW, 2013, p. 215). O laureado escritor Anatole France, vencedor do Nobel de Literatura em 1921, se referira a Jack London em certa ocasião como o “*Marx da América*” (STONE, 1969, p. 197). O revolucionário Leon Trotsky<sup>14</sup> afirmou sobre o romance:

O fato é incontestável: em 1907, Jack London já previu e descreveu o regime

---

<sup>12</sup> N.A. Terminologia utilizada na astronomia para referir-se ao ponto limítrofe de aproximação em relação a um buraco negro, após o qual, é impossível a qualquer espécie de matéria ou energia escapar à inevitável destruição provocada pelas incomensuráveis forças gravitacionais envolvidas.

<sup>13</sup> Vladimir Ilyich Ulyanov, mais conhecido pelo pseudônimo Lenin (Simbirsk, 22 de abril de 1870 – Gorki, 21 de janeiro de 1924), foi um revolucionário, político e teórico bolchevique.

<sup>14</sup> Leon Trótski, nascido Liev Davidovich Bronstein, (Ilanovka, Ucrânia, 7 de novembro de 1879 — Coyoacán, México, 21 de agosto de 1940) foi um intelectual revolucionário bolchevique organizador do Exército Vermelho.

fascista como o resultado inevitável da derrota da revolução proletária. Quaisquer que sejam os “erros” do romance – e eles existem -, não podemos deixar de nos curvar à poderosa intuição do artista revolucionário (TROTSKY, 1937 apud KERSHAW, 2013, p. 215).

Apesar de questionar essa interpretação, evidenciando o fato de que muitos dos fatores que propiciaram o nazifascismo – como, por exemplo, o recrudescimento do nacionalismo após a 1ª Guerra e as duras sanções impostas pela assinatura do Tratado de Versalhes – não poderiam ter sido “previstos” em 1907, ano de escrita do *Tacão de Ferro*, Orwell reconhece méritos pontuais na análise social efetuada por London, creditando-os a um traço de personalidade específico que o diferenciaria dos demais autores e que, por extensão, capacitá-lo-ia sobremaneira para interpretar o funcionamento da sociedade ocidental de início do século XX. Ao contrário de Huxley, Bramah e Wells, London não seria um “[...] *fully civilized man*”, ou seja, nas palavras de Orwell, ele jamais fora *completamente civilizado*. Em um primeiro momento, tal afirmação pode soar ofensiva e depreciativa, entretanto, Orwell a utiliza imbuída de certa dubiedade. É esse “*instinto selvagem*” que permitira a Jack London, segundo Orwell, enxergar em uma possível contrarrevolução conservadora uma luta violenta por sobrevivência que oporia classes sociais antagônicas. Ele teria identificado antecipadamente um perigo que só seria reconhecido pelos marxistas quando esses já estavam às portas dos campos de concentração.

London fora um leitor dedicado tanto de Marx quanto de Herbert Spencer, biólogo inglês a quem geralmente é atribuída a expressão “sobrevivência dos mais apto”. Marx havia previsto que o proletariado triunfaria inevitavelmente sobre a burguesia e que viria a substituí-la no comando da sociedade, tal qual os burgueses também o fizeram anteriormente em relação à aristocracia. A evolução social marxista, abertamente inspirada pela evolução natural darwinista, representaria forças motrizes que não poderiam ser contidas e cuja marcha histórica não poderia ser revertida. Não haveria espaço para retorno a um estado anterior, para a involução social. Como marxista ortodoxo, London sempre professou a fé de que o triunfo do proletariado não poderia ser evitado, entretanto, esgalado com a aspereza e a violência do mundo peculiar e rude no qual vivia, calculava com pessimismo as chances de sucesso revolucionário. Em seu entendimento, uma vez apossadas as elites reagiriam como feras primitivas, como “[...] *homens das cavernas vestidos a*

*rigor, mostrando os dentes e grunhindo [...]”* (LONDON, 2011, p. 65) - no original: *[...] cave-man, in evening dress, snarling and snapping [...]* (LONDON, 1908, p. 74) - em defesa de suas propriedades. Apesar de descrever os membros das classes dominantes como monstros sanguinários, London os vê como seres tão corajosos, hábeis e devotados à manutenção do *status quo* quanto os revolucionários que almejavam colocar termo à ordem estabelecida. Eles não desistiriam sem lutar. Segundo Orwell (1940, p. 3),

Intelectualmente, London aceitava as conclusões do Marxismo, e imaginava que as ‘contradições’ do capitalismo, o excedente inconsumível e assim por diante, persistiriam mesmo depois de a classe capitalista organizar-se em um único grupo corporativista. Mas em seu temperamento ele era muito diferente da maioria dos Marxistas. Com seu amor pela violência e pela força física, sua crença em uma ‘aristocracia natural’, sua adoração pela essência animal e exaltação dos instintos primitivos, ele possuía em si o que alguns podem chamar, muito justamente, como uma centelha fascista. Isso provavelmente o ajudou a compreender exatamente como as classes dominantes iriam comportar-se, uma vez que, estivessem seriamente ameaçadas. No original: *In an intellectual way London accepted the conclusions of Marxism, and he imagined that the ‘contradictions’ of capitalism, the inconsumable surplus and so forth, would persist even after the capitalist class had organized themselves into a single corporate body. But temperamentally he was very different from the majority of Marxists. With his love of violence and physical strength, his belief in ‘natural aristocracy’, his animal-worship and exaltation of the primitive, he had in him what some might fairly call a Fascist strain. This probably helped him to understand just how the possessing class would behave when once they were seriously menaced.*

Em termos contemporâneos, creditar a um marxista ortodoxo como Jack London um pendor fascista pode soar contraditório. Entretanto, a linha que atualmente opõe esquerda e direita já ocupou posições distintas em um passado não tão distante. Autores como George Sorel, por exemplo, exerceram influências decisivas tanto sobre a esquerda revolucionária quanto sobre a direita reacionária, especialmente, no que tange à ação política direta e ao emprego da violência. London faleceu precocemente, aos 40 anos de idade, em 22 de novembro de 1916. A reunião de ex-combatentes liderada por Benito Mussolini<sup>15</sup> na *Piazza San Sepolcro* em Milão, marco temporal que usualmente delimita o nascimento do fascismo enquanto movimento político, ocorreria somente em 23 de março de 1919 (PAXTON, 2004, p. 5). Isso não impediu, no entanto, que Orwell atribuísse a London uma “centelha fascista”, um conjunto de idiosincrasias que o impeliriam à violência e ao radicalismo político. O que o

---

<sup>15</sup> Benito Amilcare Andrea Mussolini (Predappio, Itália, 29 de julho de 1883 — Mezzegra, Itália, 28 de abril de 1945) foi o líder político e militar da Itália Fascista.

aproximaria do fascismo, portanto, seriam os *meios* de ação política direta e não os *fins* almejados. Essa aparente confusão deve-se, em grande medida, a apropriação da retórica revolucionária pelos fascistas, que defendiam a realização de uma “revolução conservadora” em oposição à revolução do proletariado. Independentemente de quais foram suas intenções originais ao escrever o *Tacão de Ferro*, fato é que a recepção à obra entre o público leitor tratou de lhe atribuir um viés antecipatório, desde então, indissociavelmente atrelado à narrativa ficcional. Mas afinal, o que há, efetivamente, do que se entende atualmente por fascismo no romance de London? Antes de avançar para esta questão, convém estabelecer de forma clara a qual fascismo farei referência.

### 1.3 DEFININDO O FASCISMO

A palavra *fascismo* foi incorporada ao léxico político corrente ao longo do século XX. De origem italiana, faz referência ao *fascio*, uma espécie de machado de origem romana cujo cabo era revestido por diversos feixes de madeira e que servia tanto para aplicação de castigos físicos quanto para a execução de penas capitais. Por conta de suas funções o *fascio* usualmente é entendido como um símbolo vigoroso do poder secular do soberano em relação aos seus súditos. Conforme aponta o historiador norte-americano Robert Owen Paxton (2004, p. 4), a palavra *fascio* era utilizada desde fins do século XIX na Itália por determinados grupos políticos com o intuito de servirem-se da simbologia do *fascio* romano que remetia à união – a soma dos feixes confere-lhes uma força que não possuiriam individualmente. Assim surgiram, já durante a Primeira Guerra, alguns *Fascios di Combattimento*, posteriormente transformados em partido político por veteranos ávidos em comandar países pelos quais julgavam ter derramado sangue e suor nas trincheiras. As experiências de inspiração fascista multiplicaram-se independentes umas das outras, cada qual contando com especificidades nacionais que dificultam quaisquer tentativas de generalização, de se encontrar um denominador comum que as definam enquanto pertencentes a um movimento mais amplo. À já complicada tarefa de delimitar com exatidão o que seria o fascismo soma-se a incorporação do termo ao vocabulário

corrente. No senso comum, a palavra *fascismo* perdeu sua especificidade, tornando-se um adjetivo genérico aplicável de forma ampla a toda e qualquer experiência ou ideologia violenta e/ou antidemocrática. A flexibilização terminológica conduziu a extremos interpretativos diversos e, inclusive, à crença de que o fascismo, tal qual o stalinismo, seria um movimento político de extrema-esquerda. Para dirimir questões dessa natureza, lanço mão na presente dissertação de um artigo escrito por Umberto Eco<sup>16</sup> em 1995 e intitulado *Ur-Fascism*.

Ao longo das cerca de 10 páginas do texto, Eco traça algumas reflexões sobre suas próprias experiências com o fascismo durante sua juventude na Itália de Mussolini. Além disso, o autor elenca sem desconsiderar as diferenças e especificidades entre os diversos regimes os principais aspectos constitutivos da ideologia fascista, segundo sua interpretação, e as eventuais aproximações ideológicas entre o fascismo italiano e a imensa miríade de variações que se espalharam pela Europa – notadamente na Letônia, Estônia, Lituânia, Polônia, Hungria, Romênia, Bulgária, Grécia, Iugoslávia, Espanha, Portugal, Noruega e, claro, na Alemanha – e América do Sul, entre as décadas de 1920 e 1940. Segundo Eco (1995), “[...] *pode-se dizer que o fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita que dominou um país europeu e que, em seguida, todos os movimentos análogos encontraram um arquétipo comum no regime de Mussolini*”. O modelo italiano, por sua vez, surgiu em contraposição aos governos liberais europeus, tendo convencido muitos líderes políticos, de que seria “[...] *uma alternativa moderadamente revolucionária à ameaça comunista*” (ECO, 1995).

Ao lembrar seus anos de juventude e a imensa influência exercida pelo fascismo durante esse período Eco afirma que, apesar de praticamente onipresente em todos os setores da sociedade italiana, o fascismo não possuía uma estrutura ideológica monolítica, ao contrário, teria sido composto por uma colagem heterodoxa de elementos muitas vezes contraditórios entre si. Mussolini não possuía nenhuma filosofia coesa, apenas uma retórica inflamada. Apesar da ausência de uma base filosófica discernível, “[...] *do ponto de vista emocional [o fascismo] era firmemente articulado a alguns arquétipos [...]*”, ou seja, sempre haveria, de acordo com o autor,

---

<sup>16</sup> Umberto Eco (Alexandria, Itália, 5 de janeiro de 1932 — Milão, 19 de fevereiro de 2016) foi um escritor, filósofo, semiólogo e linguista.

elementos comuns aos diferentes regimes, uma matéria-prima ideológica compartilhada e que comporia, segundo a bela metáfora criada por Eco, uma “*nebulosa fascista*”<sup>17</sup>. Voltarei a ela, em momento oportuno, no capítulo 5. Prossegue Umberto Eco (1995) afirmando que,

[...] embora os regimes políticos possam ser derrubados e as ideologias criticadas e destituídas de sua legitimidade, por trás de um regime e de sua ideologia há sempre um modo de pensar e de sentir, uma série de hábitos culturais, uma nebulosa de instintos obscuros e de pulsões insondáveis.

A estes “*instintos e pulsões*” os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari conferiram o nome de *microfascismos* conforme será possível observar mais adiante. Para tentar ilustrar a interconexão entre regimes políticos distintos mas, não obstante, fundamentados sobre algumas bases ideológicas em comum, Eco recorre à noção de *jogo* criada pelo eminente filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein<sup>18</sup>. Um jogo, nesse sentido, pode ser ou não competitivo, pode envolver uma ou mais pessoas, pode exigir alguma habilidade particular ou nenhuma, pode envolver dinheiro ou não. Os jogos, segundo Wittgenstein, são uma série de atividades diversas que apresentam apenas alguma “*semelhança de família*” entre si. O mesmo aplicar-se-ia, de acordo com Umberto Eco, à noção de fascismo. Tomemos por exemplo o conjunto abaixo:

|                        |                        |                        |                        |
|------------------------|------------------------|------------------------|------------------------|
| <b>1</b><br><i>abc</i> | <b>2</b><br><i>bcd</i> | <b>3</b><br><i>cde</i> | <b>4</b><br><i>def</i> |
|------------------------|------------------------|------------------------|------------------------|

Segundo Eco (1995):

Suponhamos que exista uma série de grupos políticos. O grupo 1 é caracterizado pelos aspectos *abc*, o grupo 2, pelos aspectos *bcd* e assim por diante. 2 é semelhante a 1 na medida em que têm dois aspectos em comum. 3 é semelhante a 2 e 4, além de ser semelhante a 1, por possuírem em comum o aspecto *c*. O caso mais curioso é dado pelo grupo 4, obviamente semelhante a 3 e a 2, mas sem nenhuma característica em comum com 1. Contudo, em virtude da ininterrupta série de decrescentes similaridades entre 1 e 4, permanece, por uma espécie de transitoriedade ilusória, um ar de família entre 4 e 1. O termo “fascismo” adapta-se a tudo porque é possível

<sup>17</sup> N.A. Em astronomia intitulam-se *nebulosas* as imensas nuvens cósmicas de poeira, hidrogênio, hélio e plasma que, eventualmente, tornam-se “berçários estelares”, dando origem às novas estrelas e planetas.

<sup>18</sup> Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (Viena, Áustria, 26 de abril de 1889 — Cambridge, Reino Unido, 29 de abril de 1951) foi um filósofo com relevantes trabalhos nas áreas da lógica, filosofia da linguagem, filosofia da matemática e filosofia da mente.



eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos, e ele continuará sempre a ser reconhecido como fascista.

Com o intuito de facilitar eventuais comparações entre regimes políticos distintos, Eco estabeleceu uma lista de características atribuídas por ele ao *Ur-Fascismo* ou *Fascismo Eterno*. Segundo Eco, tais aspectos ideológicos não compõem um sistema homogêneo, uma vez que, muitos deles seriam contraditórios entre si; além disso, alguns seriam típicos, também, de outras formas de despotismo ou fanatismo. Mas é suficiente, de acordo com Eco (1995), “[...] que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista”. Estes elementos, então, comporiam a matéria-prima de um “berçário de fascismos”. Tomando por base os parâmetros estabelecidos por Eco, analisarei nos capítulos subsequentes o significado atribuído por leitores da esquerda ao *Tacão de Ferro* – de uma “antecipação” do fascismo – buscando identificar indicativos culturais e sócio históricos que coadunem, ou não, tal interpretação. Resumidamente, os elementos indicados por Eco (1995) são os seguintes:

**1. Conservadorismo ou tradicionalismo:** A primeira característica de um Ur-Fascismo é o *culto da tradição*, baseado na crença de que a “verdade” definitiva já nos fora revelada no passado cabendo-nos assim, apenas, a missão de reinterpretar, continua e indefinidamente, sua obscura mensagem. Toda evolução é deturpada para adaptar-se aos parâmetros preestabelecidos em uma espécie de sincretismo que não admite divergências e onde não há espaço para contradições. Mudanças são desnecessárias e indesejáveis. O progresso é uma ameaça à estabilidade do *status quo*.

**2. Irracionalismo:** O tradicionalismo implica a recusa da racionalidade. Tudo aquilo que é construído sobre bases racionais está sujeito ao escrutínio da razão. O que a razão constrói, acaba por destruir posteriormente. O mundo racional é fluído, renova-se indefinidamente; o irracional é perene, suas bases são sólidas e devem permanecer obscuras e imutáveis, protegidas de qualquer questionamento racional.

**3. Culto da Ação:** O irracionalismo depende também do *culto da ação pela ação*. A ação é bela em si, portanto, deve ser realizada antes de e sem qualquer reflexão. O homem foi feito para agir e não para pensar, portanto, a intelectualidade é suspeita à medida em que é identificada com atitudes críticas.

4. **Pensamento unitário:** Nenhuma forma de sincretismo pode aceitar críticas. O espírito crítico opera distinções, e distinguir é um sinal de modernidade. Na cultura moderna a comunidade científica percebe o desacordo como instrumento de avanço dos conhecimentos. Para o Ur-Fascismo, o desacordo é traição.

5. **Aversão à diversidade:** O desacordo é, além disso, um sinal de diversidade. O Ur-Fascismo cresce e busca o consenso desfrutando e exacerbando o natural medo da diferença. O primeiro apelo de um movimento fascista ou que está se tornando fascista é contra os inimigos reais ou imaginários, quer sejam eles internos ou externos. O Ur-Fascismo é, portanto, racista por definição.

6. **Retórica do Descontentamento:** O Ur-Fascismo provém da frustração individual ou social. O que explica porque uma das características dos fascismos históricos tem sido o apelo às classes médias frustradas, desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão dos grupos sociais subalternos.

7. **Nacionalismo:** Para os que se veem privados de qualquer identidade social o Ur-Fascismo oferece os indelévels laços de sangue e de solo que constituem sua visão de *Nação*. Além disso, os únicos que podem fornecer uma identidade nacional são, por meio de um processo de alteridade, os inimigos. Assim, na raiz da psicologia Ur-Fascista está a obsessão do complô.

8. **Dubiedade dos inimigos:** Os adeptos devem sentir-se humilhados pela riqueza ostensiva e pela força do inimigo. Devem, contudo, estar convencidos de que podem derrotá-lo. Graças a um contínuo deslocamento de registro retórico, os inimigos são, ao mesmo tempo, fortes demais e fracos demais.

9. **Beligerância contínua:** Para o Ur-Fascismo não há luta pela vida, mas antes “vida para a luta”. Logo, o pacifismo é sinal de fraqueza e de conluio com o inimigo; é deletério porque a vida é uma guerra permanente. A estética da força física e da violência é muito cara à concepção de mundo do fascismo.

10. **Sociedade de castas e desprezo aos “fracos”:** O elitismo é um aspecto típico de qualquer ideologia reacionária, enquanto fundamentalmente aristocrática. O líder, cujo poder não foi obtido por delegação, mas conquistado pela força, sabe também

que sua força baseia-se na debilidade das massas, tão fracas que têm necessidade e merecem um “dominador”. No momento em que o grupo é organizado hierarquicamente (segundo um modelo militar), qualquer líder subordinado despreza seus subalternos e cada um deles despreza, por sua vez, os seus subordinados.

11. **Culto ao herói:** Nesta perspectiva, cada um é educado para tornar-se um herói. Em qualquer mitologia, o “herói” é um ser excepcional, mas na ideologia Ur-Fascista o heroísmo é a norma. Há sempre um “salvador da pátria”, um líder imaculado enviado pela Providência para conduzi-los.

12. **Machismo:** Como tanto a guerra permanente como o heroísmo são jogos difíceis de jogar, o Ur-Fascista transfere sua vontade de poder para questões sexuais, donde provém a misoginia e a homofobia.

13. **Populismo qualitativo:** Em uma democracia os cidadãos gozam de direitos individuais, mas, o conjunto de cidadãos só é dotado de impacto político do ponto de vista quantitativo (as decisões da maioria são acatadas). Para o Ur-Fascismo os indivíduos enquanto indivíduos não têm direitos, e, “o povo”, é concebido como uma qualidade, uma entidade monolítica que exprime “a vontade comum”. Como nenhuma quantidade de seres humanos pode ter uma vontade comum, a validade das atividades parlamentares é colocada sob dúvida, a democracia é obliterada e o líder apresenta-se como o único e legítimo porta-voz das massas.

14. **O Ur-Fascismo fala a “novilíngua”:** Eco refere-se diretamente a George Orwell e à *novilíngua* de seu romance *1984* para ilustrar a tática fascista de empobrecimento cultural deliberado que tem por intuito limitar os instrumentos formais necessários à construção de raciocínios complexos e/ou críticos.

Para todos os efeitos, sempre que a presente dissertação fizer referência à palavra fascismo, o fará de acordo com as definições elaboradas por Umberto Eco. No capítulo 4 tratarei de forma mais aprofundada da presença, ou não, de tais elementos, seja implícita ou explicitamente, em *O Tachão de Ferro*. Sugiro aos eventuais leitores que marquem com cuidado as páginas anteriores para que possam retomar sua leitura sempre que necessário à elucidação de eventuais questionamentos na sequência do texto. Os referidos elementos fazem referência às típicas políticas públicas de inspiração fascista sem que, no entanto, deixem de

referenciarem-se também aos valores e preconceitos individuais, a toda uma série de *microfascismos* que compõem o quadro cultural que propiciaria, sob condições históricas e sociais específicas, o apoio necessário ao surgimento e sustentação dos regimes fascistas. A terminologia pode induzir a equívocos interpretativos, mas os *microfascismos* não são menos perigosos por conta de suas dimensões. Pelo contrário, sem o apoio de uma bem estruturada e difundida teia de pequenos ódios e preconceitos os governos fascistas dificilmente teriam sobrevivido por muito tempo.

#### 1.4 OS MICROFASCISMOS

O artigo de Umberto Eco parece dialogar com o texto escrito por Gilles Deleuze<sup>19</sup> e Félix Guattari<sup>20</sup> e intitulado “1933 - *Micropolítica e Segmentaridade*”(1980). As similaridades estendem-se para além das metáforas astronômicas utilizadas pelos autores: Eco afirma que a observância de elementos constitutivos do *Ur-Fascismo* em dada sociedade apontaria a existência de uma *nebulosa fascista*; Deleuze e Guattari atribuiriam a esses elementos o nome de *microfascismos*, que operariam como microburacos negros com potencial para confluírem em um grande buraco negro centralizado, o estado fascista. Em síntese, Deleuze e Guattari colocam em questão a aparência monolítica e centralizadora do regime fascista. As exibições grandiloquentes de poder são historicamente relevantes, mas focam-se apenas em uma das faces do fascismo. Não poderíamos entendê-lo em sua totalidade sem considerarmos sua capilaridade e sua capacidade de potencializar sentimentos preexistentes. Segundo os autores, somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções: binariamente, a partir de grandes oposições duais de classes, gêneros e faixas etárias; circularmente, em círculos que vão das dimensões menores para as maiores – família, bairro, cidade, país; e, por fim, linearmente por meios de linhas retas onde cada segmento representa um episódio ou processo de nossas vidas. Em relação à segmentaridade circular

---

<sup>19</sup>Gilles Deleuze (Paris, 18 de Janeiro de 1925 — Paris, 4 de Novembro de 1995) foi um filósofo francês.

<sup>20</sup> Félix Guattari (Villeneuve-les-Sablons, Oise, 30 de abril de 1930 — Cour-Cheverny, 29 de agosto de 1992) foi um filósofo, psicanalista e militante revolucionário francês.

observa-se uma tentativa constante do Estado de tornar os círculos concêntricos, convergentes a um mesmo ponto:

A segmentaridade torna-se dura, na medida em que todos os centros ressoam, todos os buracos negros caem num ponto de acumulação [...]. O rosto do pai, do professor primário, do coronel, do patrão se põem a redundar, remetendo a um centro de significância que percorre os diversos círculos e perpassa todos os segmentos. As microcabeças flexíveis, as rostificações animais são substituídas por um macro-rosto cujo centro está por toda parte e a circunferência em parte alguma (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 80).

Toda sociedade e todos os indivíduos seriam, pois, atravessados por tais segmentaridades simultaneamente: uma primitiva e mais flexível, chamada por Deleuze e Guattari de “molecular”, e outra moderna e rígida, intitulada “molar”. As reflexões de Deleuze e Guattari tornam-se especialmente relevantes para a presente dissertação quando passam a abordar as origens do fascismo sob a perspectiva da segmentaridade social anteriormente apresentada. Segundo os autores, pode-se dizer que o fascismo implica em um regime molecular e microssocial que não se confunde com os segmentos molares macrossociais ou com a centralização estatal. Tampouco poderíamos reduzi-lo a uma concepção que o próprio fascismo criara: o *Estado Totalitário*. Este conceito, para Deleuze e Guattari, só é aplicável em escala macropolítica para um modo especial de totalização e centralização. Ocorre que o fascismo seria inseparável de seus focos moleculares, que interagem e pululam aqui e acolá até ressoarem todos no Estado nacional-socialista. Neste sentido, não deveríamos imaginar o fascismo desconsiderando suas inúmeras fragmentações:

Fascismo rural e fascismo de cidade ou de bairro, fascismo jovem e fascismo ex-combatente, fascismo de esquerda e de direita, de casal, de família, de escola ou de repartição: cada fascismo se define por um *microburaco* negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco negro central generalizado (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.84).

Mesmo quando o Estado nacional-socialista se instala ele não se permite prescindir dos microfascismos que lhe garantem um amplo campo de ação sobre as massas. Como se, por meio dessa segmentaridade flexível, destas microorganizações preexistentes, fosse possível ao Estado acessar todas as células do corpo social. Neste sentido, Deleuze e Guattari afirmam que a grande potência do fascismo reside, justamente, em sua capilaridade micropolítica junto à população e não em sua capacidade de centralização, em sua segmentaridade dura. Quando de sua ascensão

o nacional-socialismo teria encontrado uma vasta massa já disposta a ser fascista, a desejar sua própria repressão. Todo um conjunto de *microfascismos* preexistentes propiciou a ascensão de regimes fascistas quando as condições sócio históricas foram favoráveis à acumulação de suas valências. Para os autores, não há nenhuma explicação masoquista, nenhum engodo ideológico que justifique tal receptividade. Do contrário, esse desejo seria sujeito a agenciamentos complexos, que

[...] passam necessariamente por níveis moleculares, microformações que moldam de antemão as posturas, as atitudes, as percepções, as antecipações, as semióticas, etc. O desejo nunca é uma energia pulsional indiferenciada, mas resulta ele próprio de uma montagem elaborada, de um *engineering* de altas interações: toda uma segmentaridade flexível que trata de energias moleculares e determina eventualmente o desejo de já ser fascista (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 85).

As formas macro e microsociais não se distinguem simplesmente por suas dimensões. Se é verdade que o molecular opera nos detalhes, em pequenos grupos, nem por isto deixa de ser coextensivo a todo o campo social, tanto quanto à organização molar. A diferença qualitativa entre ambas não impede que se aticem ou confirmem-se mutuamente, de modo que há sempre uma relação de proporcionalidade entre as duas, seja direta ou inversamente. Ocorre que, muitas vezes, as organizações moleculares atuam como pequenos fluxos desestabilizadores da ordem macrossocial. Um riacho que efetua ziguezagues por entre os elementos rígidos, escapando à centralização e à totalização. Escoando de forma errática. Por vezes, unindo-se a outros fluxos semelhantes e, em outras, perdendo substância e significância até extinguir-se por completo. Segundo Deleuze e Guattari, os grandes movimentos que agitam as sociedades apresentar-se-iam, assim, como uma confluência de movimentos subterrâneos, muito mais do que como afrontamentos molares:

Diz-se erroneamente (sobretudo no marxismo) que uma sociedade se define por suas contradições. Mas isso só é verdade em grande escala. Do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga, que são moleculares. Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina de sobrecodificação: aquilo que se atribui a uma “evolução dos costumes”, os jovens, as mulheres, os loucos, etc. Maio de 68 na França era molecular, e suas condições ainda mais imperceptíveis do ponto de vista da macropolítica. [...] Um fluxo molecular escapava, minúsculo no começo, depois aumentando sem deixar de ser inassinalável (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 86-87).

A relevância de tais movimentos consistiria, justamente, em sua capacidade de repassar pelas organizações molares, remanejando seus segmentos, suas

distribuições binárias de sexos, de classes e de partidos. Teria Jack London sido capaz de identificar um movimento de natureza similar? De que algo poderia ocorrer caso as perspectivas observadas à época fossem preservadas? Há várias passagens no *Tacão de Ferro* que sugerem essa percepção como, por exemplo:

Jamais na história do mundo a sociedade esteve em um caminho tão terrível quanto neste preciso momento. As rápidas mudanças em nosso sistema industrial estão causando mudanças igualmente rápidas em nossas estruturas religiosas, políticas e sociais. Uma revolução invisível e tremenda está ocorrendo nos filamentos e na estrutura da sociedade. É uma coisa vaga, mas podemos pressenti-la; paira no ar. Pode-se perceber que ela avulta; algo vasto, impreciso e terrível (LONDON, 2011, p. 85-86). [*“Never in the history of the world was society in so terrific flux as it is right now. The swift changes in our industrial system are causing equally swift changes in our religious, political, and social structures. An unseen and fearful revolution is taking place in the fibre and structure of society. One can only dimly feel these things. But they are in the air, now, to-day. One can feel the loom of them — things vast, vague, and terrible”*](LONDON, 1908, p. 104).

E:

Foi por essa época que os sinais da chegada de novos acontecimentos começaram a nos rondar de forma intensa e veloz. [...] Havia prenúncios, mas eu não lhes dava atenção (LONDON, 2011, p. 83). No original: *It was about this time that the warnings of coming events began to fall about us thick and fast. [...] There were warnings, but I did not heed them* (LONDON, 1908, p. 100).

Ou:

[...] Há uma sombra de algo colossal e ameaçador que agora mesmo está começando a atingir a nação. Chame essa sombra de oligarquia, se quiser; não me atrevo a ir mais longe. Talvez me recuse a imaginar qual seja sua natureza (LONDON, 2011, p. 86). No original: [...] *there is a shadow of something colossal and menacing that even now is beginning to fall across the land. Call it the shadow of an oligarchy, if you will; it is the nearest I dare approximate it. What its nature may be I refuse to imagine* (LONDON, 1908, p. 104-105).

Ou ainda:

Estou lhe avisando, estamos entrando num terreno desconhecido. [...] Coisas de vulto estão acontecendo ao nosso redor sem que saibamos; podemos senti-las; não sabemos o que são, mas que acontecem, acontecem. Toda a máquina da sociedade reverbera com elas. Não me pergunte. Eu mesmo não sei. Mas, fora do fluxo da sociedade, algo está para se cristalizar (LONDON, 2011, p. 129). No original: *I tell you we are on the verge of the unknown. [...] Big things are happening secretly all around us. We can feel them. We do not know what they are, but they are there. The whole fabric of society is a-tremble with them. Don't ask me. I don't know myself. But out of this flux of society something is about to crystallize* (LONDON, 1908, p. 167).

Antes de o fascismo tornar-se uma força dominante no campo da política ocidental, seus microfascismos espalhavam-se erratically por diversos setores da sociedade, aguardando por um chamado, por algo capaz de torná-los convergentes. Uma crise severa, o nacionalismo do pós-guerra, o medo e o ódio irracionais em relação a alguma minoria, enfim, um ambiente político propício. Para os autores, não há poder que regule os fluxos de mudança em absoluto. Do contrário, acreditar que o Estado seria capaz de exercer qualquer espécie de domínio formal sobre eles revelar-se-ia, na opinião de ambos, uma crença “[...] *ridícula e fictícia*” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 99). O que caberia aos centros de poder, neste sentido, seriam agenciamentos capazes de adaptar os segmentos molares para acomodar e sobrecodificar os fluxos moleculares.

Quanto à interconexão entre as estruturas molares e moleculares - macro e microsociais - e a zona de indeterminação entre ambas, Deleuze e Guattari afirmam que há alguns perigos que lhe são inerentes: *o medo, a clareza e o grande desgosto* ou *“paixão de abolição”*. Em relação ao *medo*, tememos o tempo todo perder a segurança, a grande organização molar que nos sustenta, as oposições binárias cristalizadas que nos fornecem um estatuto bem definido. Invariavelmente, essa sensação de insegurança nos impele às estruturas molares, à máquina abstrata de sobrecodificação do estado. Neste sentido, quanto mais estável fosse a segmentaridade mais ela nos tranquilizaria. Aqui encontramos o conservadorismo que é a base do *Ur-Fascismo*. O receio de perder o bastião da tradição impele as elites à ação contrarrevolucionária. O segundo perigo elencado por Deleuze e Guattari é o da *clareza*. Essencialmente molecular, a clareza induzir-nos-ia a acreditar termos encontrado todas as lacunas, todas as discontinuidades e inconsistências dos segmentos duros. Subitamente, julgamos ter entendido tudo, como se o véu que recobre as estruturas sociais houvesse sido descortinado perante nossos olhos. Tornamo-nos prisioneiros de nossas próprias convicções. Não ousamos mais questioná-las. Superado o *medo* de abandonarmos as estruturas rígidas, a estabilidade dos segmentos molares, abandonamo-nos à fé cega em nossas próprias percepções. Nesta dimensão, podemos já encontrar traços dos microfascismos que, segundo os autores:

[...]têm sua especificidade, eles podem cristalizar-se num macrofascismo, mas também flutuar por si mesmos sobre a linha flexível, banhando cada



minúscula célula. [...] Em lugar do grande medo paranoico, encontramos presos por mil monomaniazinhas, evidências e clarezas que jorram de cada buraco negro e que não fazem mais sistema e sim rumor e zumbido, luzes ofuscantes que dão a qualquer um a missão de um juiz, de um justiceiro, de um policial por conta própria [...]. Vencemos o medo, abandonamos as margens da segurança, mas entramos num sistema não menos concentrado, não menos organizado, um sistema de pequenas inseguranças, que faz com que cada um encontre seu buraco negro e torne-se perigoso nesse buraco, dispondo de uma clareza sobre seu caso, seu papel e sua missão [...] (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 102).

É possível identificar esse sentimento em *O Tacão de Ferro*:

Eu não disse tudo a respeito da integridade moral da classe oligárquica inteira. Ela era a força do Tacão de Ferro, e muitos dos companheiros ou não entendiam isso, ou eram reticentes em aceita-lo. Muitos deles creditam a força do Tacão de Ferro ao seu sistema de recompensa e punição. Isto é um engano. O céu e o inferno podem ser o fator principal de zelo na religião de um fanático; mas, para a grande maioria dos religiosos, o céu e o inferno são incidentais em relação ao certo e o errado. Amar a justiça, desejar o bem, rejeitar tudo o que não seja completamente bom; em suma, fazer o que é direito, esse é o fator elementar da religião. E também da oligarquia. Prisões, banimentos e degradação, honras e palácios e cidades maravilhosas, tudo isso é incidental. A grande força propulsora dos oligarcas é a crença de que fazem o que é direito (LONDON, 2011, p. 225). No original: *I cannot lay too great stress upon this high ethical righteousness of the whole oligarch class. This has been the strength of the Iron Heel, and too many of the comrades have been slow or loath to realize it. Many of them have ascribed the strength of the Iron Heel to its system of reward and punishment. This is a mistake. Heaven and hell may be the prime factors of zeal in the religion of a fanatic; but for the great majority of the religious, heaven and hell are incidental to right and wrong. Love of the right, desire for the right, unhappiness with anything less than the right—in short, right conduct, is the prime factor of religion. And so with the Oligarchy. Prisons, banishment and degradation, honors and palaces and wonder-cities, are all incidental. The great driving force of the oligarchs is the belief that they are doing right. Never mind the exceptions, and never mind the oppression and injustice in which the Iron Heel was conceived. All is granted. The point is that the strength of the Oligarchy to-day lies in its satisfied conception of its own righteousness* (LONDON, 1908, p. 300-301).

Há inda um perigo concernente às linhas de fuga propriamente ditas. O grande risco inerente é de que o desejo de mudança, ao invés de conectar-se com outras linhas semelhantes aumentando suas valências, torne-se desejo de destruição pura e simples. O ímpeto desterritorializante constitui-se em uma máquina de guerra que opera, não pela mutação dos segmentos, mas por sua destruição. Quando o fluxo de mudança, revestido em máquina de guerra, torna-se impotente, quando perde suas qualidades mutantes, já não há nada além de *desejo de abolição*. É nesse ponto que, segundo os autores, encontramos o paradoxo do fascismo e sua diferença em relação ao totalitarismo. O totalitarismo seria concernente ao Estado, à máquina de

sobrecodificação e, essencialmente, conservador. O fascismo representaria a tomada do poder por uma *máquina de guerra* – antes de ser totalitário, o fascismo seria um estado *suicidário*. Ao contrário dos regimes totalitários, que buscam vedar e controlar todas as linhas de fuga possíveis, o fascismo constitui-se sobre uma imensa linha de destruição.

O grande “mérito” – se é que podemos utilizar este termo – dos regimes nacional-socialistas quanto a estes *microfascismos* reside em sua capacidade centrífuga, de centralização. Neste sentido, vemos a máquina política adaptando-se a sentimentos e elementos já presentes, ainda que de forma pulverizada e desconexa em amplas áreas da sociedade. Somos induzidos, muitas vezes, a crer no contrário: que os indivíduos foram contaminados pela doença fascista disseminada pela publicidade oficial que, como um cancro, espalhou-se por todas as células do corpo social até subjugar-lo completamente. Do ponto de vista de Deleuze e Guattari, como observado anteriormente, nada poderia ser mais equivocado. Os regimes fascistas teriam atuado como catalisadores de um agente patogênico preexistente, fornecendo um ambiente adequado para seu florescimento; garantindo aos indivíduos a liberdade necessária para dar livre vazão aos seus impulsos latentes. Setores das sociedades acometidas sentiram-se à vontade para secretar seus *microfascismos*, os pequenos buracos-negros que confluíam na formação de outro ainda maior. De acordo com Robert Paxton (2004, p. 42) as paixões mobilizantes do fascismo dificilmente poderiam ser contextualizadas historicamente, conquanto algumas delas são tão antigas quanto Caim. Parece incontestável, no entanto, que a febre de intenso nacionalismo antes da Primeira Guerra e as paixões despertadas pelo conflito acentuaram esses sentimentos. O Fascismo era uma questão muito mais de entranhas do que do cérebro, e um estudo de suas raízes que trate apenas de seus pensadores e escritores está fadado a desconsiderar seus impulsos mais poderosos.

O que torna o romance de Jack London especial é a aparente capacidade demonstrada pelo autor de captar alguns desses microfascismos latentes, sintomas de uma sociopatia até então desconhecida. Por trás de um muito racional processo contrarrevolucionário promovido pelas elites para proteger suas carteiras dos revolucionários haveria, como sugerido por London, apenas “homens da caverna vestidos a rigor” grunhindo e mostrando os dentes. O que London sugere por meio das palavras de Ernest é a crença de que seria possível identificar em alguns eventos

e comportamentos observados na sociedade de então traços de algo novo e grandioso, ainda que, seus contornos não estivessem devidamente definidos. O tradicionalismo das elites, seus preconceitos e arrogância; a perseguição a John Cunningham e ao bispo Morehouse por conta de suas opiniões; a instituição da tropa paramilitar dos Mercenários; a desarticulação da classe operária por meio de uma política de privilégios e concessões a alguns sindicatos em detrimento dos demais trabalhadores; a arbitrariedade das prisões políticas; o estado fantoche nas mãos das elites. Todos esses elementos convergiam para algo novo e assustador. Jack London vislumbrava algo como o fascismo no horizonte? É difícil saber, mas levando-se em consideração as similaridades observadas entre o personagem principal de *O Tação de Ferro* e seu criador, é possível que algumas das palavras de Ernest representem a voz autoral no romance. Neste sentido, portanto, é provável que a narrativa revele receios pessoais de Jack London tal qual as maravilhas da *Utopia* externavam as esperanças humanistas de Thomas More. Ave de mau agouro ou não, Jack London revelou-se um portentoso analista social e político. Se a acuidade de seu *Tação de Ferro* não faz jus ao título de profeta que lhe fora conferido, ao menos revela-se um documento histórico relevante que nos permite identificar alguns dos sentimentos e atitudes que conduziram os fascistas ao poder como demonstrarei na sequência.

## 1.5 OBJETIVOS GERAIS

Tendo em vista o anteriormente exposto, a presente dissertação tem por objetivo principal analisar a narrativa fictícia de *O Tação de Ferro*, partindo da premissa de que seria possível, segundo o significado atribuído *a posteriori* por seu público leitor de esquerda, identificar na obra um esboço do que viria a ser o processo de ascensão política do fascismo nas décadas de 1920 e 1930, na Itália e Alemanha. Como nem sempre os discursos e as práticas fascistas eram coerentes, julgo ser necessário realizar uma abordagem do romance que seja capaz de identificar elementos em ambas as esferas e, para tanto, lançarei mão dos parâmetros ideológicos delimitados por Umberto Eco e por Gilles Deleuze e Felix Guattari apresentados detalhadamente nas páginas anteriores, bem como, de conceitos apontados por Ernst Cassirer e Isaiah Berlin enquanto componentes retóricos e

ideológicos dos fascismos. Em relação às práticas fascistas propriamente ditas, me servirei da excelente pesquisa realizada pelo professor Robert Owen Paxton e voltada, especificamente, às práticas políticas observadas no pragmático processo de ascensão do fascismo, evento similar ao descrito na obra de Jack London e que motivou seu público receptor a tratá-la como profética. No entanto, antes de aprofundar-me na análise propriamente dita do romance, penso ser razoável efetuar uma discussão sobre as relações entre história e literatura, questões essas fundamentais para o desenvolvimento de minha pesquisa.

## 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE HISTÓRIA E LITERATURA

### 2.1. CLIO E CALÍOPE

Em primeira instância a utilização de uma obra literária como fonte histórica pode parecer relativamente óbvia e natural, como se já não houvesse mais razões ou necessidade de justificar seu uso. Entretanto, a tarefa preconiza cuidados bastante específicos. Dentre os especialistas na área de história cultural – ao menos os que servem de referência à presente pesquisa – são comuns os alertas de que ao utilizarmos narrativas ficcionais enquanto fontes históricas devemos abster-nos da tentação de tratar as narrativas ficcionais enquanto retratos fiéis de seu contexto de produção. De fato, nem mesmo a distinção entre as obras literárias e historiográficas escapa a certas disputas metodológicas, demonstrando que a cristalização estabelecida por Aristóteles em sua *Poética* para delimitar os ofícios do historiador e do poeta fora já há muito colocada à prova. A linha que divide de um lado o historiador, relatando *o que pretensamente teria ocorrido* e, de outro, o literato, narrando o que *poderia ter sido*, revela-se bem mais tênue do que o desejável, especialmente, se tomarmos a história verdadeiramente enquanto uma ciência sujeita, assim, às regras de verificabilidade aplicadas aos demais campos científicos.

O poeta encontra em sua imaginação uma forte aliada. Pode recorrer sem ressalvas à musa Calíope para inspirar-lhe e, lançando mão de seu lirismo, vai preenchendo lacunas, criando o quadro literário pintado com as cores de sua época. O historiador também dispõe de sua musa mitológica – Clio – mas espera-se deste, por convenção, maior rigor e menor inventividade do que daquele. Porém, ao analisarmos os vestígios do passado, os fragmentos que ficaram pelo caminho, somos forçados a recompor trajetórias, processos e sentimentalidades. As peças do quebra-cabeça não estão todas disponíveis. De fato, algumas encontram-se irremediavelmente perdidas. Não tenho a pretensão de aprofundar-me em discussões sobre o limiar exato entre o fazer historiográfico e o literário, portanto, creio que os parágrafos anteriores já servem - ainda que, convenhamos, de forma absolutamente sucinta - para esboçar esta querela teórico-metodológica. Meu interesse principal, no

presente momento, reside em demonstrar como as narrativas ficcionais literárias podem servir à história enquanto fontes privilegiadas de imaginários e sensibilidades há muito desaparecidas.

Sob a perspectiva da *História Cultural*, pode-se atribuir às fontes literárias o status de documentos, desde que o historiador formule suas questões à obra sem presumi-la um relato fiel de eventos e personagens históricos. De acordo com Sandra Pesavento (2005, p. 49), estas questões não constituem preocupações de fundo para o trabalho do historiador cultural uma vez que sua análise das obras literárias tem por objetivo, especialmente, efetuar o resgate de representações passadas que conferiam significação ao mundo de outrora. Por meio da literatura, segundo Pesavento, conseguiríamos acessar valores, medos, sonhos e preconceitos; traçar o clima de uma época e escrutinar imaginários. A partir da informação, por exemplo, de que um número considerável de leitores da esquerda europeia viu em *O Tação de Ferro* um esboço precoce do fascismo, talvez nos seja possível reconstruirmos, ainda que, indiretamente, algumas das emoções experimentadas por esse público específico. Ao historiador o que importa não é o tempo da narrativa, mas o da escrita. É ele “[...] que dá pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo, tal como sobre o horizonte de expectativas de uma época” (PESAVENTO, 2005, p. 50). Nesse sentido, convém relembrar a coincidência temporal entre a Revolução Russa de 1905-1906 e a escrita do romance de Jack London ao longo de 1907. Como demonstrarei em momento oportuno, a arte imitou a vida de forma hiperbólica em *O Tação de Ferro*. Retomando, Roger Chartier preconiza alguns cuidados metodológicos que os historiadores da cultura deveriam observar. Segundo Chartier (apud HUNT, 1992, p. 18),

[...] deve-se evitar substituir uma teoria redutiva da cultura - enquanto reflexo da realidade social - por um pressuposto igualmente redutivo de que os rituais e outras formas de ação simbólica simplesmente expressam um significado central, coerente e comunal.

Tampouco, segundo Chartier, devem esquecer-se os historiadores de que os textos com os quais trabalham são documentos que descrevem ações simbólicas do passado e, neste sentido, não são inocentes e/ou transparentes, uma vez que, “[...] foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias, e os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias para lê-los”(CHARTIER apud HUNT, 1992, p. 18). Entendidas enquanto fontes que nos permitem acessarmos mentalidades

específicas e subjetivas de uma época remota e não enquanto relatos documentais do passado, as obras literárias constituem um privilegiado *corpus* de dados para a pesquisa dos processos de construção de *identidades* enquanto representações sociais simbólicas baseadas nas noções de pertencimento e alteridade. Mesmo personagens ficcionais sob a perspectiva da História Cultural poderiam representar um importante aporte documental que nos permitiria acessar, ainda que indiretamente,

[...] a sintonia fina de uma época, fornecendo uma leitura do presente da escrita, pode ser encontrada em um Balzac ou em um Machado, sem que nos preocupemos com o fato de Capitu, ou do Tio Goriot e de Eugène de Rastignac, terem existido ou não. Existiram enquanto possibilidades, como perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na “verdade do simbólico” que expressam, não no acontecer da vida. São dotados de realidade porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida (PESAVENTO, 2005, pp. 2-3).

Com base no anteriormente exposto, creio ter sido possível demonstrar a relevância da literatura ao ofício do historiador, uma vez que lhe garantiria acesso a imaginários sociais potencialmente invisíveis em conjuntos de fontes de natureza diversa. Através da análise do enredo podemos identificar, expressos em forma de ficção, indícios capazes de nos revelar, por exemplo, o horizonte de expectativas de determinado grupo social e sua postura em relação à ordem social vigente. Neste tocante uma vertente literária específica parece sobressair-se as demais: a utópica/distópica. As próximas páginas contêm um - não tão breve - histórico desta vertente tão fundamental ao pensamento político ocidental.

## 2.2. UM SONHO CHAMADO UTOPIA?

O sociólogo Karl Mannheim<sup>21</sup> publicou sua *opus magna* “*Ideologia e Utopia*” originalmente em 1929. Desde então, as classificações elaboradas por Mannheim tem se mantido relevantes para o estudo dos ideais utópicos ocidentais. Segundo

---

<sup>21</sup> Karl Mannheim (Budapeste, 27 de março de 1893 — Londres, 9 de janeiro de 1947) foi um sociólogo húngaro.

Mannheim, um estado de espírito é utópico quando está em incongruência com o estado de realidade dentro do qual ocorre. Nesse sentido, podemos afirmar que tanto as utopias quanto as distopias são sempre histórica e sociologicamente determinadas, vinculando-se de forma direta com o contexto social no qual foram gestadas. Toda ordem social estabelecida é uma *topia*, termo derivado da palavra grega *topos*, geralmente traduzida como *lugar*. Dialeticamente, toda *topia* geraria sua própria *utopia*, condensando as tendências não realizadas que representam as necessidades latentes de determinada época ou sociedade. A partir da *topia*, do *status quo*, criamos nossas utopias e, inversamente, a partir das utopias, reavaliaríamos nossa *topia*:

Afirma-se que, a menos que possamos conceber algo perfeito, não podemos entender o que significa a imperfeição. Se, digamos, nos queixarmos de nossa condição aqui na terra apontando para o conflito, a miséria, e crueldade, o vício – “as desgraças, loucuras e crimes da humanidade” – se, em suma, afirmarmos que nosso estado está longe da perfeição, isso só se torna inteligível pela comparação com um mundo mais perfeito; é pela avaliação do hiato que há entre os dois que podemos avaliar a extensão daquilo que falta a nosso mundo (BERLIN, 1991, p. 34).

Mannheim defendia a tese de que somente poderiam ser consideradas utópicas as orientações políticas que, transcendendo a realidade, buscavam abalar efetivamente a ordem social vigente. Neste sentido, a diferença entre *utopia* e *ideologia* residiria, justamente, no compromisso demonstrado em relação à ruptura do *status quo*: qualquer pessoa pode orientar-se por objetivos estranhos à ordem social e ao real - professar determinada ideologia - e, não obstante, colaborar com a manutenção da ordem de coisas existente, controlando as ideias situacionalmente transcendentais - isto é, utópicas - neutralizando-as e tornando-as socialmente impotentes. Essa seria segundo o personagem Ernest Everhard a função essencial das elites governantes em o *Tacão de Ferro*:

Seus espíritos estão tão cheios de doutrinas que servem de esteio para a ordem estabelecida. (LONDON, 2011, p. 30). [*And your minds are filled with doctrines that are buttresses of the established order*] (LONDON, 1908, p. 2).

Definições terminológicas à parte, para Mannheim somente os ideais revolucionários seriam verdadeiramente utópicos, muito por conta de seu compromisso de ruptura abrupta da ordem vigente. Os representantes de uma dada



sociedade historicamente determinada, segundo Mannheim, irão rotular de utópicas todas as ideias que em seu ponto-de-vista jamais poderiam realizar-se. Muito embora reconheça que existam *utopias absolutas* e, portanto, potencialmente irrealizáveis, Mannheim defende que grande parte das utopias são relativas, isto é, consideradas inexequíveis apenas pelos interessados na preservação da ordem social vigente. Julgar a todas indistintamente, atribuindo às utopias o status de delírios oníricos descolados da realidade só interessaria àqueles que desejam a manutenção do *status quo*. Mas, afinal, de onde vêm as utopias? Segundo Mannheim, o pensamento desiderativo sempre figurou nos assuntos humanos, servindo com frequência àqueles que buscam refugiar-se da realidade em mitos, contos de fada e fantasias das mais diversas. O mero desejo da sociedade outra, entretanto, não pode ser entendido, necessariamente, enquanto utopia. Apesar de ancorarem-se no real, tais *escapismos* sociais não preenchem o pré-requisito básico estabelecido por Mannheim, isto é, não buscavam desintegrar o *status* vigente, do contrário, representavam apenas uma fuga individual para um mundo de abstrações. Conforme afirmado anteriormente, Mannheim só identifica ideais legitimamente utópicos nas aspirações situacionalmente transcendentais que, de alguma forma, possuam um efeito sobre a ordem histórico-social vigente conquanto seu surgimento esteja diretamente ligado a essa ordem:

[...] as sucessivas formas de utopia se acham, no início, intimamente vinculadas a dados estágios históricos de desenvolvimento e, em cada um destes, a particulares estratos sociais. Ocorre com grande frequência que a utopia dominante surja inicialmente como a quimera de um único indivíduo, somente mais tarde incorporada nos objetivos políticos de um grupo mais inclusivo (MANNHEIM, 1976, p. 230).

Apesar de não descartar a importância e o pioneirismo do gênio individual de autores como More, Bacon e Diderot, Mannheim não deixa de vinculá-los ao contexto social que os cercava. De que serviria uma utopia que não se relacionasse com os problemas e anseios sociais circundantes? Sua própria aceitação e circulação devem-se, majoritariamente, à sua relevância enquanto meio de crítica social coletiva, e não enquanto mero exercício imaginativo individual. Nesse ponto específico, cabe um parêntese em relação à obra de Jack London. Resta claro que muito de sua notoriedade vincula-se diretamente ao *apêndice imaterial "profético"* adicionado ao romance por alguns de seus leitores. A interpretação elaborada em solo europeu

certamente impediu que *O Tachão de Ferro* soasse à posteridade como um mero exercício de histeria política de London, um corpo estranho dentre sua extensa bibliografia notadamente bastante comercial. Ainda que, evidentemente, em menor escala, a recepção posterior amplificou a relevância histórica do romance de London, tal qual observado em relação às obras de More, Bacon e Marx que serão apresentadas na sequência. De uma maneira ou de outra, *a posteriori* todos pareciam estar um passo à frente de seu tempo aos olhos de seus leitores.

A primazia dos autores deve-se, segundo Mannheim, à sua capacidade de sintetizar as agruras de seus pares que, de outra forma, permaneceriam indefinidas e difusas. Não há ideias desencarnadas. A expressão utópica do indivíduo é fruto de um impulso coletivo, de um superávit de expectativas sociais, mesmo onde esta força motriz nos pareça pouco evidente; mais ainda, conquanto nenhum indivíduo possua força suficiente para romper sozinho a ordem social e histórica vigente, a utopia jamais poderá ser interpretada enquanto um projeto pessoal. O próprio fato de estudarmos ainda hoje os ideais utópicos deve-se à sua estreita relação com os estratos sociais que delas se valeram para transformar a ordem existente. O fazemos, principalmente, por acreditarmos que o surgimento das diversas utopias pode ser determinado social e historicamente. “*A chave para a inteligibilidade das utopias consiste na situação estrutural do estrato social que, em dado tempo, as espouse*” (MANNHEIM, 1976, p. 231). A sincronia do aparecimento dos ideais utópicos e a sucessão histórica de grandes transformações sociais observadas nos últimos séculos na sociedade ocidental corrobora a vinculação das utopias com os estratos sociais em busca da supremacia política.

Por conta da significativa relação entre os ideais utópicos e as concepções de tempo das sociedades que as produziram, Mannheim dividiu estas expressões desiderativas em quatro *tipos-ideia* correspondentes que servirão nas próximas páginas para traçar um histórico das utopias ocidentais. Importante frisar, desde já, que não há na história do pensamento utópico cortes abruptos e absolutos entre suas diversas vertentes, isto é, jamais foi necessário que uma utopia se esvanecesse por completo para que outra ocupasse seu lugar. Não há nenhum hiato, nenhum *vácuo utópico* que demande preenchimento. De fato, as diferentes formas utópicas coexistiram continuamente, ainda que, eventualmente, uma delas se sobrepusesse às demais em dados períodos. As forças transformadoras da sociedade têm atuado

em paralelo desde seu surgimento no início da Idade Moderna, ora entrechocando-se, ora reforçando-se mutuamente como quando, por exemplo, o fervor extático dos milenaristas confundiu-se com o *élan* revolucionário de jacobinos, *communards* e bolcheviques séculos mais tarde.

### 2.3. A UTOPIA ANTES DA UTOPIA

A palavra *utopia* foi criada pelo célebre humanista britânico, Sir Thomas More<sup>22</sup>, para nomear sua *opus magna* homônima, publicada em 1517. A etimologia do termo faz menção à fusão dos radicais gregos *ou* e *topos*, transliterados como “*não-lugar*”. Entretanto, por óbvio a ideia precede em muito o termo que a designa, ou seja, certamente havia utopia antes mesmo de More publicar sua *Utopia* no século XVI. A obra de More constituía-se, enquanto conceito resgatado e adaptado da antiguidade clássica, em uma abstração espacial que sintetizava os mais elevados anseios do ímpeto desiderativo do autor projetando-os, através do recurso narrativo do relato fictício de viagem, em uma espécie de *topologia do irreal*. A antiguidade clássica helenística na qual More buscou inspiração para criar seus *utopianos* – eles próprios, descendentes dos gregos – concentra um bom número de exemplos de sociedades idealizadas que vão muito além dos preceitos estabelecidos por Platão em sua *República*. De fato, os pensadores gregos nos legaram um vasto *corpus* documental de natureza *pré-utópica* conforme aponta Isaiah Berlin<sup>23</sup>, em seu livro *Limites da Utopia*.

A maioria dessas utopias, segundo Berlin (1991, pp. 29-30), situa-se em um passado remoto ou remete-se a ele. Homero nos narra as alegrias dos feácios, Hesíodo relata a existência de uma *Idade de Ouro* onde tudo fora perfeito, a que se seguiram, entretanto, períodos progressivamente piores que teriam conduzido, por

---

<sup>22</sup>Thomas More (Londres, 7 de fevereiro de 1478 — Londres, 6 de julho de 1535) foi um filósofo, diplomata, escritor e advogado britânico. Funcionário da corte do rei Henrique VIII, More desempenhou papel relevante durante a querela ocasionada pelo divórcio do monarca de sua esposa Catarina de Aragão - que resultaria na criação da Igreja Anglicana. Por conta de sua lealdade à Igreja Católica, More foi aprisionado e decapitado sob as ordens de Henrique VIII. Posteriormente, foi canonizado pelo Papa Pio XI em 1935, sendo venerado como santo desde então.

<sup>23</sup> Isaiah Berlin (Riga, Letônia, 6 de junho de 1909 - Oxford, Reino Unido, 5 de novembro de 1997) foi um filósofo político britânico de origem judaica russa.

fim, aos tempos horríveis nos quais o próprio autor julgava viver. Platão conta em seu *Banquete* que, em um passado feliz, os homens já foram esféricos, tendo depois sido divididos em duas metades. Virgílio fala do *Saturna Regna*, o Reino de Saturno, onde tudo fora perfeito. Há, enfim, segundo Berlin, autores que acreditam que a Idade de Ouro se localiza em um passado irremediavelmente perdido. Outros, como More, imaginam ser possível replicar as sociedades desaparecidas, revivendo um simulacro de seus dias de glória. Outros, ainda, acreditam que a *Era de Ouro* estaria no devir e que seria o resultado inevitável do progresso humano. Teria cabido a Sócrates o mérito de ter iniciado uma longa dinastia de pensadores que acreditavam ser possível encontrar a solução para os problemas e angústias humanas por meio da razão. Partindo-se do pressuposto de que a espécie humana como um todo é dotada das capacidades intelectuais necessárias para explorar sua própria racionalidade, então, seria de se esperar, segundo esta perspectiva, que todos eventualmente chegariam aos mesmos resultados. As soluções existiam e ser-nos-ia possível encontrá-las e, uma vez descobertas, poderíamos colocá-las em prática:

Todas as utopias por nós conhecidas baseiam-se na possibilidade de descoberta e na harmonia de fins objetivamente verdadeiros, válidos para todos os homens, em todas as épocas e lugares. Isso é válido para todas as cidades ideais, da *República* e das Leis de Platão, da comunidade anarquista mundial de Zenão e da *Cidade do Sol* de Lâmbulo até as utopias de Thomas More, Campanella, Bacon, Harrington e Fénelon. [Essas] e outras utopias (tão frequentes no século XIX) repousam sobre os três pilares do *otimismo social*: os problemas básicos do homem – os *massimi problemi* – são, no final, os mesmos ao longo de toda a história; por princípio, tais problemas são passíveis de solução; e, as soluções, formam um todo harmônico (BERLIN, 1991, P. 170).

Durante a Idade Média, entretanto, houve um acentuado declínio dos ideais utópicos, possivelmente, devido ao fato de o cristianismo teocêntrico pregar que o homem não seria capaz de atingir a perfeição apenas por seus próprios esforços. Somente a Providência divina poderia salvá-lo. O antropocentrismo renascentista marcaria o resgate da convicção, subjacente às utopias que floresceram no período, de que a humanidade recebera peças dispersas de um quebra-cabeça que, uma vez unidas, formariam um todo perfeito, o fim último da busca da verdade, da virtude e da sabedoria. Neste período, segundo Berlin (1991, P. 35),

[...] houve uma grande redescoberta dos clássicos gregos e latinos, que eram considerados a encarnação de verdades esquecidas durante a longa noite do

período medieval, suprimidas ou distorcidas pelas superstições clericais desse período de domínio da fé cristã.

O *novo saber* humanista baseava-se na crença de que o conhecimento, e apenas o conhecimento – a mente humana liberada – poderia salvar-nos. Antes, porém, do advento das utopias racionalistas, outro tipo de pensamento utópico conferiria um legado duradouro às gerações futuras: o milenarismo ou quiliasma *proto-revolucionário* dos camponeses alemães.

#### 2.4. UTOPIA EXTÁTICA

Conforme informado anteriormente, Karl Mannheim traça uma interessante cronologia das ideias utópicas na Europa que teriam se iniciado, segundo o autor, não com a publicação da *Utopia* de More, mas sim, com o movimento *quiliasta* camponês capitaneado pelo líder protestante alemão Thomas Müntzer<sup>24</sup>. O *quiliasma*, ou *milenarismo*, é uma vertente de pensamento utópico materializada nas revoltas camponesas de 1524-1525 sob inspiração de Müntzer. Permeado pelo sentimento religioso exacerbado, este fervor *proto-revolucionário* conferia ao campesinato depauperado a certeza de que o advento do *Reino dos Céus* não deveria ser interpretado enquanto uma promessa distante à qual deveriam esperar pacientemente os fiéis, mas sim, como um modelo a ser executado no presente por homens dotados de fé e impetuosidade suficientes para romper o véu que separa o divino do profano. O quiliasta ignorava o tempo e a história porque acreditava ser capaz de anulá-los efetivamente para abreviar a chegada do paraíso, que transcendia a dimensão cronológica e não a delimitava como um ponto culminante. Sob a perspectiva milenarista - ou quiliasta - a efetivação utópica é, necessariamente, uma “*questão de tempo*”. Este conceito permaneceria latente nos séculos seguintes, emergindo esporadicamente em aliança com o ímpeto revolucionário. Sua influência pode ser comprovada nos estudos dedicados por Engels (apud MANNHEIM, 1976) no século XIX, aos revoltosos camponeses e, especialmente, à figura revolucionária de Thomas

---

<sup>24</sup> Thomas Müntzer (Stolberg, 1490 — Mühlhausen, 27 de maio de 1525) foi um teólogo reformista e líder político alemão.

Münzer, reverenciado como herói na Alemanha Oriental até a queda do Muro de Berlin.

O fato de o socialismo moderno usualmente vincular suas raízes históricas ao movimento camponês alemão reforça a percepção de que Münzer seria um *protótipo* dos líderes revolucionários modernos. Entretanto, apesar de toda importância atribuída por teóricos marxistas à utopia milenarista e da tentativa de estabelecer uma teleologia do pensamento utópico, não podemos esquecer-nos que, no caso alemão, ainda não estamos falando, necessariamente, de um proletariado com *consciência de classe*. Os motivos evocados por Münzer para insuflar as massas eram estritamente religiosos, entretanto, isso não desqualifica sua importância relativa enquanto força motriz originada nos estratos subalternos da sociedade. A utopia parte sempre dos oprimidos e não dos opressores, que visam apenas à manutenção da ordem social estabelecida. Se ainda não revestia-se de um chamado à consciência de classe, pode-se dizer que o êxtase político dos quiliastas marcou ao menos o início de um longo despertar para as massas empobrecidas. Por meio dos sermões inflamados de Münzer irrupções extáticas transbordaram para o quadro terreno e essa forma fundamental – e mais radical – de utopia moderna forma-se a partir de um material humano singular: as massas camponesas combinam o fervor religioso ao excitação físico e o resultado dessa amalgama era, ao mesmo tempo, robustamente material e altamente espiritual (MANNHEIM, 1976, p. 237). Por conta dessa excessiva carga mística, as promessas de um futuro distante são estranhas ao quiliasta, porque, para ele não há razões para o adiamento. O lugar é aqui e o momento é agora. Pode-se dizer que o que lhe importa são os *meios* e não, necessariamente, os *fins* a serem alcançados. Quando este espírito radical mostrar-se pertinente, séculos mais tarde, durante as revoluções, sempre virá acompanhado de um princípio norteador racionalmente desenvolvido. Não mais como *meios* sem *fins*. Eis a grande distinção entre o ímpeto iconoclasta dos quiliastas e as utopias que se seguem: a ausência de uma finalidade, de um projeto racional capaz de canalizar o fervor extático fez com que as forças se dispersassem sem atingir qualquer objetivo concreto. De fato, sem que fosse possível discernir qualquer objetivo de cunho secular. A natureza abstrata das utopias racionais contradiz o imenso impulso emocional quiliasta e sua sensorialidade sempre alerta em relação ao presente. Segundo esta nova perspectiva, como observado anteriormente, a sociedade ideal deve ser construída sobre bases

sólidas, sobre os *pilares da razão*.

## 2.5. UTOPIA IDEALISTA

A utopia humanista liberal também surge em oposição à ordem social vigente, mas, ao contrário do fulgor instintivo e imediatista dos milenaristas, baseia-se em um projeto racional. As utopias erigidas entre os séculos XVI e XVIII podem ser entendidas, neste sentido e, ainda que genericamente, como *utopias das ideias*. Muito embora existam diferenças significativas entre as obras produzidas neste período – que serão exploradas mais adiante – de certa forma todas refletem, em maior ou menor medida, a esperança renascida com o resgate da *razão*. A busca pelo caminho do progresso é deslocada do mundo exterior para o interior. É a partir da constituição individual do ser humano, de sua transformação e aprimoramento racional, que seríamos capazes de construir sociedades melhores. A partir de ideias e não do êxtase religioso. Essa visão intelectualista encontraria seu espaço nos estratos médios da sociedade, por isto, pode-se dizer também que a *utopia das ideias* é, igualmente, a *utopia da burguesia*. A sublimação e a idealização, entretanto, afastariam a utopia racionalista da realidade, da materialidade. Segundo Mannheim (1976, p. 248),

[...] o preenchimento das expectativas quiliásticas podia ocorrer a qualquer momento. Agora, com a ideia liberal-humanitária, o elemento utópico recebe uma localização definida no processo histórico – constitui o ponto culminante da evolução histórica.

Com sua *Utopia*, Thomas More deu início a uma profícua vertente literária que floresceria nos séculos seguintes por grande parte da Europa e a terminologia por ele criada deu um novo nome ao impulso transformador humano, à ânsia de buscar soluções definitivas que coloquem termo ao sofrimento e à injustiça. Tendo em vista o anteriormente exposto e a influência exercida pela antiguidade clássica no Renascimento não surpreende que Thomas More tenha permanecido tão fiel aos preceitos racionais dos grandes filósofos gregos. More esquadrinhou sua concepção idealizada de sociedade na *Utopia*: tolerante, justa e cosmopolita, desprovida de sistema monetário e propriedades privadas; um reflexo invertido de tudo aquilo que a

sociedade inglesa do século XVI deveria ser - do ponto de vista do autor - mas, não o era. Apesar de construir sua própria idealização social, seu *castelo nas nuvens*, More demonstra, assim como os autores da antiguidade clássica que lhe serviram de inspiração, estar pouco convicto da materialização de seu paraíso *idílico-literário*. O hiato entre o *real* e o *ideal* provavelmente lhe pareceu, ao fim e ao cabo, intransponível. Tal conclusão evidencia-se no truísmo toponímico de sua obra: a *Utopia* é, por definição, o *lugar inexistente*. Suas escolhas demonstram não só profundos conhecimentos sobre cultura clássica – como é possível observar em referências ao longo de todo o romance – mas, também, a consciência de que sua criação não fazia parte do mundo físico de então. As condições sociais para sua efetivação não estavam dadas.

A geografia insular da *Utopia* não pode ser tomada como mero pormenor narrativo accidental. Por habitarem uma ilha, os *utopianos* conseguem desenvolver sua sociedade em isolamento relativo aos demais povos, o que propícia, em grande medida, um ambiente hermético que lhes permite manter os elevados valores culturais de sua população, alheios às influências deletérias que o contato com o corrompido mundo exterior poderia causar-lhes. Podemos aduzir, então, que este isolamento é altamente simbólico, ao sugerir que o florescimento de sociedades ímpares como a *utopiana* dar-se-ia, apenas, caso fosse preservado um distanciamento absoluto e, portanto, aparentemente impossível, da degeneração moral que as cercava por todos os lados. O fato de More referir-se à sociedade perfeita como um lugar inexistente parece subsidiar a percepção de Jean Delumeau<sup>25</sup> sobre a influência que as grandes viagens de descobrimento teriam exercido no imaginário do *Éden terreno* em meados do século XVI:

Há uma mudança profunda que se dá no século XVI, pois os grandes navegadores portugueses, espanhóis, etc., deram a volta ao mundo e não ouviram falar do Paraíso terrestre, nem o viram, e podem dizer que ele já cá não está. (...) A partir [de então] os mapas já não colocam o Jardim do Éden ao alto. (...) O século XVI marca o momento em que deixa de se aceitar que o Paraíso terrestre, mesmo inacessível, ainda existia (DELUMEAU, 1998).

Entretanto, não obstante constatarmos a ironia erudita que More conferiu à nomenclatura e ao conteúdo de seu livro – o rio que corta a ilha chama-se *Anidro*, ou

---

<sup>25</sup> Jean Delumeau (Nantes, 18 de junho de 1923-) é um historiador francês especializado em estudos sobre a história do cristianismo.



seja, “*sem água*” - e, em que pese sua natureza literária ficcional, *A Utopia* não se encontra, de forma alguma, dissociada da realidade, ao contrário, expõe as incongruências e injustiças sociais de seu tempo de forma implícita e alegórica. Essa tendência é uma constante das narrativas utópicas: invariavelmente, há sempre uma elevada carga de *empirismo autoral* nas ficções criadas. As utopias são de certa forma como a quimera - monstro imaginário descrito por Homero na *Ilíada* - um animal que possui cabeça de leão, dorso de caprino e cauda de serpente; ou seja, uma colcha de retalhos do *real*. A imaginação do autor invariavelmente acaba limitada por seus conhecimentos e experiências pretéritas. Assim como a quimera é um híbrido que reúne características de outros seres vivos, as utopias também revelam-se idealizações compostas por pedaços de arranjos sociais preexistentes. Na *Utopia* de Thomas More a resposta aos males e injustiças do presente é uma panaceia política racionalista, um compendio de excertos altamente idealizados do que o autor julgava ter sido o passado helenístico.

Nos séculos seguintes o modelo criado por Thomas More seria revisitado. O que se manteria relativamente inalterada era a crença de que a razão deveria guiar o homem pelas trevas, revelando-lhe as chaves necessárias para desvendar os mistérios da criação e a encontrar o caminho do progresso. Ao longo do século XVII os relatos de viagens utópicas semelhantes em forma e conteúdo ao de More, se sucedem - com especial destaque à *Cidade do Sol* de Tommaso Campanella<sup>26</sup>, publicada em 1623, e à *Nova Atlântida* de Francis Bacon<sup>27</sup>, em 1627. Seguindo o modelo preestabelecido, a obra de Bacon também nos apresenta o relato de uma sociedade justa, feliz e harmônica, porém, com um considerável acréscimo: a principal virtude observada na *Nova Atlântida* é o apreço absoluto pelo conhecimento. Dirigida por sábios, a cidade possui grandes laboratórios destinados à investigação científica e tecnológica que visam conferir, através de seus avanços, bem-estar e felicidade aos seus habitantes. Nas palavras de Marilena Chauí (2008, p. 7), “[...] a *Nova Atlântida* é a utopia do progresso da ciência”. A concepção de progresso que acompanha o desenvolvimento das utopias racionalistas estaria intimamente ligada segundo Mannheim (1976, p. 246), com a ascensão social da burguesia:

---

<sup>26</sup> Giovanni Domenico Campanella (Stilo, 5 de setembro de 1568 — Paris, 21 de maio de 1639) foi um filósofo renascentista, poeta e teólogo italiano.

<sup>27</sup> Francis Bacon (Londres, 22 de janeiro de 1561 — Londres, 9 de abril de 1626) foi um político, filósofo e ensaísta inglês, tido como um dos pais fundadores da ciência moderna.

[...] O ideal burguês de razão, erigido como o objetivo, contrastava com o estado de coisas existente, sendo necessário preencher o hiato entre a imperfeição das coisas, tais como ocorriam em seu estado de natureza, e os ditames da razão, por meio do conceito de progresso. Esta reconciliação das normas com o estado de coisas existente se efetuou através da crença de que a realidade se movesse continuamente para uma proximidade cada vez maior com o racional.

Os *racionalistas* do século XVII acreditavam que as respostas poderiam ser obtidas por meio de uma espécie de *revelação metafísica* resultante da aplicação de métodos analíticos racionais. Os *iluministas* do século XVIII, influenciados pelos novos e amplos domínios do conhecimento científico - obtidos por meio do uso de técnicas matemáticas que erradicaram tantos erros nas ciências naturais - perguntavam-se, como Sócrates, se seria possível aplicar tais métodos e, em consequência, obter resultados e avanços análogos no campo das atividades humanas. Imaginavam que a reorganização racional da sociedade colocaria termo à confusão espiritual e intelectual, aos preconceitos e superstições. Não deveria haver mais espaço para a obediência cega a dogmas inquestionáveis, bem como, para a estupidez e crueldade de regimes opressores que o obscurantismo criava e promovia. Era necessário apenas identificar as reais necessidades humanas e descobrir os meios necessários para satisfazê-las. Esse conhecimento, na visão dos *iluministas*, levaria ao estabelecimento de leis irrefutáveis nas ciências humanas, tal qual, o conhecimento dos *racionalistas* fizera com as ciências da natureza (BERLIN, 1991, p. 16). Neste sentido, o *Século das Luzes* também produziu utopias que, em grande medida, ainda preservavam o recurso à narrativa fictícia de viagem. É esta a premissa básica do satírico *Cândido*, de Voltaire<sup>28</sup> (1759) e do *Suplemento à Viagem de Bougainville*, de Denis Diderot<sup>29</sup> (1772). Os “*iluminados*” acreditavam que a racionalidade guiaria a humanidade rumo ao progresso, como um feixe de luz que rompe o domínio das trevas. Como afirma o personagem *Cândido*, de Voltaire: “- *É preciso que cultivemos nosso jardim!*”. Todo ser humano, desde que, em pleno gozo de suas faculdades mentais, poderia, através da razão, alcançar o *aufklärung*, o esclarecimento.

Teriam sido os *iluministas* responsáveis, também, por (re) incorporar, conforme

---

<sup>28</sup> François-Marie Arouet, mais conhecido pelo pseudônimo Voltaire (Paris, 21 de novembro de 1694 — Paris, 30 de maio de 1778), foi um escritor, ensaísta e filósofo iluminista francês.

<sup>29</sup> Denis Diderot (Langres, 5 de outubro de 1713 — Paris, 31 de julho de 1784) foi um filósofo e escritor francês. Foi, ao lado de D’Alembert, um dos editores da famosa Enciclopédia iluminista.

afirma Raymond Trousson<sup>30</sup>, a utopia no domínio da história. Trousson parte da análise do livro *L'an 2440* de Louis-Sébastien Mercier<sup>31</sup> (1771) para demonstrar como os *éclairés* francófonos teriam criado a noção moderna de progresso. Em seu livro, Mercier narra a experiência de um cidadão parisiense que, transportado no tempo, tem um vislumbre das maravilhas da Paris de sete séculos no futuro. A relevância histórica do romance reside justamente na crença externada pelo autor de que a distância que separava os franceses da sociedade ideal utópica não era mais uma dimensão espacial, mas sim temporal. Os utópicos construíam, nas palavras de Karl Marx, *castelos nas nuvens*: belos, porém, inalcançáveis. O iluminismo e, posteriormente, a Revolução Francesa subverteriam essa ordem. Há assim, um deslocamento de perspectiva utópica, do *topos* para o *cronos*: o algures social, a sociedade outra, deixa de estar situada num espaço, para se situar, doravante, num tempo imaginário (BACZKO, 1985, p. 365).

## 2.6. UTOPIA ROMÂNTICA-CONSERVADORA

Toda ação, entretanto, gera uma reação e, com a onda racionalista que varria a Europa não foi diferente. A Revolução Francesa representava uma ruptura drástica em relação a um conjunto de valores aristocráticos construídos ao longo de séculos na Europa, assentados sobre as autoridades do papa e do rei. Quando Luís XVI foi guilhotinado no início de 1793, o regicídio perpetrado pelos jacobinos representava uma ameaça clara não só às demais monarquias, mas ao amplo aparato de valores sociais conservadores que a preservava enquanto instituição. E não podemos, impunemente, creditar ao acaso o fato de tal movimento reacionário ter se originado, primeiramente, na margem oposta do Reno<sup>32</sup> (BERLIN, 1991, pp. 166-191). Durante o século XVIII, os franceses exerceram amplo domínio cultural sobre seus principais vizinhos continentais. Seu poderio militar, sua organização social e econômica, seus pensadores, cientistas, filósofos, pintores e compositores, seus poetas, dramaturgos e arquitetos – sua excelência nas artes em geral – colocavam-nos à frente de todos

<sup>30</sup> Raymond Trousson (Bruxelas, 11 de junho de 1936 – Bruxelas, 25 de junho de 2013) foi um filólogo, ensaísta e historiador belga especializado no iluminismo francês.

<sup>31</sup> Louis-Sébastien Mercier (Paris, 6 de junho de 1740 – Paris, 25 de abril de 1814) foi um escritor, ensaísta, dramaturgo, crítico literário e jornalista francês.

<sup>32</sup> N.A. Extenso rio europeu que nasce nos Alpes suíços e deságua no Mar do Norte, delimitando as fronteiras atuais entre Alemanha e França.

os demais estados europeus. Segundo Isaiah Berlin (1991, p. 41), tendo isso em mente, “[...] *pode-se muito bem desculpá-los por, na época e posteriormente, identificarem a civilização com sua própria cultura*”. O projeto iluminista assume, neste sentido, um caráter universalista, por pretender ter encontrado as respostas que afastariam a humanidade do obscurantismo e do irracionalismo. Por outro lado, havia também um ímpeto homogeneizante que desconsiderava diferenças históricas e culturais ao pretender que os anseios básicos de todas as sociedades humanas convergiam a um ponto comum. De certa forma, o universalismo iluminista francês impunha seus valores sobre as demais sociedades e seu domínio valia-se da relevância política e cultural assumida pela França ao longo do século XVIII e início do XIX.

Segundo aponta Isaiah Berlin, os burocratas franceses contratados pelo imperador Frederico, *o Grande*, para modernizar a administração da Prússia durante seu reinado, acabariam por tornarem-se os catalisadores de um movimento que marcaria definitivamente o mundo contemporâneo. Os reinos alemães, de forma geral, encontravam-se em condições de inferioridade em relação ao restante das demais potências europeias de então, especialmente, do ponto de vista cultural e, a presença dos pedantes funcionários franceses de Frederico - com seu racionalismo e materialismo marcantes - despertou reações antagônicas entre a população local. Havia quem desejasse imitar os refinados hábitos exibidos pelos burocratas francófonos, mas, em sua maioria, os grandes intelectuais alemães da virada do século (XVIII – XIX) rejeitaram a afetação e o ateísmo exportados pelos franceses e suas aspirações *universalizantes* (BERLIN, 1991, pp. 166-191). Nesta leva de pensadores estavam alguns dos maiores expoentes de um movimento que ficaria conhecido como *Sturm und Drang* – em português, *Tempestade e Ímpeto* – e que daria origem ao romantismo alemão. Imbuídos de certo ressentimento em relação aos franceses, os autores do movimento defendiam os valores da introspecção e do contato íntimo do indivíduo com Deus; não mais submissão à rígida métrica classicista, mas a expressão do livre espírito do autor e de sua vontade. Emoção sublime e desenfreada que sobrepõe-se à razão *castrante* do gênio criativo. O indivíduo como senhor de seu destino e de suas verdades, que dizem respeito não ao todo, não à universalidade, mas à sua cultura nacional, aos seus valores e às suas tradições. De acordo com esta noção de mundo, a configuração histórica de uma dada

época não pode ser construída artificialmente, mas cresce como uma planta, a partir da semente. O romantismo alemão, neste sentido, ajudaria a solapar a expectativa universalista do iluminismo francês por defender, de acordo com Herder<sup>33</sup> - um dos *pais fundadores* do nacionalismo moderno - que não há valores absolutos e que cada povo possui uma identidade única e apreensível somente aos seus patrícios, que deve, portanto, ser respeitada e preservada.

Se o quiliasta vivia em um presente absoluto e os liberais racionalistas na expectativa constante de um futuro glorioso, os conservadores atribuíram ao passado a justificativa da ordem social vigente. Encaravam as ideias liberais que caracterizaram o período do Iluminismo como algo excessivamente fluído, desestabilizador e carente de concretude. Encontramos no conservadorismo uma aproximação estreita com o aqui e agora, tal como observada no quiliasma. A utopia, no caso conservador, encontra-se implantada na realidade existente. Ao contrário dos quiliastas, entretanto, a realidade vivenciada pelos conservadores não é interpretada como algo maligno que precisa ser sublimado, mas sim como a corporificação dos mais elevados ideais, como a utopia realizada. O sentido de tempo do conservadorismo romântico opõe-se frontalmente àquele experimentado pelos liberais iluministas: enquanto para o liberalismo o futuro constituía *tudo* e o passado *nada*, na experiência temporal conservadora ao passado são atribuídas relações de causalidade que corroboram e justificam o presente. Tudo o que existe possui um valor positivo, simplesmente, porque gradativamente veio a existir.

Como observado na descrição dos elementos componentes do Ur-Fascismo elaborada por Umberto Eco, do conservadorismo derivariam todas as demais características deletérias que compõem a ideologia fascista. Depreende-se disso a conclusão de que, muito embora nem todos os conservadores sejam fascistas, todo fascista é necessariamente conservador. As tradições e as estruturas fundamentais que sustentariam a sociedade – família, moral cristã e propriedade privada – deveriam ser preservadas a todo custo da sanha progressista. As precondições mais profundas do fascismo assentam-se sobre a revolta de fins do século XIX contra a então dominante fé na liberdade individual, na razão, no progresso e em uma natural harmonia entre os seres humanos. Bem antes de 1914 novos valores antiliberais,

---

<sup>33</sup>Johann Gottfried von Herder (Mohrungen, Prússia Oriental, 25 de agosto de 1744 — Weimar, 18 de dezembro de 1803) foi um filósofo e escritor alemão.

racismos e nacionalismos mais agressivos e uma nova estética do instinto e da violência começaram a preparar o húmus intelectual e cultural no qual o fascismo viria germinar (PAXTON, 2004, p. 32). Dada sua importância, o conjunto de valores conservadores será retomado no quarto capítulo quando da análise de sua observância, ou não, na narrativa do *Tacão de Ferro*, segundo os parâmetros estabelecidos por Umberto Eco.

## 2.7. UTOPIA CONCRETA/SOCIALISTA

A utopia revolucionária socialista possui o grande mérito de ter sido capaz de conciliar em seu discurso as noções de progresso – dos iluministas – e de determinação histórica – dos conservadores românticos. Segundo Bronislaw Baczko<sup>34</sup> (1985, p. 373), “[...] o mito da História-Progresso diferencia-se da mitologia revolucionária. Não é a ruptura temporal, mas pelo contrário a sua continuidade, que é posta em relevo. A revolução teria, quando muito, um efeito de aceleração numa História antecipadamente determinada”. Os utopismos europeus do século XIX – *Saint-Simonismo*, *Fourierismo*, *Owenismo* e o *Marxismo* – são, de fato *ucrônias*, futuros imaginados. Mais que isso: eles vislumbram um porvir inevitável, resultados inexoráveis da crescente industrialização, da ciência moderna ou das contradições do capitalismo. O presente miserável estaria gestando um futuro radiante. De acordo com Isaiah Berlin (1991, p. 47), “[...] Hegel e, em seguida, Marx procuraram voltar a um esquema histórico racional. Para ambos existe uma marcha da história, uma evolução única da humanidade, da barbárie até a organização racional”. Em busca da sociedade ideal, a pergunta deixa de ser “*onde?*” e passa a ser “*quando?*”. A utopia no século XIX transcende a literatura e passa a exercer cada vez mais influência política sobre o imaginário social. Adquire materialidade e plausibilidade. O socialismo está em acordo com a utopia liberal quanto à crença de que o domínio da liberdade e da igualdade somente viriam a existir no futuro, entretanto, é comum que os socialistas identifiquem este futuro em um ponto específico e determinado: a derrocada do capitalismo. Segundo Bronislaw Baczko (1985, p. 366):

As representações da sociedade outra situam-se num futuro apresentado

---

<sup>34</sup>Bronislaw Baczko (Varsóvia, Polônia, 13 de junho de 1924 – Genebra, Suíça, 29 de agosto de 2016) foi um filósofo e historiador das ideias polônês.

como estando ao alcance da mão. Futuro imaginado, decerto, mas de modo algum quimérico ou sustentado pelo discurso ficcional: o seu advento seria assegurado pela própria marcha da história, pelas suas “leis”, ou seja, outras tantas fórmulas para designar o Progresso cujo apogeu seria atingido com a utopia realizada.

O caminho que, do presente, conduz ao futuro, deve ser investigado para que sejam identificadas as condições sociais e as forças necessárias para a efetivação dos ideais utópicos. Essa seria a principal diferença entre o marxismo e os demais socialismos do século XIX; do socialismo científico de Marx e Engels, para os socialismos utópicos – de acordo com *O Manifesto do Partido Comunista* – de Owen, Saint-Simon e Fourier. Se, para os liberais e conservadores a utopia correspondia a algo etéreo e espiritual, sendo as condições materiais consideradas como meros obstáculos malignos no caminho da ideia, na mentalidade socialista a utopia emerge da relação íntima entre os estratos oprimidos e as condições materiais historicamente determinadas. O ponto culminante do progresso histórico já não poderia mais ser aceito como uma promessa difusa. Segundo o radical russo Alexandr Herzen<sup>35</sup> (apud BERLIN, 1991, p. 25), em seu ensaio *Da outra Margem*:

Se o progresso é a meta, para que estamos trabalhando? Que é esse moleque que, quando os trabalhadores dele se aproximam, acaba por repudiá-los em vez de recompensá-los; e que, como consolo às multidões exauridas e condenadas, todas gritando “*morituri te salutant*”<sup>36</sup>, só oferece [...] a resposta desdenhosa de que, depois de suas mortes, tudo será belo na terra? Você realmente deseja condenar os seres humanos vivos de hoje ao triste papel de galés que, afundados na lama até os joelhos, puxam uma barça [...] ostentando o lema “progresso no futuro” em sua bandeira? [...] um objetivo que se mostra infinitamente remoto não é um objetivo, mas apenas [...] uma ilusão; um objetivo deve ser algo mais próximo – no mínimo o salário do trabalhador, ou o prazer advindo do trabalho executado.

Dentro da perspectiva socialista científica a ideia utópica que, a princípio, era uma vaga profecia, passa a ser constantemente recalculada e tornada mais concreta à medida que o presente se adianta para o futuro. O determinismo e progressismo não se contradizem necessariamente sob esta ótica, já que, não é apenas o passado, mas igualmente o futuro, que tem uma existência virtual no presente. Sobre a utopia socialista nos aprofundaremos nos capítulos seguintes, especialmente, ao

<sup>35</sup>Aleksandr Ivanovitch Herzen, (Moscou, 25 de março de 1812 — Paris, 9 de janeiro de 1870), foi um filósofo, escritor, jornalista e político russo.

<sup>36</sup>N.A. Sentença latina citada em *A vida dos Césares* de Suetônio. Em sua versão completa, teria sido utilizada por gladiadores para saudarem o imperador romano Cláudio: - “*Ave, Caezar, morituri te salutant*”, traduzida como “*Ave, César, aqueles que estão prestes a morrer o saúdam*”.

analisarmos o contexto de produção do *Tacão de Ferro* de Jack London e a influência exercida pelo socialismo ortodoxo do autor em sua narrativa distópica de futuro.

## 2.8. DO SONHO AO PESADELO: O NASCIMENTO DA DISTOPIA

Jack London defendeu com unhas e dentes sua crença na revolução do proletariado. Seus escritos sociais - como *O Povo do Abismo* (1902) – continham relatos tenebrosos e verossímeis sobre as condições de vida das classes decaídas capazes de provocar um enorme impacto no público norte-americano. London lhes expunha uma realidade que poucos desejavam enxergar ou que, deliberadamente, fingiam desconhecer. Entretanto, curiosamente, quando decidiu-se a romantizar a insurreição popular de *O Tacão de Ferro*, London descreveu-a como um fulguroso fracasso que redundaria na escravização e no massacre de trabalhadores. A vitória viria por fim, mas seriam necessários setecentos anos até que a *Irmã Humana* fosse capaz de derrotar definitivamente o *Tacão*. Seus camaradas do Partido Socialista rotularam-no como uma ave de mau-agouro, porque, inebriados pelo determinismo histórico apontado há pouco como traço distintivo da utopia socialista, não divisavam nenhuma visão de futuro que não contemplasse o proletariado unido sobrepunhando o Capital. London, por sua vez, não desconsiderava a possibilidade de uma eventual reação por parte das elites afrontadas e isso, aparentemente, lhe amedrontava: e se a revolução não ocorresse como o previsto? E se o sonho se tornasse um pesadelo, se a utopia se tornasse distopia?

Atribui-se a John Stuart Mill<sup>37</sup> os méritos de ter cunhado o termo *distopia* no século XIX. Em um debate no parlamento britânico acerca das conturbadas relações entre católicos e protestantes na Irlanda, Mill levantou objeções às propostas defendidas pelo governo conservador para dirimir as disputas, apontando que ambos os lados envolvidos iriam discordar da solução apresentada. O excessivo otimismo contido nas soluções simplistas apresentadas representava, de acordo com Stuart Mill, um grave equívoco político:

É-me permitido, como alguém que, em comum a vários ilustres colegas, recebeu a acusação de ser utópico, parabenizar o governo por ter tomado parte nesse belo grupo. Talvez seja um excesso de cortesia chamá-los de

---

<sup>37</sup>John Stuart Mill (Londres, 20 de Maio de 1806 — Avignon, 8 de Maio de 1873) foi um filósofo e economista britânico.



utópicos; eles deveriam, ao contrário, ser chamados de *distópicos* ou de *cacotópicos*. O que é comumente chamado de utópico é algo bom demais para ser posto em prática, mas o que eles parecem defender é algo ruim demais para ser posto em prática (MILL, 1868, apud JACOBY, 2007, p.222).

Na literatura, o pioneiro da vertente distópica foi o escritor britânico Jonathan Swift<sup>38</sup>. É possível constatar-mo-lo em diversas passagens de sua satírica obra-prima, *As Viagens de Gulliver*. Segundo Bronislaw Baczko,

[Uma das viagens] leva Gulliver à terra dos Houyhnhnm, o país onde os cavalos sábios e virtuosos formam uma comunidade livre e feliz. Ora, neste país sobrevive uma raça de seres que inspiram uma repugnância instintiva devido à sua fealdade, mau cheiro, costumes viciosos e querelas permanentes. Tais seres, os Yahoos, são os homens. [Para Swift] a “verdadeira” sociedade humana, isto é, aquela em que a natureza do homem se manifesta plenamente, é precisamente a do rebanho de Yahoos (BACZKO, 1985, p. 359).

Em outra das fictícias viagens realizadas por Gulliver, Swift concentra suas críticas à evidente inutilidade prática das pesquisas científicas desenvolvidas pelos sábios de *Laputa*. O toponímico utilizado por Swift, assim como o de More, não é accidental<sup>39</sup> e parece um dardo lançado contra a *Nova Atlântida* de Francis Bacon. Se a ciência, como sugerido por Bacon, deveria propiciar à população por meio de suas descobertas, melhores condições de vida, seria de se supor que as pesquisas não abandonassem tais preceitos básicos. A sociedade governada por sábios da *Nova Atlântida* fora idealizada com o intuito de concentrar os esforços da ciência nascente em busca do bem-estar geral de sua população. Se o hiato entre as necessidades populacionais e a elite governante se aprofunda e há um desvirtuamento destes princípios norteadores, a ciência perde-se em divagações e inutilidades especulativas como as ilustradas por Swift na fictícia *Laputa*.

Antecipar conspirações políticas por meio da investigação dos excrementos de eventuais suspeitos ou identificar as cores das tintas a partir de seus cheiros, certamente, não estariam entre as principais urgências dos cidadãos. Se a utopia de Bacon idealizava uma *sofocracia*, um governo dos sábios, a *distopia* de Swift criticava-a por considerar que o conhecimento científico só seria relevante, se aplicável na prática. No século XVIII, segundo afirmou Bronislaw Baczko (1985, p. 359), as distopias permaneceram com um fenômeno marginal às viagens imaginárias em

<sup>38</sup>Jonathan Swift (Dublin, 30 de novembro de 1667 — Dublin, 19 de outubro de 1745) foi um escritor, poeta, político e clérigo irlandês.

<sup>39</sup> N.A. Segundo Bronislaw Baczko, *Laputa* apesar do óbvio é, literalmente, *A Puta*.

busca do paraíso utópico. No século XX e, sobretudo, após a *Grande Guerra*, há uma inversão nesta relação: as distopias prevalecem sobre as obras utópicas já que, a busca pela cidade ideal surge como um curioso anacronismo. Além de *O Tão de Ferro*, destacam-se nesse período duas obras de vulto: *Admirável Mundo Novo* (1932) de Aldous Huxley e *1984*(1947) de George Orwell.

A narrativa de *Admirável Mundo Novo* foi inspirada em uma visita realizada por Huxley aos EUA no final da década de 1920, durante a qual o autor impressionou-se sobremaneira com os hábitos culturais e de consumo dos jovens norte-americanos. O romance descreve um futuro hedonista-niilista marcado pelo consumo diário de drogas psicotrópicas, por excessiva promiscuidade sexual (para os padrões do autor) e pela *artificialização* das relações humanas essenciais. Ao contrário de Miranda, personagem da shakespeariana *Tempestade* que lhe serviu de inspiração, o “selvagem” John não encontra a felicidade em seu Mundo Novo. Não há espaço para almas sensíveis no vazio existencial da sociedade de consumo descrita por Huxley. O único caminho que se apresenta a John é o do suicídio, um fim abreviado de seus sofrimentos. George Orwell também criaria um personagem sob intenso sofrimento por conta de sua inadequação aos valores sociais normativos: Winston, o protagonista de *1984*. Ao contrário de John, entretanto, o sofrimento de Winston estende-se para muito além da esfera psicológica; vivendo sob um regime ditatorial, ele é vigiado, perseguido e torturado pelo sádico O’Brien. Muito embora reflita, em termos genéricos, os regimes totalitários dos quais Orwell fora contemporâneo, há claras referências na narrativa que sugerem grande influência dos terrores do stalinismo. As descrições sobre a aparência física do *Grande Irmão* (que lembra estranhamente Stalin) e a perseguição ao *Grande Traidor*, Emmanuel Goldstein (que lembra Trotsky), são altamente sugestivas (BACZKO, 1985, p. 361).

A narrativa ficcional distópica produzida nas primeiras décadas do século XX – incluindo o *Tão de Ferro* de Jack London - reveste-se de certo fatalismo determinista e tem um objetivo muito claro: através de referências hiperbólicas, busca-se chocar o leitor, despertando-o da letargia política. London desejava que seu romance servisse como uma espécie de alerta que contrabalanceasse os excessos de otimismo de seus leitores. Quando os iluministas inseriram a utopia no tempo histórico, deixaram as portas abertas para que, posteriormente, a distopia efetuasse o mesmo percurso. Segundo Baczko (1985, p. 363), “[...] à semelhança das utopias, também as anti-

*utopias [distopias] trazem, sobretudo, uma contribuição preciosa acerca das esperanças, angústias e temores da época em que foram escritas*". Seus significados, entretanto, não são estanques e não encerram-se nas intenções originais de seus autores. Novas interpretações lhe são atribuídas com o tempo e essa apropriação conduz, por vezes, a fenômenos interessantes como o observado em relação ao *Tacão de Ferro* sua aura supostamente profética. A literatura pressupõe uma relação de mútua dependência entre escritores e leitores. De acordo com Antoine Compagnon<sup>40</sup>,

A literatura tem, pois, uma existência dupla e heterogênea. Ela existe independentemente da leitura, nos textos e nas bibliotecas, em potencial, por assim dizer, mas ela se concretiza somente pela leitura. O objeto literário autêntico é a própria interação do texto com o leitor (2014, p. 147).

## 2.9. RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Conforme demonstrado anteriormente, dentro do campo da história cultural há espaço para a interpretação de obras literárias enquanto fontes históricas, entretanto, partindo-se do pressuposto de que há algo em uma narrativa fictícia como, por exemplo, o *Tacão de Ferro* de Jack London, que nos permita acessar determinados resquícios de sentimentalidades há muito perdidas, faz-se necessário que formulemos nossas perguntas embasados por critérios e metodologias apropriadas. Primeiramente, devemos ter em conta que a significação de um texto nunca se esgota nas intenções do autor. Do contrário, novas significações lhe são atribuídas com o passar do tempo ou por meio de sua inserção em contextos culturais diversos. Essas *ressignificações*, não raro, são imprevisíveis e absolutamente alheias às intenções originais do autor. Nesse sentido, podemos afirmar que todas as interpretações de um dado texto são dependentes “[...] de critérios relativos ao contexto onde ela ocorre, sem que seja possível conhecer nem compreender um texto em si mesmo” (COMPAGNON, 2014, p. 63). Em outras palavras, podemos aduzir que toda interpretação é historicamente condicionada, referenciando-se invariavelmente ao repertório intelectual de que dispõe seu intérprete no momento em que a efetua.

---

<sup>40</sup>Antoine Compagnon (Bruxelas, Bélgica, 20 de julho de 1950) é um professor de literatura francesa no prestigiado Collège de France.

Tendo isso em vista, não há qualquer surpresa na interpretação conferida por leitores da esquerda europeia ao romance de Jack London. O repertório de que dispunham condicionou a vinculação encetada entre a ascensão do fascismo e a do fictício *Tacão de Ferro*. Segundo Compagnon (2014, p. 81),

A obra vive a sua vida. Aliás, a significação total de uma obra não pode ser definida simplesmente nos termos de sua significação para o autor e seus contemporâneos (a primeira recepção), mas deve, de preferência, ser descrita como o produto de uma acumulação, isto é, a história de suas interpretações pelos leitores, até o presente. O historicismo decreta esse processo não pertinente e exige um retorno à origem. Mas o que é próprio do texto literário, em oposição ao documento histórico é, justamente, escapar de seu contexto de origem, continuar a ser lido depois dele, perdurar.

O texto acaba por dobrar-se ante as expectativas de seus leitores, que aplicam o que leem à sua própria situação. A leitura tem a ver com empatia, projeção, identificação. Por exemplo, confesso que aprendi a odiar os “*olhos de cigana oblíqua e dissimulada*” de Capitu, muito embora, não saiba exatamente como teria sido esse fatídico olhar. Machado de Assis certamente o tinha em mente com toda sua profusão de detalhes ao escrever *Dom Casmurro*, entretanto, entre o imortal e esse que vos escreve há uma barreira interpretativa intransponível que pouco tem a ver com a distância temporal, de mais de um século, que nos separa. As intenções originais de Machado de Assis me escapam por completo, bem como, a interpretação por mim conferida ao famoso olhar se deu de forma alheia às vontades do autor. Qualquer um pode, de acordo com seu repertório interpretativo, encontrar um olhar oblíquo e dissimulado de cigana para chamar de seu. De acordo com Antoine Compagnon (2014, p. 147), “[...] o sentido é, pois, um efeito experimentado pelo leitor, e não um objeto definido, preexistente à leitura”. Processo semelhante transformou o *Tacão de Ferro* em uma forma precoce de fascismo. A relevância de uma obra literária é mesurada, portanto, por sua recepção,

[...] pela maneira como uma obra afeta o leitor, um leitor ao mesmo tempo passivo e ativo, pois a paixão do livro é também a ação de lê-lo. A análise da recepção visa ao efeito produzido no leitor, individual ou coletivo, e sua resposta [...] ao texto considerado como estímulo (COMPAGNON, 2014, p. 145).

Muito embora de difícil acesso, as intenções autorais podem ser tangenciadas pelos leitores por meio do método das “passagens paralelas”, um dos principais recursos utilizados nas análises textuais segundo Compagnon (2014, p. 67). Eventualmente, determinadas passagens de um texto podem revelar-se de difícil

interpretação por conta de sua obscuridade ou ambiguidade. Sob tais circunstâncias, recomenda a teoria literária que busquemos outras passagens paralelas, no mesmo texto ou em outro do mesmo autor, a fim de esclarecermos o sentido do trecho problemático. Implicitamente, tal metodologia apela para a subjetividade do autor, buscando encontrar traços observáveis de premeditação ou intenção prévia, já que “[...] o testemunho mais próximo, logo o mais confiável, do autor não é outro que o próprio autor” (COMPAGNON, 2014, p. 73). Neste sentido, as passagens paralelas pressupõem não apenas a pertinência da intencionalidade autoral no processo interpretativo de sua obra, mas, também, a suposta coerência de suas intenções. Ao recorrermos ao método das *passagens paralelas*, segundo Compagnon (2014, p. 76) aceitamos a presunção de intencionalidade autoral, assumindo que há coerência entre criador e criatura, que há intenção no processo criativo e que tais relações não podem ser atribuídas ao acaso. Para utilizarmos o exemplo extremo apresentado por Compagnon, não há probabilidade estatística de um macaco datilógrafo, batendo aleatoriamente nas teclas de uma máquina de escrever, produzir um poema. Assim, para Compagnon, “[...] o método de passagens paralelas permanece o instrumento por excelência da crítica da consciência, da crítica temática, ou da psicocrítica: trata-se sempre, a partir de passagens paralelas, de detectar uma rede latente, profunda, subconsciente ou inconsciente” (2014, p. 76). Para ilustrarmos o funcionamento do método das passagens paralelas, seguem dois trechos de Jack London. Primeiramente, um excerto de *O Tação de Ferro*, contendo o discurso realizado pelo personagem principal Ernest Everhard a uma plateia de abastados capitalistas na *Sociedade dos Filomáticos*:

Os senhores fracassaram em sua administração. Transformaram a civilização em uma bagunça. Tem sido cegos e gananciosos. Os senhores se ergueram (como se erguem hoje), sem qualquer vergonha, em nossas câmaras legislativas e declararam que os lucros seriam impossíveis sem o trabalho duro de crianças e bebês. [...] Estão bem abastecidos de poder e de posses, embriagados com o sucesso; e não têm mais esperanças contra nós do que têm os zangões amontoados em torno dos favos de mel, quando as abelhas operárias se lançam sobre eles para pôr fim à sua rotunda existência. Os senhores fracassaram em seu governo e o controle será arrancado de suas mãos. Um milhão e meio de operários vai reunir o restante da classe operária para tirar dos senhores o governo. Esta é a revolução, meus senhores. Detenham-na, se puderem (LONDON, 2011, p. 74). No original: *You have failed in your management. You have made a shambles of civilization. You have been blind and greedy. You have risen up (as you to-day rise up), shamelessly, in our legislative halls, and declared that profits were impossible without the toil of children and babes. [...] You are fat with power and possession, drunken with success; and you have no more hope against us than have the drones, clustered about the honey-vats, when the worker-bees*

*spring upon them to end their rotund existence. You have failed in your management of society, and your management is to be taken away from you. A million and a half of the men of the working class say that they are going to get the rest of the working class to join with them and take the management away from you. This is the revolution, my masters. Stop it if you can*(LONDON, 1908, p. 86-87).

E as palavras do próprio London, em 1905, em uma das palestras da turnê realizada com o intuito de propagar o socialismo, relatadas pelo biógrafo Alex Kershaw<sup>41</sup>:

Nas palestras, o homem que finalizava suas cartas com “Seu, para a revolução” reservava seu desprezo mais profundo para aqueles que haviam prejudicado sua infância, os patrões capitalistas e seus lacaios burgueses: “- Vocês são abelhas que se aglomeram ao redor dos tachos de mel capitalistas”, esbravejou ele a um grupo de industriais. “São uns ignorantes. Sua fátua autossuficiência os deixa cegos para a revolução que está chegando e que, com certeza, irá arrancar da face do mapa seu ócio forrado de seda, empolado. Vocês são parasitas por trás do trabalho”. “Você sabe qual será o resultado de sua revolução?” gritou de volta um milionário. “Não é MINHA revolução”, interrompeu Jack. “É SUA, Sim, sua e da sua turma. Vocês são a causa dela!” “Anarquia! Guerra Civil! Morte e crime! Esses serão os resultados da revolução que você está profetizando”, vaticinou o milionário. “Sei disso”, gritou Jack de volta. “Mas o que farão vocês a respeito dela? Como irão detê-la?” (KERSHAW, 2013, p. 211).

Conforme é possível observar, as similaridades entre os trechos são flagrantes. Tendo em vista asseverar-me da coerência e intencionalidade por trás da narrativa distópica de Jack London, a metodologia descrita por Compagnon será uma das balizas de minha dissertação, sempre que as circunstâncias me permitam realizar tais verificações. Uma vez estabelecidos alguns princípios norteadores quanto à relação entre o autor, sua obra e seus leitores, creio ser pertinente esclarecer *de que fala* a narrativa literária, isso é, quais são seus referenciais. A mimese, segundo Compagnon (2014, p. 95), desde a *Poética* de Aristóteles, “[...] é o termo mais geral e corrente sob o qual se conceberam as relações entre a literatura e a realidade”. A mimese aristotélica estabelecia o *real* como referencial ideal para as artes e, a condição lógica de a referência ser possível, é a existência de algo plausível sobre o qual podemos estabelecer proposições falsas ou verdadeiras. Para que exista referência, por exemplo, a uma cadeira, é preciso que cadeiras existam. Em sentido pragmático, “[...] a referência pressupõe a existência; alguma coisa deve existir para que a linguagem possa referir-se a ela” (COMPAGNON, 2014, p. 130). Quais seriam, então, os

---

<sup>41</sup> Alex Kershaw (York, Reino Unido, 1966 -) é um jornalista, historiador e biógrafo inglês.

referentes em um mundo de ficção? Segundo Compagnon, seriam os *mundos possíveis*, dos quais os *mundos ficcionais* são uma variável:

[...] nos mundos possíveis, para que proposições sejam válidas, não é necessário que tratem do mesmo repertório de indivíduos que no mundo real; basta pedir aos indivíduos dos mundos possíveis que sejam compatíveis com o mundo real. Como já dizia Aristóteles: ‘O papel do poeta é de dizer não o que se realiza realmente, mas o que poderia realizar-se na ordem do verossímil e do necessário’. Em outras palavras, a referência funciona nos mundos ficcionais enquanto permanecem compatíveis com o mundo real [...]. A literatura mistura continuamente o mundo real e o mundo do possível: ela se interessa pelos personagens e pelos acontecimentos reais, e a personagem de ficção é um indivíduo que poderia ter existido num outro estado de coisas (COMPAGNON, 2014 pp.132-133).

Retomando meu objeto de pesquisa, a afirmação de Leon Trotsky de que *O Tação de Ferro* possui a “[...] *estampa temporal da Primeira Revolução Russa*” (TROTSKY apud LONDON, 2011, p. 262), deixa claro que London imaginou sua narrativa distópica com um cenário verossímil dentre os *mundos possíveis*, tendo em vista aparentemente a repressão realizada pelas tropas leais ao Czar como desdobramento do levante russo de 1905.

No presente capítulo apresentei aos leitores – espero que a contento – a vertente literária à qual se vincula geralmente o *Tação de Ferro* de Jack London, o utópico/distópico. A relevância de obras que lhe precederam é inegável, tanto para a literatura quanto para o pensamento político ocidental. Por óbvio, o romance de London encontra-se em posição de flagrante inferioridade em relação, por exemplo, à *Utopia* de Thomas More em termos de notoriedade, mas há um inegável parentesco entre ambas. Os efeitos obtidos podem ser diversos, mas os objetivos eram similares: a literatura forneceria o contraste necessário para que fosse possível aos leitores identificarem em seus contextos sócio históricos os vícios a serem combatidos e as virtudes a serem preservadas. Independentemente das intenções originais de seus autores, a passagem do tempo lhes conferiu estampas persistentes. A *Utopia* entrou para a história como o libelo humanista de Thomas More; *O Tação de Ferro*, por sua vez, tornou-se notório por conta de suas similaridades com o processo de ascensão do fascismo. Se há, ou não, elementos que sustentem essa visão, será possível aos leitores verificá-lo no quarto capítulo dessa dissertação. Antes, porém, tratarei do tempo da escrita do romance e de como alguns elementos do contexto histórico e cultural no qual viveu Jack London podem ser identificados em sua obra.

### 3 JACK LONDON E O TACÃO DE FERRO

#### 3.1. A OBRA E SEU TEMPO

A editora Macmillan, de Nova York, publicou a primeira edição de *The Iron Heel* [*O Tacão de Ferro*] em 1908, graças, principalmente, ao sucesso obtido por obras precedentes de London que haviam alcançado enorme êxito comercial, como, por exemplo, *The Call of the Wild* [*O chamado da Selva*] de 1903. Editar o *Tacão de Ferro*, contudo, representava um grande desafio. *The Iron Heel* foi segundo Irving Stone<sup>42</sup> (1969, p.197-199), o primeiro grande romance declaradamente socialista publicado nos EUA o que viria a gerar, por si só, enorme repercussão negativa para a imagem de London, então um dos nomes mais notáveis e populares da literatura realista local (VAN SPANCKEREN, 1994, p. 54). Suas preferências políticas sempre foram públicas e notórias. Os leitores de Jack London estavam cientes de sua filiação partidária, de seu efusivo ativismo e das frequentes palestras por ele realizadas durante as quais defendia a necessidade da revolução do proletariado. No entanto, até então seu alinhamento político não havia influenciado de forma muito clara suas novelas. À exceção do estudo sociológico no *East End* londrino, publicado como *The People of the Abyss* [*O Povo do Abismo*], em 1902, e mais uma dúzia de escritos políticos - circunscritos, em grande medida, aos *camaradas* do Partido Socialista da América - o grande público parecia não conceder muita importância ao socialismo de Jack London, tido apenas como um traço desviante em uma personalidade já bastante excêntrica. Tudo mudaria, entretanto, com a publicação de *O Tacão de Ferro*. A obra foi muito bem recebida por setores mais radicais da esquerda norte-americana e as vendas junto ao proletariado foram expressivas: 50 mil edições de capa dura passaram a circular rapidamente pelas linhas de produção de todo o país. A repercussão internacional, como já mencionado anteriormente, seria ainda maior, especialmente na Europa sindicalizada (KERSHAW, 2013, p. 215).

No entanto, a recepção da classe média e da grande imprensa foi invariavelmente negativa. Os clubes das “*boas senhoras*” que usualmente

---

<sup>42</sup>Irving Stone, nascido Irving Tennenbaum, (San Francisco, 14 de julho de 1903 – Los Angeles, 26 de agosto de 1989) foi um escritor e biógrafo estadunidense.



convidavam-no a realizar alegres colóquios sobre suas experiências no inóspito e longínquo Alaska, retiraram seus convites. London passou a ser tido como *persona non grata* por muitos de seus antigos leitores, incomodados com o teor socialmente beligerante de seu mais novo romance. Alguns de seus correligionários no Partido Socialista acreditavam que o *Tacão de Ferro* prestava um desserviço às causas trabalhistas por conta de seu tom belicoso e que, portanto, poderia atrapalhar o crescimento dos votos socialistas em eleições vindouras. Essa reação, no entanto, fora previsível. Jack London estivera sempre ciente dos dissabores que a publicação de um livro sobre a *revolução do proletário* poderia lhe trazer e, ainda assim, insistiu com a editora para que a obra fosse enviada para o prelo (KERSHAW, 2013, p. 214). Após meses navegando pelo Pacífico Sul em seu veleiro *Snark*, estava decidido a responder às críticas de seus companheiros do Partido Socialista de que abandonara a luta. Para eles, Jack estaria vivendo uma nababesca vida burguesa. London arriscaria a carreira para demonstrar sua lealdade à causa operária. Mas, afinal, o que havia de tão ameaçador em *O Tacão de Ferro*, a ponto de assustar seus leitores, já tão habituados a encontrar em suas obras relatos crus e viscerais de violência e de morte?

*O Tacão de Ferro*, grosso modo, narra a luta do proletariado americano organizado em torno do Partido Socialista e, especialmente, da figura revolucionária de Ernest Everhard, espécie de *alter ego* do próprio Jack London (KERSHAW, 2013, p. 212). Everhard é um líder popular rústico, porém, erudito, que desafia abertamente as castas governantes em termos duros e diretos, da mesma forma como Jack já o fizera tantas vezes em suas palestras. Por meio de Everhard, London apresenta aos seus leitores alguns conceitos básicos do marxismo, de forma muito concisa e didática. Por vezes, ao ler *O Tacão de Ferro* tive a impressão de estar diante de um panfleto revolucionário e, de acordo com o biógrafo Irving Stone (1969, pp. 197-199), essa sempre fora a intenção de Jack London ao compor seu romance: haveria de colaborar com a revolução, conscientizando e politizando as massas. Neste quesito específico London foi especialmente bem-sucedido nas décadas seguintes, ainda que, majoritariamente, entre um público já convertido de leitores de esquerda<sup>43</sup>. No romance, à tentativa de revolução reagem as classes abastadas com muita violência

---

<sup>43</sup> N.A. Um convalescente Vladimir Lênin, dois dias antes de falecer, pediu à esposa Natasha Krupskaya que lhe lesse Jack London, um dos poucos autores norte-americanos, ao lado de John Reed, cujas obras ainda eram lidas na União Soviética (KERSHAW, 2013, pp. 383-384).

barrando, assim, o avanço dos ideais trabalhistas. Este movimento reacionário liderado pela *Oligarquia* - um conglomerado de monopólios que havia levado os pequenos e médios empresários à falência e a maioria dos trabalhadores à servidão - instituiu um regime totalitário em muito semelhante aos observados anos mais tarde no continente europeu. Essas similaridades conferiram notoriedade a Jack London à medida que o fascismo avançava e os méritos da análise social efetuada por meio do ficcional *Tacão de Ferro* não tardaram a ser reconhecidos por grandes intelectuais da esquerda europeia. O escritor Anatole France no prefácio à edição francesa de *O Tacão de Ferro* de 1928 não poupou elogios à obra de London. Segundo France,

[...] sua genialidade fazia-o enxergar aquilo que às multidões permanecia oculto, além de possuir um conhecimento que lhe permitia antecipar-se aos tempos. [...] Em 1907, gritaram a Jack London: ‘*Você é um terrível pessimista*’. Socialistas sinceros acusavam-no de semear o medo no partido. Estavam equivocados (FRANCE apud LONDON, 2011, pp. 9-10).

O revolucionário russo Leon Trotsky também louvou, em 1937, a assertividade de London, ainda que, em termos mais contidos do que os utilizados por France. Em carta enviada à Joan London - filha mais velha de Jack - como agradecimento por ter sido presenteado com um exemplar de *O Tacão de Ferro*, Trotsky afirmou que o livro possuía a “[...] *estampa temporal da Primeira Revolução Russa* [...]” e reconheceu,

[...] o esforço apaixonado [de Jack London] para fazer sacudir aqueles que se acomodam por causa da rotina e forçá-los a abrirem os olhos e enxergar o vulto que se aproxima. O artista utiliza com audácia a figura da hipérbole. Ele leva as tendências arraigadas do capitalismo – opressão, crueldade, bestialidade, traição – aos seus limites extremos (TROTSKY apud LONDON, 2011, p. 262).

A recepção à obra de London alterou-se com o passar dos anos à medida que o quadro político por ele imaginado tornava-se cada vez mais plausível e, por fim, iminente. Mas nem sempre fora assim. Quando da publicação do livro, em 1908, as tétricas consequências da repressão à revolução do proletariado soaram exageradas, inclusive a muitos membros do Partido Socialista Americano que acusaram Jack London de ser, como afirmado por Anatole France, excessivamente pessimista. Coincidência ou não, o protagonista Ernest Everhard enfrenta destino semelhante na narrativa de *O Tacão de Ferro*: ao alertá-los sobre os perigos de uma eventual contrarrevolução “[...] *seus camaradas o chamaram de ave de mau agouro*”

(LONDON, 2011, p. 166) – no original: [... *his comrades called him a calamity howler*] (LONDON, 1908, p. 218). Eles julgavam ter bons motivos para continuar acreditando, mesmo após a supressão violenta do levante russo de 1905, que o proletariado haveria de triunfar afinal. O início do século XX era tido como um período progressista nos EUA, de avanços nas lutas trabalhistas e de ampliação da participação democrática dos partidos de esquerda, que cresciam em números de afiliados e de votos. Ainda não era o suficiente para almejar a conquista do poder, mas o cenário mostrava-se, aparentemente, positivo. Apesar da efervescência política e da crescente corrida armamentista dos anos que precederam a eclosão da Primeira Guerra pode-se afirmar, segundo Eric Hobsbawm<sup>44</sup>, que a *Belle Époque - Gilded Age*, para os norte-americanos - representou um período histórico inebriado de certa dose de otimismo:

Se os pesquisadores da opinião pública, no mundo desenvolvido pré-1914, tivessem comparado o percentual de esperança ao de mau agouro, o dos otimistas ao dos pessimistas, a esperança e o otimismo com toda certeza teriam prevalecido. Paradoxalmente, é provável que tivesse obtido mais votos nessa direção no novo século, quando o mundo ocidental se aproximava de 1914, do que nas últimas décadas do anterior (HOBBSAWM, 1995, p. 26).

Por outro lado, este mesmo período *progressista* testemunhou a crescente rejeição ao iluminismo humanista, ao racionalismo, ao universalismo e à própria ideia dos direitos humanos, que alcançariam ao longo das primeiras décadas do século passado seu ponto culminante com o surgimento de regimes de inspiração fascista em grande parte da Europa continental. Já em 1908, ano de publicação da primeira edição de *O Tachão de Ferro*, Georges Sorel<sup>45</sup> criticava Marx por ter “[*falhado em perceber que*] uma revolução efetivada em um período de decadência [*poderia*] representar um retorno ao passado, ou mesmo, possuir no conservadorismo social seu objetivo principal” (SOREL apud PAXTON, 2004, p. 4). Há um paralelo claro entre a crítica efetuada por Sorel e as palavras de Arthur Moeller van den Bruck<sup>46</sup> (apud FAYE, 2009, p.80), extraídas de seu livro *O Terceiro Reich*, publicado em 1925 e que exerceu enorme influência sobre os líderes e principais ideólogos do nazismo:

---

<sup>44</sup>Eric John Ernest Hobsbawm (Alexandria, Egito, 9 de junho de 1917 - Londres, 1 de outubro de 2012) foi um historiador e intelectual britânico.

<sup>45</sup>Georges Eugène Sorel (Cherburgo, França, 2 de novembro de 1847 – Boulogne-Billancourt, França, 29 de agosto de 1922), foi um teórico do sindicalismo revolucionário

<sup>46</sup>Arthur Moeller van den Bruck (Solingen, Alemanha, 23 de Abril de 1876 – Berlin, Alemanha, 30 de maio de 1925) foi um historiador e escritor.

De fato, os dois objetivos, o que quer o revolucionário e o que quer o conservador, vão absolutamente no mesmo sentido. [E] nós queremos fazer uma espécie de liga conservadora-revolucionária. [Porque] o que é revolucionário hoje, será conservador amanhã. [...] Queremos associar estas ideias revolucionárias às ideias conservadoras [...] A questão é apenas saber se o conservador deverá triunfar sobre a revolução, ou se o revolucionário encontrará por si próprio o caminho do conservantismo. [Trata-se de] domar de maneira conservadora o movimento da revolução (grifo meu).

O trecho acima sintetiza, em grande medida, a análise social efetuada por Jack London: uma vez ameaçadas, as elites dominantes efetuariam sua própria contrarrevolução, rompendo a ordem social vigente para impedir que mudanças ainda mais radicais ocorressem. Quando o proletariado organizado e politizado passou a representar um perigo iminente às carteiras e propriedades dos grandes capitalistas seu aguçado senso de sobrevivência falou mais alto e eles não hesitaram em apoiar uma revolução alternativa que lhes preservasse minimamente seus privilégios e status.

### 3.2 *YOURS, FOR THE REVOLUTION!*

Quem foi o romancista que, durante anos, assinara suas cartas com um “- *Seu, para a revolução*”, e que peregrinou pelos EUA divulgando o socialismo revolucionário? Eu lhes apresento Jack London, um dos mais populares escritores norte-americanos do século XX (VAN SPANCKEREN, 1994, p. 56), autor de clássicos que se mantiveram relevantes na cultura nacional estadunidense décadas após sua morte precoce, aos 40 anos, em 1916. Sua biografia é repleta de situações extremas: foi pirata de ostras na Baía de San Francisco e passou breve período encarcerado durante o fim da adolescência acusado de vagabundagem; na virada do século atuou como minerador no Alaska durante a “*febre do ouro*” no leito do rio Klondike, o que acabou lhe propiciando intenso contato com a natureza indômita e, em consequência, inspiração para diversas de suas mais celebradas obras; correspondente de guerra na Ásia durante o conflito entre os impérios russo e japonês pela posse da Manchúria, em 1904; abastado burguês e ávido velejador que singrou os mares ao redor do mundo e, por fim, mas não menos importante, um ativo membro do Partido Socialista, tendo concorrido pelo partido, em duas ocasiões, ao cargo de prefeito de Oakland na

Califórnia (1901-1905). Em 1905, acabaria aceitando convite para realizar palestras sobre o socialismo pelos EUA:

A turnê não poderia ter vindo em melhor hora. Em todo o país o socialismo estava sendo calorosamente discutido depois do rescaldo do levante russo, de janeiro de 1905, e dos resultados conseguidos pelo Partido Socialista nas eleições presidenciais em novembro de 1904. Eugene V. Debs havia obtido 402.460 votos, muito menos que o vencedor, Theodore Roosevelt, 7.628.834, porém, mesmo assim, um desempenho notável (KERSHAW, 2013, p. 208).

Durante esse período, London incendiou-se do mais ardente fervor revolucionário, como nunca lhe ocorrera antes e jamais voltaria a repetir-se com a mesma intensidade até o fim de sua vida. É razoável supor, portanto, que seu ativismo político capacitava-o sobremaneira para escrever sobre a revolução já que, como preconizara Aristóteles em sua *Poética* (2008, p. 73), “[...] dos poetas com o mesmo talento, os mais convincentes são os que sentem as emoções: quem sente fúria transmite fúria e quem está irritado mostra irritação de forma mais realista”. Jack London, advindo de humildes origens proletárias e contando, à época da publicação de *O Tacão de Ferro*, um longo e penoso histórico de jornadas insalubres e mal pagas de trabalho operário, passou a divulgar a *boa nova* do socialismo (ainda que, por vezes, a expensas de beneméritos camaradas revolucionários) aos desfavorecidos e pouco instruídos (VAN SPANCKEREN, 1994, p. 56). Segundo Eric Hobsbawm (2005, p. 181):

Essa mensagem, a de unidade de todos os que trabalham e são pobres, foi levada até os mais remotos cantos dos países, por agitadores e propagandistas. E eles traziam igualmente a organização, a ação coletiva, estruturas sem a qual a classe operária não poderia existir como classe; e por meio da organização, adquiriam aqueles quadros de porta-vozes que podiam articular os sentimentos e esperanças dos homens e mulheres que não os saberiam enunciar.

Ainda que dotado de vasto repertório cultural e intelectual, London não chegara a concluir o ensino superior. Sua passagem pela Universidade de Berkeley fora breve, tal qual a de seu personagem Ernest:

Devo dizer que a [...] presença de Ernest em Berkeley se devia ao fato de que ele estava fazendo um curso como aluno especial em Biologia na universidade [...] (LONDON, 2011, p. 34). No original: *Ernest's continued presence in Berkeley, by the way, was accounted for by the fact that he was taking special courses in biology at the university [...]* (LONDON, 1908, p. 26).

Entretanto, fora sempre um autodidata, ávido leitor desde tenra idade de tudo que lhe caísse em mãos, especialmente, das obras de Nietzsche, Marx, Darwin e Spencer (STONE, 1969, p. 99). O *garoto socialista*, como fora rotulado durante sua passagem por Berkeley, atuou com afinco para tornar-se um escritor profissional. Intercalando exaustivas jornadas de trabalho braçal com igualmente exaustivas sessões de labor intelectual, enfrentou a mais absoluta penúria em diversas ocasiões antes de obter sucesso como autor. Sua obstinação se reflete na trajetória do personagem Ernest Everhard, em muito similar à do próprio London:

Aos 10 anos, fora trabalhar na tecelagem e, mais tarde, passou de aprendiz a ferreiro. Era um autodidata, estudara sozinho francês e alemão e, na época, ganhava escassamente a vida traduzindo obras científicas e filosóficas para uma combativa editora socialista de Chicago. Complementava seus rendimentos com os direitos que recebia da venda de suas próprias obras econômicas e filosóficas (LONDON, 2011, p. 33). *No original: At ten years of age he had gone to work in the mills, and later he served his apprenticeship and became a horseshoer. He was self-educated, had taught himself German and French, and at that time was earning a meagre living by translating scientific and philosophical works for a struggling socialist publishing house in Chicago. Also, his earnings were added to by the royalties from the small sales of his own economic and philosophic works* (LONDON, 1908, p. 25).

Sua alta produtividade artística é explicada por sua rígida rotina laboral: ele sempre se atribuía cotas de páginas a serem escritas todos os dias pela manhã, quer houvesse ou não inspiração para tal. Para o biógrafo Alex Kershaw (2013, p. 235), esta obstinação produtiva explicaria porque muitas das obras de London compartilham temáticas correlatas e, principalmente, as diferenças significativas de qualidade entre algumas delas, repudiadas por críticos contemporâneos a London como mero *autoplágio*. Estas informações são relevantes já que a grande maioria de suas obras ficcionais relacionam-se de forma direta com suas experiências pessoais. Realidade e fantasia confundiam-se aos longos das páginas de alguns de seus romances mais célebres. De seu período no Alaska em busca de ouro, por exemplo, London retirou inspiração para diversos contos e romances extremamente populares como *White Fang [Caninos Brancos]*, publicado em 1906 e *The Call of the Wild [O Chamado da Natureza]* de 1903, o “[...] clássico norte-americano mais lido de todos, com milhões de exemplares vendidos” (KERSHAW, 2013, p. 166). Em ambos, London revela significativas influências de *darwinismo social*, implícitas em suas crenças acerca da inevitabilidade do triunfo dos mais “fortes” e mais adaptados sobre os mais “fracos”. Suas inúmeras aventuras marítimas serviram de pano de fundo para *The Sea Wolf* [O

Lobo do Mar] de 1904 - adaptado para o cinema, com relativo sucesso em 1913 e mais de uma dezena de vezes ao longo do século XX - e *The Mutiny of the Elsinore* [*O Motim do Elsinore*], publicado em 1914. Entre a vasta gama de material produzido por Jack London incluem-se obras de caráter autobiográfico, que parecem desvelar a intimidade do autor de forma, ora sutil, ora muito explicitamente. Segundo Alex Kershaw (2013, p. 323), há muito sobre London em *Martin Eden* (1909), que revelaria suas dificuldades em enquadrar-se na sociedade burguesa da Califórnia do *fin de siècle* – perante a qual sempre se vira como um pária, por conta de suas origens humildes (VAN SPANCKEREN, 1994, p. 56) e; *John Barleycorn* (1913), que narra sua luta contra o alcoolismo abusivo, iniciado ainda na adolescência e que lhe acompanharia por toda a vida.

Jack London também atuou como jornalista social e correspondente mundo afora. Em 1902 publicou *The People of the Abyss* [*O Povo do Abismo*], um relato em primeira mão da mais absoluta miséria que testemunhara ao longo de meses morando nos subúrbios do *East End* em Londres - ora permanecendo na casa de humildes trabalhadores, ora dormindo ao relento nas ruas. Em *O Tação de Ferro*, inclusive, há um capítulo intitulado *O Povo do Abismo*, expressão tomada de empréstimo do escritor britânico H.G. Wells. Foi ainda correspondente de guerra para os jornais de William Randolph Hearst<sup>47</sup> (em quem Orson Welles, mais tarde, basearia o filme *Cidadão Kane*) durante o conflito entre japoneses e russos (1904-1905) pela posse da Manchúria. London acompanhou os desdobramentos da querela em solo japonês e suas impressões sobre a população local não foram das melhores. Ao ver um grupo de prisioneiros de guerra russos, afirmou que preferiria ficar atrás das grades com eles a “[...] permanecer em liberdade no meio de alienígenas” (KERSHAW, 2013, P. 187). Quando retornou à América, London publicou um artigo intitulado “*The Yellow Peril*” [*O Perigo Amarelo*] no qual demonstrava profundo desprezo por japoneses e chineses, afirmando que ambas as populações representariam a principal “[...] ameaça para o mundo ocidental” (KERSHAW, 2013, p. 188). À época, diga-se de passagem, a presença de imigrantes orientais na região de San Francisco era quantitativamente significativa. A recepção do público ao artigo, obviamente, foi

---

<sup>47</sup>William Randolph Hearst (San Francisco, EUA, 29 de abril de 1863 – Beverly Hills, EUA, 14 de agosto de 1951) foi um empresário americano do ramo de editoras que criou uma enorme rede de jornais.

negativa. Posteriormente, em reunião do comitê do Partido Socialista em Oakland quando questionado sobre suas afirmações London teria amaldiçoado, segundo um de seus camaradas, “[...] *Ja raça amarela inteira nos mais ultrajantes termos*[...]” e, em resposta às afirmações de seus correligionários de que no Japão também havia um proletariado e que Marx preconizara a solidariedade entre os explorados sob o lema “- *Trabalhadores de todos os países uni-vos!*”, London os respondeu afirmando que antes de ser um socialista era um homem branco (KERSHAW, 2013, p. 189). Outras passagens da biografia de London são igualmente sugestivas de suas arraigadas crenças social-darwinistas que, diga-se de passagem, estavam em voga à época mesmo entre a comunidade científica. Quando o grande terremoto devastou San Francisco em 1906, entretanto, London uniu-se em solidariedade aos imigrantes orientais que residiam às margens da Baía e que haviam sofrido perdas terríveis em consequência do tremor.

A relevância desta breve biografia visa demonstrar que sempre havia muito de Jack London em suas ficções e, como não poderia deixar de ser, isto se repete de forma ainda mais intensa e evidente em *O Tacão de Ferro*. As narrativas de suas exóticas aventuras saciavam um público consumidor ávido por conhecimento e entretenimento. De que outras formas poderiam eles saber como era a vida de um minerador em condições climáticas tão adversas como as do longínquo Alaska, adquirido junto ao Império Russo poucas décadas antes? Ou a de um marinheiro nas ilhas do Pacífico Sul? London poderia oferecer-lhes tudo isto, o que “*era*” e o que poderia “*ter sido*”, sempre a partir de elementos de verossimilhança que dificilmente poderiam ter sido criados por outros autores que não houvessem testemunhado *in situ* tudo aquilo que ele vislumbrara. Dentre tantas histórias que retratam a natureza selvagem e o afã humano em subjugar-la - temática recorrente na bibliografia de London -, *O Tacão de Ferro* compõe uma exceção por voltar-se, de forma quase exclusiva, às questões políticas da sociedade norte-americana da qual Jack London era um dos expoentes culturais. Para aproximar ainda mais a narrativa distópica de *O Tacão de Ferro* da realidade vivenciada por seus leitores, London lança mão do personagem Anthony Meredith, um historiador que atua como narrador das desventuras e infortúnios descritos no diário de Avis Everhard, esposa do protagonista Ernest. Na trama, Meredith recompõe a trajetória do levante socialista por meio dos relatos de Avis, sua “fonte histórica”, buscando contextualizá-la, na medida do



possível, não com o tempo da narrativa, mas com o tempo de produção do romance de Jack London: as notas de rodapé inseridas pelo “historiador” Meredith não raro fazem referência a eventos reais de início do século XX. Suas referências somente deixam de ser factíveis quando a narrativa ficcional do romance ultrapassa o tempo da escrita, projetando-se sobre o distópico futuro imaginado por London. Em termos gerais, é possível identificar em *O Tacão de Ferro* uma filosofia da história progressista que visava criar relações de causalidade e impor uma ordem teleológica entre os eventos reais retratados e seus possíveis desdobramentos futuros:

[...] Seremos esmagados sob o tacão de ferro de um despotismo tão cruel e terrível como qualquer despotismo que manchou as páginas da história humana. Eis um bom nome para esse despotismo: Tacão de Ferro. (LONDON, 2011, P. 118) No original: *Will be crushed under the iron heel of a despotism as relentless and terrible as any despotism that has blackened the pages of the history of man. That will be a good name for that despotism, the Iron Heel* (LONDON, 1908, p.152).

London não deixara de crer na vitória da classe operária, não obstante, vislumbrava que o desenlace final do projeto socialista demandaria mais tempo e, principalmente, maiores sacrifícios por parte dos trabalhadores do que imaginavam líderes da esquerda norte-americana de então. Sua intenção era a de reforçar no público a percepção de que os sinais sombrios apontados em seu romance *distópico* encontravam ressonância e estabeleciam condições de causalidade críveis com eventos pretéritos e contemporâneos ao período de escrita da obra, entre 1906 e 1907. Neste interstício, inúmeros fatos relevantes ocorreram e foram devidamente mencionados por London através do personagem Meredith como, por exemplo, o terremoto de 1906, além de reflexões sobre as condições sociais dos imigrantes: “Na época [início do século XX], a distinção entre as pessoas nascidas no país e as que vinham de fora era aguda e discriminatória” (2011, p. 33) [*The distinction between being native born and foreign born was sharp and invidious in those days*] (1908, P. 25); e, as influências do poder econômico no cotidiano das pessoas: “Nessa época, grupos de indivíduos vorazes controlavam todos os meios de transporte e cobravam muito do público pelo uso” (2011, p. 36) [*In those days, groups of predatory individuals controlled all the means of transportation, and for the use of same levied toll upon the public*] (1908, p. 30). O excessivo poderio auferido por alguns poucos privilegiados é

relatado em vários trechos do romance, mas, fica quantitativamente flagrante, em uma nota de rodapé de Meredith que estende-se, em sua íntegra, por quase três páginas:

Os Rockefellers [que já monopolizavam a produção de óleo e gás por meio da Standard Oil] entraram para as minas: ferro, carvão, cobre, chumbo; para outras companhias industriais; para o transporte urbano, nacional, estadual: bonde e trens; para o transporte marítimo de carga e passageiros; para o telégrafo; para o ramo imobiliário: arranha-céus, residências, hotéis e conjuntos comerciais; no ramo de seguros de vida e bancário. Logo, não havia ramos da indústria onde seus milhões não estivessem em ação...O banco dos Rockefellers, o *National City Bank*, é, de longe, o maior banco dos Estados Unidos (LONDON, 2011, p. 124). [*The Rockefellers went into mines – iron and coal and copper and lead; into other industrial companies; into street railways, into national state, and municipal bonds; into steamships and steamboats and telegraphy. Into real estate, into skyscrapers and residences and hotel and business blocks; into life insurance, into banking. There was soon literally no field of industry where their millions were not at work... The Rockefeller bank – the National City Bank – is by itself far and away the biggest bank in the United States*] (LONDON, 1908, pp. 160-161).

London também fora testemunha à época de uma severa crise econômica que sacudiu os EUA e exerceu muita influência sobre a narrativa ficcional de sua obra. As possíveis consequências do excessivo acúmulo de capital nas mãos de grandes monopólios causavam preocupação entre a população e, inclusive no governo norte-americano. Não à toa, a tomada do poder por parte do *Tacão de Ferro* no romance é precedida por uma grande crise econômica que desarticula todas as forças que poderiam, eventualmente, resistir aos seus intentos, conforme demonstrarei na sequência.

### 3.3 SEMEANDO VENTOS, COLHENDO TEMPESTADES

Os primeiros movimentos nas peças do tabuleiro contrarrevolucionário foram dados pela Oligarquia durante uma severa crise econômica fomentada pelos altos extratos da sociedade como forma de concentrar o poder financeiro antes da tomada do poder político de fato. Rapidamente, a classe operária foi reduzida à condição de servidão e lançada na mais absoluta miséria. A classe média não tardou também a sentir os efeitos do sorvedouro que transferiria grande parte de sua riqueza para as mãos das elites, que passaram a monopolizar de forma ainda mais clara todo o setor

produtivo nacional. London demonstra neste segmento de seu livro a crença de que uma crise econômica grave poderia abrir espaços para a ascensão de regimes autoritários e para a espoliação da classe trabalhadora. A monopolização das riquezas precederia a monopolização do poder. A Oligarquia manipula de forma eficaz os medos da classe média em relação a um possível levante do proletariado, lançando mão de milícias para intimidar e agredir membros do movimento socialista, atacando jornais e sindicatos, táticas essas muito semelhantes às observadas na Itália da década de 1920, onde os Camisas Negras de Mussolini pavimentaram o caminho que levaria ao fascismo a partir do movimento *squadrista* do Vale do Pó. A crise das democracias liberais, enfraquecidas pela guerra e por dificuldades de negociação parlamentar para a composição de governos abriu espaços para radicalismos – de direita e de esquerda – que abalaram as estruturas políticas, tirando-as de um titubeante estado de letargia.

Como observado anteriormente, Jack London usualmente flertava com o real na composição de suas narrativas e, como não poderia deixar de ser, as condições políticas, econômicas e sociais dos EUA na primeira década do século XX serviram de inspiração e plano de fundo para o desenvolvimento da trama ficcional de *O Tachão de Ferro*. O período foi marcado por uma intensa escalada industrial dos países desenvolvidos - apoiada nos recentes avanços científicos e em uma organização racional do trabalho - que gerou muita riqueza (VAN SPANCKEREN, 1994, p. 49-50). Seus frutos, entretanto, acabaram restritos a um seleto grupo de grandes capitalistas. Os trabalhadores não foram convidados para o banquete. Beneficiados por políticas econômicas abertamente liberais, pelo *laissez-faire* que conduziria à traumática *Crise de 1929*, os barões da indústria acumulavam dividendos e poder político em proporções semelhantes. Não havia benefícios sociais e tampouco mecanismos que protegessem os trabalhadores diante de crises econômicas, oscilações bruscas do mercado, arrocho salarial ou perda de emprego (KARNAL, 2007, p. 177). A desigualdade crescente no período deu impulso à organização sindical e à contestação política: o *Industrial Workers of the World*<sup>48</sup> (IWW), sindicato cuja atuação foi duramente reprimida pelas autoridades, buscava a formação de um grande

---

<sup>48</sup>N.A. O IWW foi fundado em Chicago, em 1905 e, coincidência ou não, a violenta *Comuna* descrita por London em *O Tachão de Ferro* ocorre nessa cidade.

movimento nacional que vislumbrava a tomada do poder pelo proletariado. Os *wobblies*, como eram conhecidos popularmente os membros do grupo,

[...] rejeitavam as formalidades das relações de trabalho institucionalizadas, argumentando que a “ação direta” – greves, mobilizações, manifestações, ocupações – era mais eficiente do que as negociações contratuais (KARNAL, 2007, p. 185).

A atuação política radical do grupo foi influenciada, em grande medida, pelas ideias anarcossindicalistas circulantes na Europa à época, e visava à realização de uma ampla e irrestrita greve geral que seria, no entendimento dos líderes do movimento, o prenúncio de uma revolução socialista. A reação dos patrões e das elites dominantes, como seria de se esperar, foi das piores possíveis: autoridades uniram-se pelo país afora para prevenir a realização de palestras e manifestações do grupo que, por sua vez, respondeu realizando contundentes e relativamente bem-sucedidas campanhas em defesa da liberdade de expressão. A força do Estado, entretanto, desequilibrou o conflito em favor dos poderosos: “[...] *milhares de ativistas foram presos e espancados pelas polícias, milícias e vigilantes particulares e dezenas deles acabaram assassinados [...]*” (KARNAL, 2007, pp. 185-186).

Nem toda atuação política da esquerda era necessariamente revolucionária no período. O *SPA – Socialist Party of America* - fundado em 1901, crescia em popularidade e influência, principalmente junto à população de imigrantes que em grandes cidades como Nova York, Chicago e Detroit, passavam de 80% dos habitantes. A mobilização das classes subalternas refletia a precariedade de suas condições de vida: em solo norte-americano, ao menos 1,7 milhões de crianças ainda trabalhavam em fábricas e campos no início do século XX; entre 1889 e 1903, em média dois negros foram linchados por semana nos estados do Sul; e em termos gerais, a exploração extrema da classe trabalhadora - baixos salários, carga horária excessiva e condições laborais insalubres - eram defendidas pelo capital como algo natural. Essa crença baseava-se na doutrina pseudocientífica do *darwinismo social* muito em voga à época tanto na Europa quanto nos Estados Unidos (KARNAL, 2007, pp. 176-187). Em que pese o crescimento econômico e a evidente tendência de que os grandes monopólios garantiriam o protagonismo norte-americano em um mercado cada vez mais globalizado (KARNAL, 2007, p. 176), a situação dos mais pobres pouco mudou por conta do sucesso dos grandes capitalistas. Nos primeiros anos do século

XX, cerca de metade dos operários da indústria trabalhavam em empresas com mais de 250 funcionários, em sua maioria em corporações gigantescas que monopolizavam amplos setores da economia. Estes verdadeiros *colossos*, que combinavam poderio industrial e financeiro, como a *Carnegie Steel* de Andrew Carnegie<sup>49</sup> e a *Standard Oil* de John D. Rockefeller<sup>50</sup>, dominavam o mercado interno norte-americano e ampliavam seu predomínio global. Segundo Leandro Karnal (2007, p. 177), “[...] o Senado dos Estados Unidos relatou, em 1903, que o banqueiro J.P. Morgan participava da diretoria de 48 corporações enquanto John D. Rockefeller, presidente da *Standard Oil*, atuava em 37”. Morgan, um dos homens mais ricos da virada do século XX nos EUA, fez fortuna em Nova York atuando, principalmente, em investimentos imobiliários e no mercado financeiro.

Havia uma preocupação do Estado em relação à excessiva acumulação financeira nas mãos de grupos monopolistas o que motivou o então presidente Theodore Roosevelt a propor medidas capazes de controlar o surgimento de grandes conglomerados. A atitude de Roosevelt foi influenciada por uma grave crise que atingiu a economia norte-americana em 1907 impulsionada, em grande medida, pelos prejuízos que a devastação do terremoto de 1906 havia causado às seguradoras locais. Houve pânico generalizado no mercado financeiro motivado pela falência de grandes empresas e a bancarrota de muitos investidores individuais. A economia liberal revelou-se um imenso e frágil castelo de cartas. A cidade de Nova York - coração financeiro norte-americano que pulsava, diuturnamente, no ritmo da *Wall Street* - acabou sendo salva da insolvência financeira graças à ajuda do banqueiro J.P. Morgan<sup>51</sup> em uma ação conjunta que envolveu, também, outros grandes industriais da época como Andrew Carnegie e John D. Rockefeller<sup>52</sup>, então o homem mais rico dos EUA (BRUNER & CARR, 2007, p. 131). Submeter os destinos de milhões de pessoas aos interesses de algumas poucas dezenas de *arquicapitalistas*

---

<sup>49</sup>Andrew Carnegie (Dunfermline, Escócia, 25 de novembro de 1835 — Lenox, Massachusetts, 11 de agosto de 1919) foi um empresário e filantropo estadunidense nascido na Escócia.

<sup>50</sup>John Davison Rockefeller (Richford, 8 de julho de 1839 – Ormond Beach, 23 de maio de 1937) foi um investidor e empresário norte-americano.

<sup>51</sup>John Pierpont Morgan (Hartford, EUA, 17 de abril de 1837 — Roma, Itália, 31 de março de 1913), foi um banqueiro, financista e colecionador de arte americano.

<sup>52</sup>N.A. As fortunas amealhadas em vida por Rockefeller e Carnegie os colocam, em valores corrigidos, entre os dez homens mais abastados de todos os tempos. Disponível em <http://www.nydailynews.com/news/top-10-richest-people-time-gallery-1.1186737?pmSlide=1.1186733>. Consultado em 22/08/2017.

que detinham um elevado percentual de todas as riquezas do país e que, via de fato, não visavam nada que não o lucro, revelou-se potencialmente arriscado. A aflição com este acúmulo desenfreado de capitais pode ser identificada em trechos de *O Tacão de Ferro* como, por exemplo: “[...]chegará o dia em que a fusão dos monopólios controlará todas as leis; em que a fusão de monopólios será o próprio governo” (LONDON, 2011, p. 107) [*There will come a time when the combination of the trusts Will control all legislation, when the combination of the trusts will itself be the government*] (LONDON, 1908, p. 135). A consternação causada pelos reflexos da crise junto aos mais pobres - como sempre, as maiores vítimas das flutuações da economia - e a atuação política de líderes socialistas, sindicalistas e anarquistas trouxe resultados. Ainda que popularmente incipientes e representantes de uma minoria absoluta, a pressão exercida pelos radicais motivou a adoção de tímidas políticas públicas em âmbito nacional com o intuito de mitigar as agruras e sofrimentos dos mais desfavorecidos. Entretanto, segundo Leandro Karnal (2007, p. 185),

[...] as campanhas reformistas foram extremamente diversas e frequentemente contraditórias, contando, em um lado do espectro, com socialistas que queriam transformação social e política profunda e, no outro lado, com empresários e políticos de partidos tradicionais incomodados com o mal-estar provocado pelos descontentamentos nos meios industriais.

Na Europa, a situação dos trabalhadores era muito semelhante, entretanto, o histórico de lutas era mais extenso do que nos EUA. Organizados em sindicatos de inspiração marxista, trabalhadores buscavam a ampliação de direitos e, como causa última, a superação do capitalismo liberal burguês. Com a tentativa de Revolução Russa de 1905, tida por Lênin como um “ensaio” para o levante vitorioso de doze anos mais tarde, os trabalhadores descobriram de forma trágica que as elites dominantes resistiriam e que o capitalismo não sucumbiria naturalmente, como uma flor que cai de seu ramo ao fim da estação. London incluiu em *O Tacão de Ferro* uma referência direta ao *grande ensaio* russo. Ao referir-se aos agitadores controlados pela *Oligarquia* com o intuito de atacar a imprensa e insuflar a violência, London chamou-os de “*Centenas Negras*” em menção aos grupos reacionários leais à família Romanov (2011, p. 130). Curioso observar que essa referência ao levante russo e à metodologia de atuação política violenta dos reacionários é muito similar à praticada por fascistas italianos anos mais tarde. Um dos primeiros atos políticos após a fundação do Partido Fascista Italiano ficou marcado pelo ataque violento ao jornal trabalhista *Avanti* em abril de 1919 que resultou em um total de quatro mortos e trinta e nove feridos.

Ironicamente Mussolini, fundador do fascismo e o futuro *Duce* da Itália, fora editor deste mesmo periódico de esquerda em período anterior ao da Primeira Guerra, entre 1912 e 1914 (PAXTON, 2004, p. 7). Voltando a Jack London pode-se dizer que o autor, de certa forma, mimetizava nos EUA as vertentes de socialismo revolucionário e ação política direta então em voga na Europa e tidos como modelos a serem seguidos. O internacionalismo marxista preconizava a correlação entre os diversos movimentos nacionais:

[No início do século XX] os partidos socialistas e trabalhistas cresciam em quase toda parte, num ritmo que, dependendo do ponto de vista do observador, seria extremamente alarmante ou maravilhoso. Os líderes se animavam fazendo triunfantes extrapolações da curva de crescimento anterior. O proletariado estava destinado [...] a tornar-se a grande maioria do povo. [...] Ou, como dizia o novo hino do socialismo mundial: “A Internacional será a raça humana” (HOBSBAWM, 2005, p. 170).

A grande diferença em relação ao que ocorria na Europa relacionava-se com as estruturas democráticas disparem em ambas as margens do Atlântico Norte. No *Velho Mundo* o socialismo - historicamente bem estruturado - beneficiava-se da crescente democratização observada na virada do século. Mesmo a Rússia czarista caminhava no pós-1905 para o desenvolvimento de um sistema político baseado em um eleitorado cada vez mais amplo e, principalmente, dominado pelo *povo comum* (HOBSBAWM, 2005, p. 129). Os EUA de Jack London contavam no início do século XX com bases democráticas sólidas estabelecidas já há mais de um século, mas, o socialismo ainda engatinhava, especialmente, se comparado ao que ocorria na Europa. Apesar de contar com um partido socialista desde 1901, o movimento norte-americano era incipiente em relação aos congêneres europeus. Segundo Eric Hobsbawm (2005, p. 169), no período, “[...] a existência de partidos operários e socialistas de massas era já a regra: a ausência deles é que surpreendia”. Em 1895, Friedrich Engels<sup>53</sup> vislumbrara no crescimento democrático a antecâmara para a ascensão socialista. Para Engels (1978, p. 571), “[se o crescimento dos votos socialistas] continuar desta maneira, até o fim deste século [XIX] nós socialistas poderemos conquistar a maior parte dos estratos médios da sociedade, os pequenos

---

<sup>53</sup>Friedrich Engels (Barmen, Prússia, 28 de novembro de 1820 — Londres, Reino Unido, 5 de agosto de 1895) foi um teórico revolucionário alemão que junto com Karl Marx fundou o socialismo científico.

*burgueses e camponeses, transformando-nos na força decisiva do país*". Se o otimismo de Engels aplicava-se ao cenário europeu, no qual muitos países ainda efetuavam uma lenta e incompleta transição para a democracia, seria de esperar que em um país com longa tradição democrática – como os EUA – este processo poderia ocorrer de forma natural e menos traumática. Engels (1978, p. 571), porém, não deixou de fazer um alerta: “*Os conservadores já perceberam que a legalidade trabalha contra eles. [...] Não [lhes] resta nada além de tentar encontrar suas próprias brechas na legalidade*”. Sob a iminência de que a democratização irrestrita relegaria às massas populares - ampla maioria da população - a prerrogativa de decidir os rumos políticos do país, seria de se esperar que as classes dirigentes conforme sugerido por Engels e, posteriormente, por Jack London, atuassem para atenuar o potencial explosivo que o poder nas mãos do proletariado poderia trazer à sociedade:

De fato, o que aconteceria na política quando as massas populares, ignorantes e brutalizadas, incapazes de entender a elegante e salutar lógica do mercado livre de Adam Smith, controlassem o destino político dos Estados? O mais provável é que seguissem o caminho que conduziria àquela revolução social cujo breve ressurgimento, em 1871, tanto apavorara a gente respeitável. A revolução, em sua antiga forma insurrecional, talvez não parecesse mais iminente; mas não se ocultaria ela atrás de alguma concessão mais ampla do sufrágio, que se estendesse para além dos estratos dos proletários e das pessoas instruídas? Não levaria isso, inevitavelmente, ao comunismo [...]? (HOBBSAWM, 2005, p. 127)

A democracia em seu sentido clássico é o governo *par excellence* das massas populares. Parece-me evidente que os interesses de ricos e pobres, salvo raras exceções, não serão coincidentes e irão entrecocar-se de forma recorrente em ambientes democráticos ou que, ao menos, as soluções defendidas pelos privilegiados tendem historicamente a preterir os desprivilegiados. O estabelecimento de alicerces democráticos sólidos que efetivamente garantissem a participação e o respeito às deliberações da maioria colocaria em xeque as estruturas de dominação há tempos estabelecidas. Não à toa, segundo Hobsbawm (2005, p. 143), “[...] os contemporâneos pertencentes às camadas superiores da sociedade davam-se conta, vivamente, dos perigos de uma política democratizada e, de modo geral, da progressiva centralidade das massas”. A partir dos trechos anteriormente elencados, parece claro que o temor externado por Jack London em *O Tachão de Ferro* de que as classes dominantes reagiriam ao avanço dos ideais socialistas no campo democrático tinha razão de ser, muito embora, tenha sido superestimado pelo autor, ao menos no



caso norte-americano. No entanto, em contextos nacionais diferentes como o alemão, onde a causa da revolução já estava firmemente arraigada e ganhava cada vez mais adeptos ao longo das primeiras décadas do século XX, o contra-ataque das classes dominantes deu-se de forma análoga à ocorrida no romance de London. Antes de o fascismo tornar-se uma realidade concreta, líderes socialistas como Rosa Luxemburgo<sup>54</sup> e Karl Liebknecht<sup>55</sup> - fundadores da Liga Spartacus - foram perseguidos e assassinados em 1919 (PAXTON, 2004, p. 27) por membros das *freikorps* que dariam origem à S.A. nazista. No mesmo ano, o levante socialista liderado por Béla Kun<sup>56</sup> na Hungria teve destino semelhante, abrindo caminho para a instauração de um regime ditatorial que se aproximaria no fascismo ao longo das décadas seguintes (PAXTON, 2004, p. 25).

As consequências nefastas resultantes de uma possível reação ao movimento socialista foram quase sempre marginalizadas no debate político e a cisão ocorrida no bloco da esquerda no início do século XX exerceu enorme influência para que as discussões se focassem muito mais nos *meios* do que nos *fins*. Conforme observado por Hobsbawm (2005, p. 149), os movimentos de massas socialistas sofreriam uma distensão interna com o surgimento e/ou fortalecimento de alas moderadas e reformistas na virada do século. Mesmo entre os marxistas havia aqueles que, como Eduard Bernstein<sup>57</sup>, acreditavam que a política do *eleitoralismo* estava a favor da causa, além de propiciar que quadros menos radicais do movimento pudessem ser eleitos e compor de forma pouco ruidosa o governo, fazendo parte efetivamente do sistema. Se parecia inimaginável na maior parte dos países que os socialistas assumissem o poder do ponto de vista prático, ao menos a busca por um alinhamento político amplo que viabilizasse reformas pontuais revestia-se de certa perspectiva de êxito (HOBSBAWM, 2005, p. 149). Do outro lado permaneceram os defensores da ação direta revolucionária que viam na participação política dos partidos de esquerda uma adesão implícita ao *status quo*. A cisão do campo socialista seria lamentada

---

<sup>54</sup>Rosa Luxemburgo (Zamość, Polônia, 5 de março de 1871 — Berlim, Alemanha, 15 de janeiro de 1919) foi uma filósofa, economista e liderança revolucionária marxista.

<sup>55</sup>Karl Liebknecht (Leipzig, Alemanha, 13 de agosto de 1871 — Berlim, Alemanha, 15 de janeiro de 1919) foi um político e dirigente socialista alemão.

<sup>56</sup>Béla Kun (Szilágyocseh, Romênia, 20 de fevereiro de 1886 – Moscou, URSS, 29 de Agosto de 1938) foi um político comunista que governou a Hungria por um curto período em 1919.

<sup>57</sup>Eduard Bernstein (Berlim, 6 de janeiro de 1850 — Berlim, 18 de dezembro de 1932) foi um político e teórico político alemão. Foi o primeiro grande revisionista da teoria marxista e um dos principais teóricos da socialdemocracia.

décadas mais tarde. Em 1940, Orwell afirmaria com pesar que os marxistas revolucionários só conseguiram identificar no fascismo - e não na social democracia - seu principal antagonista quando já estavam, eles próprios, às portas de Dachau e Auschwitz. Os socialistas e comunistas seriam as primeiras vítimas do nazifascismo e, grosso modo, a “caça aos vermelhos” resume o *animus motus* que conduziu a extrema-direita ao poder. Essa divisão e a aparente passividade dos socialistas democratas evidenciam-se nas palavras de Antonio Gramsci, em 1921, acerca de sua atuação no Parlamento Italiano:

O que se propõem a fazer os socialistas [democráticos] e os chefes confederados para impedir que sobre o povo italiano venha a cair a tirania do estado maior, dos latifundiários e dos banqueiros? Estabeleceram algum plano? Tem algum programa? Ao que parece, não. [...] Os socialistas [democráticos] jamais consideraram seriamente a possibilidade de um golpe de Estado [...]. Habitados a ruminar estupidamente algumas fórmulas *pseudomarxistas* negam a revolução [...] (GRAMSCI, 1974, p. 79).

A arte imita a vida e, a ficção de Jack London, não deixa de pautar-se também por este debate. Muito embora pretenda operar dentro do sistema político com a candidatura de Ernest Everhard ao Congresso, o movimento socialista descrito em *O Tachão de Ferro* guia-se, invariavelmente, pela causa revolucionária. Ao longo da narrativa, London demonstra sua descrença nas instituições democráticas, deixando explícita a expectativa de que em caso de uma pouco provável vitória socialista nas eleições o poder nem seria formalmente transmitido à esquerda. Como alternativa à iminente impossibilidade, segundo London, de se conquistar o governo por meio do sufrágio democrático, surge a ação direta violenta e revolucionária que se inicia no romance, conforme preconizado pelo *anarcossindicalismo* europeu, por meio de uma greve geral. Fazer parte do jogo político e, portanto, integrar-se ao sistema desagradava aos socialistas revolucionários, mas a atuação dos socialdemocratas rendeu alguns frutos às classes trabalhadoras. Ainda que a contragosto, muitos países foram induzidos por pressões políticas a iniciarem um claudicante processo de concessões reformistas que tinha por objetivos, também, como não poderia deixar de ser, cortar as raízes da agitação socialista. Leis foram aprovadas para atenuar as condições de trabalho e em lugares como a Alemanha, Áustria e Inglaterra, esboços de previdência social (aposentadorias, seguros-desemprego e de saúde) começaram a surgir. Em outras nações gestos semelhantes, ainda que apenas simbólicos,

sinalizavam uma tentativa de impedir a ebulição da sociedade, mas, nos EUA de Morgan, Carnegie, Rockefeller nem isso se verificou. No início do século, como observado anteriormente, não havia uma legislação nacional que regulasse o trabalho de crianças e adolescentes norte-americanos. Acidentes de trabalho eram comuns, como o do personagem Jackson, que perdeu o braço em uma prensa enquanto trabalhava no Moinho Sierra do qual o pai de Avis era um dos acionistas em *O Tação de Ferro*. Quando a esposa de Ernest toma ciência dos infortúnios experimentados pelo operário, vivencia uma espécie de epifania política, especialmente, quando informada pelo advogado que defendera Jackson de que,

[...] eram constantes os acidentes na fábrica e que a política da empresa consistia em lutar até o fim contra quaisquer reivindicações de indenização (LONDON, 2011, p. 50). No original: “*there were many accidents in the mills, and that the company’s policy was to fight to the bitter end all consequent damage suits*” (LONDON, 1908, p. 51).

Tal qual relatado no romance, segundo Eric Hobsbawm (2005, p. 151), “[...] por volta de 1905, leis geralmente disponíveis estipulavam indenizações a operários em caso de acidente, mas não interessaram o Congresso e foram condenadas pelos tribunais como inconstitucionais”. Apesar dos eventuais avanços obtidos pelos socialdemocratas, a divisão do campo da esquerda acentua-se após o fracasso do levante russo com o fortalecimento de uma crescente esquerda radical composta principalmente por rebeldes, militantes sindicalistas de base, intelectuais dissidentes e revolucionários de diversas matizes. Os radicais rejeitavam os partidos proletários de massa – em seu ponto de vista, inevitavelmente reformistas e burocratizados – e sua forma passiva de atuação política. Em vez disso, preconizavam a ação direta do proletariado que deveria organizar-se e promover por meio de uma greve geral a revolução. Essa metodologia política fora intitulada *anarcossindicalismo* por conta do “[...] casamento entre revolucionários sociais extremados e a militância sindicalista descentralizada, associada em variáveis graus às ideias anarquistas” (HOBSBAWM, 2005, p. 193). A primazia da *ação direta*, denominador comum no caso anteriormente elencado, não por acaso seria invocada reiteradamente nas décadas seguintes, mesmo na retórica de líderes fascistas que apropriaram-se e *ressignificaram* discursos do ideário revolucionário. Conforme afirma J.P. Faye em *Introdução às Linguagens Totalitárias*, o nazifascismo em seus primórdios valeu-se de críticas contundentes ao liberalismo e ao capitalismo – em muito semelhantes às realizadas pelos marxistas –

para embasar sua retórica em defesa da “*revolução conservadora*” do nacional-socialismo. O *anarcossindicalismo* e sua exortação à *ação política direta* conforme descrita nas obras de ideólogos como o francês Georges Sorel representariam, neste sentido, a raiz comum do radicalismo político do século XX. Não por acaso as *Reflexões sobre a Violência*, de Sorel, constam como referências para autores relevantes, quer fossem revolucionários, quer reacionários. Marxistas de extrema-esquerda e fascistas de extrema-direita beberam eventualmente da mesma fonte e, não raro, o fascista de hoje fora o marxista revolucionário de outrora. Além do anteriormente exposto - e muito emblemático - caso de Benito Mussolini, *A Era dos Impérios* de Eric Hobsbawm (2005, pp. 182-183) também traz relatos sobre como eram intercambiáveis e voláteis os posicionamentos políticos no período:

E se a muito discutida crise do setor artesanal tradicional empurrou alguns grupos de mestres-artesãos para a direita radical, anticapitalista e anti-proletária, como aconteceu na Alemanha, poderia igualmente, como na França, intensificar-lhes o jacobinismo anticapitalista ou o radicalismo republicano.

Acredito que as páginas precedentes fornecerão aos leitores a contextualização histórica necessária para o estabelecimento de paralelos entre a sociedade de início do século XX e os eventos fictícios narrados no romance de Jack London que serão pormenorizados na sequência.

### 3.4. REVOLUÇÃO E CONTRARREVOLUÇÃO NO *TACÃO DE FERRO*

A trama de *O Tacão de Ferro* grosso modo gira em torno de uma malsucedida tentativa de revolução do proletariado que desencadeia uma reação por parte das elites e conduziria a um durável e terrível regime ditatorial. Os personagens principais da trama são, além do casal Ernest e Avis Everhard; o pai de Avis, John Cunningham, professor de física na Universidade de Berkeley; e, o Bispo Morehouse. A narração, como observado anteriormente, é efetuada pela personagem Avis e, logo nas primeiras páginas, ela relata seu primeiro encontro com o revolucionário Ernest. Avis o descreve como um típico herói, uma espécie de super-homem *nietzschiiano*: forte e rústico como um operário e, no entanto, dono de uma erudição invejável; ferino em suas assertivas políticas e doce com um poeta em sua intimidade; um verdadeiro

messias que não temia a própria morte e que estava, portanto, disposto a todo e qualquer sacrifício em nome da revolução. Ernest fora convidado por John, pai de Avis, para participar de um colóquio com alguns dos baluartes da sociedade californiana de início do século que compunham o círculo íntimo de amizades da família Cunningham. O professor mostrara-se verdadeiramente deslumbrado após ouvir as palavras de Ernest aos operários em um comício público a ponto de convidá-lo para debater com seus pares.

O desempenho do jovem Everhard, como se poderia presumir, foi notável. Dono de uma retórica e de uma lógica incomparáveis ele desconstrói, um após o outro, todos os argumentos que lhe são apresentados em oposição à revolução e ao socialismo. Por meio de London, Ernest executa as mesmas tarefas que seu criador julgava realizar ao desafiar setores da elite governante em suas turnês de palestras. A estrela de Ernest começara a brilhar. Avis não apaixonou-se de imediato, havia algo em Ernest que a perturbava: sua impetuosidade confundia-se aos olhos de Avis com arrogância, a típica arrogância daqueles que ousavam desafiar seus senhores. A família Cunningham era abastada e pertencia, portanto, aos extratos mais elevados da sociedade. Muitas das duras expressões utilizadas por Ernest para referir-se às elites soavam como ofensas aos ouvidos de Avis. Além da posição obtida por John na universidade, eles contavam com um amplo leque de investimentos, sendo acionistas de diversos empreendimentos, incluindo nos Moinhos Sierra. Ernest conhecia os infortúnios dos trabalhadores braçais por conta de sua atuação sindical e retirou Avis de sua zona de conforto burguesa ao afirmar que tudo aquilo que os Cunningham possuíam estava encharcado com o sangue de pobres operários explorados. Diante de tal acusação e disposta a provar que Ernest estaria equivocado em suas acusações, Avis interessa-se por investigar as desventuras de Jackson, trabalhador que tivera decepado um dos braços em um acidente nos moinhos. Ao aprofundar-se nos pormenores do caso, Avis experimenta uma espécie de epifania, um choque de realidade que abala suas convicções e, por fim, a aproximaria definitivamente de Ernest e da causa operária. Em um primeiro momento, Avis acredita haver certo exagero no relato de Ernest. Uma visita ao advogado que representou Jackson na ação movida contra o moinho, no entanto, retrata as dificuldades encontradas pelos trabalhadores em busca de justiça; as jornadas de trabalho eram extensas e isso potencializava o risco de acidentes. Foi em uma dessas

noites que o desafortunado Jackson, ao tentar retirar uma pedra presa às engrenagens do moinho e poupar alguns dólares de prejuízo aos patrões e acionistas, teve o braço triturado pela máquina, das pontas dos dedos até os ombros. Acusado de insolência, Jackson foi derrotado em sua apelação indenizatória e acabou demitido pelo moinho. Ele, sua esposa e seus três filhos foram abandonados à penúria e à fome. Exposta à dureza do destino enfrentado pelos trabalhadores espoliados, Avis acaba por desconstruir alguns de seus antigos preconceitos e, tal qual seu pai e o bispo Morehouse, é atraída pelos encantos de Everhard e pela nobreza da causa operária.

Ernest causava furor na sociedade de San Francisco com seus discursos inflamados e a capacidade de convencimento de sua retórica. A conversão dos Cunningham ao socialismo lhe rendeu um convite para falar aos membros da Sociedade Filomática, uma espécie de clube de ricos capitalistas que reuniam-se regularmente com o intuito de preservar certa aura de intelectualidade em seu meio social. Dentre os habituais convidados listavam-se, geralmente, políticos de todas as esferas e cientistas laureados das mais diversas áreas; membros da elite estatal e universitária norte-americana. Ciente de que Ernest poderia ter caído em uma armadilha, Avis o alerta sobre o interesse implícito no convite de ridicularizá-lo publicamente. Ele, porém, já havia se dado conta de tais intenções e estava disposto a afrontar os senhores da sociedade em seu próprio covil:

Ameaçarei suas bolsas de dinheiro. Isso irá abalá-los até as raízes de sua natureza primitiva. Se você puder ir, verá o homem das cavernas vestido a rigor, mostrando os dentes e grunhindo em torno de um osso. Prometo-lhe que ouvirá o grito da fera e compreenderá a natureza do animal (LONDON, 2011, p.65). No original: *But I shall menace their money-bags. That will shake them to the roots of their primitive natures. If you can come, you will see the cave-man, in evening dress, snarling and snapping over a bone. I promise you a great caterwauling and an illuminating insight into the nature of the beast* (LONDON, 1908, p. 74).

Avis acompanha Ernest à reunião e, como esperado, os membros da elite observam-no com o desdém destinado à ralé e praticamente não reagem aos dados utilizados por ele para ilustrar a situação dramática enfrentada pelos mais pobres e a injustiça patente em sua lamentável situação. Sua aparente apatia desaparece por completo, entretanto, quando ameaçados:

Ernest começou descrevendo o exército da revolução e, à medida que dava os números da sua força (os votos recebidos em outros países), as pessoas ali reunidas começavam a ficar inquietas. Suas faces denunciavam preocupação e percebi que alguns apertavam os lábios. Afinal, o desafio para o combate havia sido lançado. Descreveu a organização internacional dos socialistas que unia um milhão e meio nos Estados Unidos e vinte e três milhões e meio no resto do mundo. O grito desse exército é: "Sem trégua!". Queremos tudo o que vocês possuem. [...] Queremos tomar em nossas mãos as rédeas do poder e o destino da humanidade (LONDON, 2011, p. 72). No original: *Ernest began by describing the army of revolution, and as he gave the figures of its strength (the votes cast in the various countries), the assemblage began to grow restless. Concern showed in their faces, and I noticed a tightening of lips. At last the gage of battle had been thrown down. He described the international organization of the socialists that united the million and a half in the United States with the twenty-three millions and a half in the rest of the world. "Such an army of revolution," he said, "twenty-five millions strong, is a thing to make rulers and ruling classes pause and consider. The cry of this army is: 'No quarter! We want all that you possess. [...] We want in our hands the reins of power and the destiny of mankind (LONDON, 1908, p. 83).*

Segundo o relato de Avis: “- *Naquele momento, quando vi a dureza de sua expressão e o brilho do combate em seus olhos, percebi que não deixariam que lhes tomassem o domínio do mundo tão facilmente*” (LONDON, 2011, p. 72). A reação da Oligarquia inicia-se com uma resposta à altura do desafio lançado:

Acreditem-me, a situação é séria. Este urso [Ernest] hoje esticou suas patas para nos esmagar. Ele disse que há um milhão e meio de revolucionários nos Estados Unidos. Isso é um fato. Ele disse que pretendem arrancar de nós o governo, os palácios e todo nosso nobre conforto. Isso também é um fato. Está acontecendo uma mudança na sociedade, uma grande mudança; mas, felizmente, pode não ser a mudança que o urso está prevendo. O urso disse que ele vai nos esmagar. E se nós esmagarmos o urso? [...] Nós caçaremos o urso. Não responderemos a ele com palavras. Nossa resposta se estribará em chumbo. Nós estamos no poder. [...] E será graças ao poder que permaneceremos no poder. [...] Trituraremos seus revolucionários sob os nossos tacões e caminharemos sobre suas faces. O mundo é nosso, nós somos senhores dele e ele continuará a ser nosso. Quanto às hostes de trabalhadores, elas têm estado no pó desde que a história humana teve início; e eu li a história corretamente. E no pó elas continuarão, enquanto eu e os meus, e aqueles que vierem depois de nós, detivermos o poder. Esta é a palavra. Rainha e mãe de todas as palavras: poder. Não é Deus, nem riquezas, mas poder (LONDON, 2011, pp. 79-80). No original: *"Believe me, the situation is serious. That bear reached out his paws to-night to crush us. He has said there are a million and a half of revolutionists in the United States. That is a fact. He has said that it is their intention to take away from us our governments, our palaces, and all our purpled ease. That, also, is a fact. A change, a great change, is coming in society; but, haply, it may not be the change the bear anticipates. The bear has said that he will crush us. What if we crush the bear?" [...] "We will hunt the bear. We will not reply to the bear in words. Our reply shall be couched in terms of lead. We are in power. [...] By virtue of that power we shall remain in power." [...] We will grind you revolutionists down under our heel, and we shall walk upon your faces. The world is ours, we are its lords, and ours it shall remain. As for the host of labor, it has been in the dirt since history began, and I read history aright. And in the dirt it shall remain so long as I and mine and those that come after us have*

*the power. There is the word. It is the king of words — Power. Not God, not Mammon, but Power. Pour it over your tongue till it tingles with it. Power"* (LONDON, 1908, p. 96-97).

Impossível não observar a aparente influência de conceitos hegelianos nas palavras dos oligarcas enfurecidos. Segundo Hegel, “[...] *os homens são tão loucos que chegam a esquecer... no seu entusiasmo pela liberdade de consciência e pela liberdade política, a verdade que reside no poder*”. Estas palavras, escritas em 1801, de acordo com Cassirer (1976, pp. 287-288), “[...] *contêm o mais brutal programa de fascismo jamais proposto por qualquer escritor de Filosofia Política*”. O destino de Ernest e Avis, além dos de John Cunningham e do Bispo Morehouse, foram selados naquela fatídica noite. Suas vidas jamais seriam as mesmas e todos viriam a perecer sob o solado do Tação de Ferro. Quanto ao pai de Avis e o bispo, suas histórias servirão para embasar as análises de alguns aspectos do Ur-Fascismo no próximo capítulo. Basta, por hora, dizer que ambos seriam expropriados de todas as suas posses e que seu caminho pelas veredas do socialismo revelou-se um verdadeiro calvário de dor e sofrimento. Diante da assertividade da resposta das elites, Ernest julga ter identificado sinais subliminares de que algo estava para ocorrer:

Espero poder-lhe transmitir a ideia que vagamente se forma em minha própria mente. Jamais na história do mundo a sociedade esteve em um caminho tão terrível quanto neste preciso momento. As rápidas mudanças em nosso sistema industrial estão causando mudanças igualmente rápidas em nossas estruturas religiosas, políticas e sociais. Uma revolução invisível e tremenda está ocorrendo nos filamentos e na estrutura da sociedade. É uma coisa vaga, mas podemos pressenti-la; paira no ar. Pode-se perceber que ela avulta: algo vasto, impreciso e terrível. Minha mente se recusa a contemplar de que forma elas podem se cristalizar (LONDON, 2011, p. 86). No original: *I wish I could convey to you the conception that is dimly forming in my own mind," Ernest said. "Never in the history of the world was society in so terrific flux as it is right now. The swift changes in our industrial system are causing equally swift changes in our religious, political, and social structures. An unseen and fearful revolution is taking place in the fibre and structure of society. One can only dimly feel these things. But they are in the air, now, today. One can feel the loom of them — things vast, vague, and terrible. My mind recoils from contemplation of what they may crystallize into* (LONDON, 1908, p. 104).

Mesmo ciente de que pouco havia a ser feito para impedir o avanço da Oligarquia, Ernest tenta apelar aos representantes da classe média para que se somassem às fileiras do proletariado no iminente confronto que ele divisava no horizonte. Em um jantar com um grupo de pequenos e médios empresários, Ernest



busca convencê-los de que a real ameaça aos seus interesses residia na competição predatória promovida pelos grandes monopólios e não pelas pautas revolucionárias do proletariado urbano. Em um primeiro momento, a pequena burguesia queixosa parece dar razão aos argumentos de Ernest em relação aos monopólios, mas, em sua empáfia, eles se acreditavam capazes de enfrentar a concorrência desleal por meio de suas próprias forças prescindindo, assim, do apoio recíproco ao proletariado. Os mesmos empresários que não viam nenhum conflito ético em levarem seus concorrentes mais vulneráveis à falência reclamavam do poderio excessivo dos monopólios que lhes tolhiam grande parte de seus lucros e, tal qual observado na crise norte-americana de 1907, atuaram no campo político para impor restrições ao acúmulo de capital nas mãos dos grandes barões da indústria. Ernest ironiza suas lamúrias nos seguintes termos: “- *Quer dizer que o jogo do comércio é ganhar dinheiro às custas dos outros e evitar que eles façam o mesmo com os senhores, não é?*” (LONDON, 2011, p. 99). Os monopólios privaram-nos de seus lucros e eles estavam ávidos em recuperá-lo para si. Eticamente falando, seus discursos eram condizentes com o conjunto de valores conservadores que defendiam - repletos de exortações ao *american way of life* que havia tornado ilustres desconhecidos de origem modesta, como Carnegie e Rockefeller, em alguns dos homens mais ricos do mundo de então. Por trás da retórica em favor da liberdade de oportunidade para todos ocultava-se, na verdade, o desejo por uma liberdade que os permitisse lucrar indefinidamente com a exploração dos demais (LONDON, pp. 103-104). Suas armas voltaram-se contra os monopólios porque os monopólios pareciam representar o único obstáculo entre eles e os formidáveis lucros de que julgavam ter sido alijados:

[Pequenos capitalistas] O que faremos então? Destruir os monopólios é a única forma que enxergamos de escapar de seu domínio? [Ernest] – Vou mostrar-lhes outra maneira. Em vez de destruir essas máquinas maravilhosas que produzem com eficiência e pouco gasto, por que não as controlamos? [...] Por que não tirá-las dos proprietários atuais e possuí-las nós mesmos? Isso, cavalheiros, é socialismo. [...] Pertence ao curso da evolução. Enfrentamos a fusão com uma fusão ainda maior. Juntem-se a nós socialistas e lutem no lado vencedor (LONDON, 2011, p. 106). No original: *What are we to do, then?* "To destroy the trusts is the only way we can see to escape their domination. [Ernest] - "I'll show you another way!" he cried. "Let us not destroy those wonderful machines that produce efficiently and cheaply. Let us control them. Let us profit by their efficiency and cheapness. Let us run them for ourselves. Let us oust the present owners of the wonderful machines, and let us own the wonderful machines ourselves. That, gentlemen, is socialism, a greater combination than the trusts, a greater economic and social combination than any that has as yet appeared on the planet. It is in line with evolution. We meet combination with greater combination. It is the winning

*side. Come on over with us socialists and play on the winning side* (LONDON, 1908, p. 133-134).

Em sua autossuficiência, as classes médias acreditavam que as instituições iriam protegê-las de quaisquer arbitrariedades e que a legislação vigente impediria possíveis excessos da Oligarquia. Diante de tal crença, Ernest os alerta para o fato de que o poder político era estritamente dependente do poder econômico e que esse, como não poderia deixar de ser, pertencia majoritariamente aos Oligarcas. As elites exerceriam ainda que indiretamente um efetivo domínio sobre os poderes executivo, legislativo e judiciário, criando um Estado fantoche submisso aos seus interesses. Não haveria mais esperanças quando o próprio aparato estatal, que deveria supostamente garantir a aplicação da lei e a preservação de direitos, se voltasse contra a população. O Estado indubitavelmente lançaria mão de todos os recursos à sua disposição - o exército, a marinha, a guarda nacional, a polícia; ou seja, toda a máquina de guerra do país - para conter qualquer tentativa de revolta. Os pequenos capitalistas relutam apegando-se a esperanças vazias, mas Ernest tratava de trazê-los novamente para a dura realidade:

- [Empresário] Existe uma coisa chamada direito civil. [Ernest] - Não quando o governo o suspende. No dia em que estiverem falando de insurreição, essa insurreição se voltará contra os senhores. [...] Ouvi alguém falar de *habeas corpus*. Em vez de *habeas corpus* receberia o atestado de óbito. Se [...] deixarem de obedecer [...] serão julgados por uma corte marcial e fuzilados como cães. Essa é a lei, esse é o direito (LONDON, 2011, p. 109). No original: "*There is such a thing as civil law,*" Mr. Owen insisted. "*Not when the government suspends civil law. In that day when you speak of rising in your strength, your strength would be turned against yourself. Into the militia you would go, willy-nilly. Habeas corpus, I heard some one mutter just now. Instead of habeas corpus you would get post mortems. If you refused to obey [...] you would be tried by drumhead court martial and shot down like dogs. It is the law*" (LONDON, 1908, p. 137).

É durante esse encontro com os empresários que Ernest se dá conta, diante da recusa de colaboração de seus interlocutores, que não haveria meios de enfrentar a contrarrevolução da Oligarquia. Quando questionado sobre o que ocorreria caso os monopólios vencessem a batalha pela posse das máquinas e do mundo, Ernest respondeu-os:

Então os senhores [classe média], o trabalho e todos nós seremos esmagados sob o tacão de ferro de um despotismo tão cruel e terrível como qualquer despotismo que manchou as páginas da história humana. Eis um bom nome para esse despotismo: Tacão de Ferro (LONDON, 2011, p. 118). No original: "*Then,*" Ernest answered, "*you, and labor, and all of us, will be crushed under the iron heel of a despotism as relentless and terrible as any*

*despotism that has blackened the pages of the history of man. That will be a good name for that despotism, the Iron Heel*" (LONDON, 1908, p. 152).

Quando o Tacão de Ferro tornou-se mais ousado e as reais intenções dos oligarcas tornaram-se cristalinas, os extratos médios da sociedade ficaram ao seu lado e ajudaram-no a sufocar as greves populares que lhe ofereciam resistência. A associação entre ambos, entretanto, representava uma improvável “[...] *aliança entre o leão e o cordeiro [...]*” (LONDON, 2011, p. 133) e acabaria por custar muito caro a todos aqueles que identificaram no proletariado e não nas elites seus principais antagonistas. Uma vez no poder O Tacão de Ferro já não necessitava mais do apoio da classe média e, então, o destino reservado aos seus parceiros de primeira hora não foi muito diferente daquele enfrentado pelos operários e trabalhadores rurais. Durante certo tempo, apesar de operar nos bastidores para centralizar o poder sob seu domínio, a Oligarquia buscou preservar, na medida do possível, certa aura pública de normalidade institucional. Eleições estavam previstas para ocorrer em poucos meses e Ernest, ainda que relutante, foi lançado candidato pelo Partido Socialista a uma vaga no Congresso Nacional:

Estamos derrotados. O Tacão de Ferro está aqui. Eu tinha esperança em uma vitória pacífica nas urnas, mas estava errado. [...] Nós seremos despojados da pouca liberdade que nos resta; o Tacão de Ferro pisará em nossas cabeças; nada resta a não ser uma revolução sangrenta da classe trabalhadora (LONDON, 2011, p. 134). No original: *We are beaten. The Iron Heel is here. I had hoped for a peaceable victory at the ballot-box. I was wrong. [...] We shall be robbed of our few remaining liberties; the Iron Heel will walk upon our faces; nothing remains but a bloody revolution of the working class* (LONDON, 1908, p. 175).

Seus correligionários, no entanto, ainda acreditavam ser possível barrar as intenções obscuras dos oligarcas pelas vias democráticas:

[Ernest] conseguiu deixá-los preocupados, mas estavam muito seguros da própria força. Não havia lugar em sua evolução social teórica para uma oligarquia, logo a oligarquia não podia existir. – Nós o colocaremos no Congresso e tudo ficará bem – disseram-lhe em uma de nossas reuniões secretas. – E quando eles me tirarem do Congresso, me colocarem contra a parede e me estourarem os miolos, o que será? – Nós lhes mostraremos a nossa força, respondeu uma dúzia de vozes simultaneamente. – Então, serão afogados no próprio sangue – foi a réplica de Ernest (LONDON, 2011, p. 135). No original: *They were stirred by him, but they were too sure of their own strength. There was no room in their theoretical social evolution for an oligarchy, therefore the Oligarchy could not be. "We'll send you to Congress and it will be all right," they told him at one of our secret meetings. 'And when they take me out of Congress,' Ernest replied coldly, "and put me against a*

*wall, and blow my brains out — what then?" "Then we'll rise in our might," a dozen voices answered at once. "Then you'll welter in your gore," was his retort (LONDON, 1908, p. 175-176).*

As eleições vieram e Ernest obteve, ao lado de cerca de cinquenta camaradas, um mandato de deputado. No entanto, o Congresso e o Senado eram na realidade uma farsa comandada pela Oligarquia: as deliberações seguiam em ritmo normal, projetos eram discutidos, mas as decisões de maior vulto tinham seus resultados previamente definidos para que os interesses das elites não fossem prejudicados. Tal qual os demais poderes o Legislativo servia apenas para conferir um aspecto constitucional às ações dos oligarcas. A presença de Ernest no Congresso não seria longa. Em um debate sobre a possibilidade de que fosse concedido auxílio governamental aos trabalhadores que morriam de fome aos milhões pelas ruas do país, Everhard foi surpreendido com um amplo aparato de segurança instalado nas dependências da Casa Legislativa e, então, ficou claro a todos que a farsa democrática aproximava-se de seu fim. A oligarquia estava pronta para dar o golpe de estado definitivo. Houve confusão generalizada durante o discurso de Ernest em favor dos trabalhadores e, subitamente, uma bomba foi lançada em sua direção e explodiu, sem que Everhard se ferisse com gravidade. Calmamente, ele alertou a minoria socialista para que não reagisse, já que tudo tratava-se de um complô com o claro intento de chaciná-los ali mesmo. Os companheiros de Ernest contiveram-se e os guardas, avançando rapidamente, prenderam a todos. O julgamento deu-se nos mesmos moldes das sessões no Congresso, ou seja, uma farsa articulada pelo Judiciário sob as ordens da Oligarquia para condenar a oposição. Ao todo em um mesmo dia foram para a prisão cerca de quinhentos líderes socialistas detidos em ações similares a que aprisionou Ernest e os demais deputados.

A armação urdida para incriminar os líderes do movimento tinha por objetivo privar os trabalhadores de suas lideranças, mas, ao invés de abatimento, a injustiça cometida só viria a inflamar os ânimos de todos aqueles que ainda mantinham-se resistentes à alternativa revolucionária. Mesmo cientes de que não poderiam impedir o Tacão, Ernest e os demais socialistas decidem-se por resistir-lhe através de um grande levante insurrecional. As condições não eram ideais, mas os revolucionários decidiram não pecar pela omissão. Estavam dispostos a lutar e a se sacrificar em nome da liberdade. Um grande plano de fuga foi traçado e executado com maestria e grande parte das cabeças pensantes do movimento – Ernest incluso – foram

audaciosamente resgatadas das garras do inimigo. Revolucionários infiltraram-se na estrutura do Tação de Ferro para obter informações privilegiadas sobre seus planos de ação, mas, o inverso também ocorrera. Agentes da Oligarquia passavam-se por revolucionários e alimentavam uma ampla rede de espionagem. Foi assim que o Tação de Ferro tomou conhecimento sobre a preparação para a Comuna de Chicago e, portanto, foi assim também que os trabalhadores insurgentes foram induzidos ao matadouro, sem que se dessem conta de seu destino antes que fosse tarde demais.

Chicago era uma panela de pressão à época, palco de constantes greves e embates sangrentos entre trabalhadores e empresários. Foi atuando disfarçada como agente do Tação de Ferro que Avis descobriu que a estratégia dos revolucionários havia sido exposta e que os Mercenários – a polícia política do Tação – estariam apostos para dispersar a turba, munidos de bombas e metralhadoras. As comunicações de Chicago com o restante do país foram cortadas pelo serviço secreto da Oligarquia e a imprensa, subserviente aos interesses de seus patrões, colaborou com a construção de uma falsa sensação de normalidade no noticiário do dia. Entre as efemérides das manchetes, nenhuma vírgula dava a entender que vários trens deslocavam-se rumo a Chicago repletos de soldados que tinham por missão massacrar os insurgentes. Não havia como comunicar os líderes do movimento de que uma armadilha lhes fora preparada e então Avis decide-se por embarcar rumo à cidade em um dos trens de soldados para ajudar no que fosse possível. Seus olhos seriam testemunhas do triste destino da revolução. Naquele dia, os trabalhadores receberiam uma dura lição do Tação de Ferro. Nada mais lhes restava além de aceitar seu fado:

Em resumo, um golpe colossal, repentino e surpreendente estava para ser desferido. Antes que a oligarquia paralisada pudesse se recuperar, o seu fim teria chegado. Isso significava terror e uma enorme perda de vidas, mas nenhum revolucionário hesitaria em relação a isso. Nosso plano contava com o desorganizado povo do abismo. Eles seriam soltos nos palácios e nas cidades de seus senhores. Não importava a destruição de vida e propriedade. Não importava que as bestas-feras rugissem! Não importava que a polícia e os Mercenários matassem! As bestas-feras rugiriam de qualquer maneira, e a polícia e os mercenários matariam de qualquer maneira. Isso significava que os vários perigos que nos ameaçam destruir-se-iam reciprocamente. Enquanto isso, realizaríamos nosso intento sem muitas dificuldades, adquirindo o controle de toda a máquina da sociedade (LONDON, 2011, p. 230). No original: *In short, a sudden, colossal, stunning blow was to be struck. Before the paralyzed Oligarchy could recover itself, its end would have come. It would have meant terrible times and great loss of life, but no revolutionist hesitates at such things. Why, we even depended much, in our plan, on the unorganized people of the abyss. They were to be loosed on the palaces and*

*cities of the masters. Never mind the destruction of life and property. Let the abysmal brute roar and the police and Mercenaries slay. The abysmal brute would roar anyway, and the police and Mercenaries would slay anyway. It would merely mean that various dangers to us were harmlessly destroying one another. In the meantime we would be doing our own work, largely unhampered, and gaining control of all the machinery of society (LONDON, 1908, p. 308).*

O relato de Avis Everhard nos dá conta do pandemônio que se verificaria nas ruas de Chicago. De um lado, as tropas de mercenários sob comando do *Tacão de Ferro* despedaçavam os revolucionários com rajadas de metralhadoras e caminhavam com seus coturnos sobre as montanhas de corpos a procura de possíveis sobreviventes para garantir que ninguém escapasse com vida do cerco montado. De outro, a guerrilha urbana dos trabalhadores resistia bravamente com os poucos recursos disponíveis, lançando bombas e pedras das janelas e servindo-se do caos provocado pela massa de miseráveis que foram às ruas em busca de vingança:

A dianteira da coluna já havia passado. Não era uma coluna, era uma enxurrada sem controle, um amontoado que ocupava a rua; era o povo do abismo, ensandecido pelo álcool e pela injustiça, rugindo pelo sangue de seus senhores. Eu já havia visto o povo do abismo antes, havia cruzado seus guetos e parecia conhecê-lo; mas, agora, era como se o visse pela primeira vez. Sua estúpida apatia desaparecera. Era dinâmico agora: um espetáculo de horror. Agitava-se diante de meus olhos uma onda concreta de cólera, rugindo e crescendo, uma turba carnívora embriagada com o uísque saqueado nos armazéns, embriagada de ódio, embriagada pelo desejo de sangue; homens, mulheres e crianças cobertos de trapos, criaturas de bestuntos ferozes, de inteligência turva, em cujos caracteres se havia borrado o que tinham de divino para estampar a figura da besta. Criaturas tísicas e anêmicas, enormes bestas de carga peludas em cujas veias corria o sangue do macaco e do tigre. Rostos lívidos, dos quais o líquido vital tinha sido sugado por uma sociedade de vampiros; formas inchadas pelo sofrimento e pela corrupção do corpo. Tinham a cabeça seca e ostentavam uma barba como a dos patriarcas; era uma juventude corrompida que apodrecia com a idade, cujas faces diabólicas eram torcidas e deformadas: monstros desfigurados pelos estragos das doenças e pelos horrores de uma fome sem fim; dejetos e escórias da vida, hordas enfurecidas, bestas que rugem e que guincham. E por que seria diferente? As criaturas do abismo não tinham nada a perder, a não ser a miséria e a dor de viver. Mas o que tinham a ganhar? Nada, a não ser uma vingança definitiva, terrível e farta. Enquanto eu olhava para elas, lembrei-me de que nessa torrente de lava humana havia homens, companheiros e heróis, cuja missão seria a de sublevar essas criaturas abissais para que o inimigo se ocupasse com elas. Então ocorreu-me algo estranho; deu-se em mim uma transformação. Eu já não temia mais pela minha vida e a de meus companheiros. Estava estranhamente exaltada como se fosse um outro ser em uma outra vida. Nada importava. [...] E assim, pude me interessar tranquilamente pela orgia de horrores que se desataria nas horas seguintes. A morte não significava nada, a vida não significava nada (LONDON, 2011, pp. 242-243). No original: *The next moment the front of the column went by. It was not a column, but a mob, an awful river that filled the*

*street, the people of the abyss, mad with drink and wrong, up at last and roaring for the blood of their masters. I had seen the people of the abyss before, gone through its ghettos, and thought I knew it; but I found that I was now looking on it for the first time. Dumb apathy had vanished. It was now dynamic — a fascinating spectacle of dread. It surged past my vision in concrete waves of wrath, snarling and growling, carnivorous, drunk with whiskey from pillaged warehouses, drunk with hatred, drunk with lust for blood — men, women, and children, in rags and tatters, dim ferocious intelligences with all the godlike blotted from their features and all the fiendlike stamped in, apes and tigers, anaemic consumptives and great hairy beasts of burden, wan faces from which vampire society had sucked the juice of life, bloated forms swollen with physical grossness and corruption, withered hags and death's-heads bearded like patriarchs, festering youth and festering age, faces of fiends, crooked, twisted, misshapen monsters blasted with the ravages of disease and all the horrors of chronic innutrition — the refuse and the scum of life, a raging, screaming, screeching, demoniacal horde. And why not? The people of the abyss had nothing to lose but the misery and pain of living. And to gain? — nothing, save one final, awful glut of vengeance. And as I looked the thought came to me that in that rushing stream of human lava were men, comrades and heroes, whose mission had been to rouse the abysmal beast and to keep the enemy occupied in coping with it. And now a strange thing happened to me. A transformation came over me. The fear of death, for myself and for others, left me. I was strangely exalted, another being in another life. Nothing mattered. The Cause for this one time was lost, but the Cause would be here to-morrow, the same Cause, ever fresh and ever burning. And thereafter, in the orgy of horror that raged through the succeeding hours, I was able to take a calm interest. Death meant nothing, life meant nothing (LONDON, 1908, p. 326-327).*

Os revolucionários resistiram o quanto puderam, bombardearam os quartéis dos Mercenários e provocaram muitas baixas em suas fileiras. No entanto, seu sacrifício não foi suficiente para impedir a vitória do Tação de Ferro: a população que foi às ruas acabou massacrada; os que não foram alvejados acabaram conduzidos às margens do Lago Michigan e foram lançados às águas para que se afogassem. Raros foram aqueles que conseguiram escapar da matança e, mesmo os poucos bem-sucedidos - dentre eles Ernest e Avis – não teriam uma sobrevida muito longa. Ernest seria capturado e fuzilado pouco tempo depois, Avis se abrigaria em um refúgio seguro por alguns meses até que sua localização fosse descoberta pelos Mercenários. Nunca mais se ouviriam notícias sobre ela até que seu diário, abruptamente interrompido, fosse encontrado sete séculos mais tarde por Anthony Meredith após a queda da Oligarquia. O Tação de Ferro cumprira seu intento e os Oligarcas preservariam seus privilégios de classe por inúmeras gerações.

#### 4. O UR-FASCISMO NO TACÃO DE FERRO

Como apontado nas primeiras páginas, o clímax da presente dissertação reside na busca por indícios do que hoje se considera fascismo na obra ficcional de Jack London, conforme apontado por leitores de *O Tacão de Ferro* ao longo das décadas de 1920 e 1930. O esquema criado por Umberto Eco e descrito sucintamente entre as páginas 12 e 17 servirá de parâmetro na análise dos trechos selecionados. Por óbvio, nem todos os fatores elencados por Eco são passíveis de identificação no romance, por isso, que não lhe cause estranhamento – caro (a) leitor (a) - a eventual desproporção entre um tópico e outro. Nos casos em que não foi possível localizar citações que sustentassem aproximações minimamente razoáveis entre ficção e fatos históricos, optei por realizar uma reflexão sobre sua ausência na narrativa sem, no entanto, privar-me de apresentá-los e discuti-los. Poderia tê-los suprimido deliberadamente, dedicando atenção apenas aos elementos presentes de forma mais relevante no romance e que, potencialmente, devem ter conferido maior sentido à interpretação “profética” posteriormente conferida à narrativa. Entretanto, as ausências são igualmente relevantes para a análise e, além disso, centrar esforços apenas nos elementos que coadunam a interpretação ora em questão ignorando os elementos divergentes não parece uma atitude ética do ponto de vista científico. Preservar a ordem dos indícios estabelecida por Umberto Eco, além disso, facilita a tarefa dos leitores interessados em acompanhar a presente análise. Ao menos essa é minha intenção. Eco defende em seu artigo que a ocorrência de apenas um dos elementos por ele elencados já seria suficiente para apontar a presença de uma “*nebulosa fascista*” em determinada sociedade. Como demonstrarei na sequência, mesmo em face às ausências ainda é possível identificar no romance de Jack London muito mais.

Obviamente incorreria em um grave anacronismo se aplicasse de modo arbitrário os parâmetros de identificação do *Ur-Fascismo* a um período histórico onde o fascismo, quando presente, poderia existir apenas em potência: como microfascismos que demandavam a ação de uma máquina de centralização do estado para que suas valências confluíssem para um ponto de acumulação. No entanto, o que define o fascismo, para Umberto Eco, não é a replicação exata de elementos entre



os regimes políticos ditatoriais, mas sim, a recorrência de um substrato ideológico comum que nos permitiria identificar relações de parentesco entre eles. Apesar de suas inúmeras especificidades nacionais, os regimes fascistas seriam todos compostos por *microfascismos* intercambiáveis, ainda que a proporção exata de cada um dos elementos em sua retórica e ações políticas seja distinta. Como observado anteriormente, em sua aurora o fascismo colocava-se tanto em oposição ao liberalismo clássico quanto aos ideais socialistas, no entanto, em sua escalada ao poder, paulatinamente a retórica anticapitalista cedeu espaço ao pragmatismo político e às alianças com setores conservadores da sociedade. Por fim, pouco sobrou da ideologia original que influenciara o fascismo e que ainda o vinculava ao sindicalismo, uma de suas raízes políticas originais. Muitos dos fundadores do movimento desiludidos com a adesão do partido ao *establishment* político acabaram por abandoná-lo cedendo espaço para a crescente centralização do poder na figura de líderes como, por exemplo, o *Duce* Benito Mussolini. A aproximação observada entre o fascismo e as elites econômicas explica-se, principalmente, pelo receio causado por um eventual levante do proletariado. Os *camisas negras* nacionalistas representavam às elites italianas um perigo potencialmente menor se comparados aos revolucionários socialistas. Os grandes capitalistas e as elites tradicionais não controlaram a contrarrevolução em termos absolutos, mas, uma vez que profundas mudanças sociais pareciam inevitáveis, eles optaram pela alternativa que mudaria tudo para que nada mudasse de fato.

A narrativa ficcional de *O Tachão de Ferro*, não sem certa dose de razão, concede elevada importância a potencial influência deletéria de fatores socioeconômicos sobre o destino político de nações inteiras. O poder de fato residia nas mãos de alguns poucos privilegiados. Eles controlavam os movimentos de um imenso títere chamado Estado. Para além da perspectiva óbvia de luta de classes, no entanto, encontramos no romance ficcional de London - explícita ou implicitamente - inúmeros indícios de que as raízes do ideário fascista espriavam-se por amplos domínios da cultura ocidental. Quando o fascismo efetivamente se fez presente após a Primeira Guerra, encontrou uma imensa massa, segundo Deleuze e Guattari, já disposta a ser fascista. Para utilizarmos a metáfora criada por Eric Hobsbawm, ao analisar a construção de uma nova mitologia nacionalista nos estados modernos de início do século XX (2005, p. 154): “[...] Como na horticultura, esse desenvolvimento

*foi mescla de plantio vindo de cima – ou pelo menos da disposição de realizá-lo – e do crescimento vindo de baixo*”. Tendo isso em mente, buscarei delimitar nas páginas que seguem algumas das ideias que acabariam exercendo decisiva influência sobre o pensamento fascista do século XX. No entanto, conforme apontado por Robert Paxton, os pensadores ocupam um papel secundário no desenvolvimento de uma ideologia que via de regra abominava os intelectuais e cultuava a ação. Aos elementos que repetem-se reiteradamente ao longo do romance será dedicada uma atenção especial, levando-se em consideração suas eventuais raízes ideológicas e sua aplicação prática na retórica fascista.

#### 4.1. CONSERVADORISMO

O conservadorismo social está intimamente ligado ao desenvolvimento dos ideais fascistas de início do século XX e muito embora nem todo conservador seja necessariamente um fascista, todo fascista é invariavelmente conservador. Não à toa Umberto Eco coloca o tradicionalismo - de onde derivariam, sem exceção, todos os demais elementos - no topo de sua lista de características do *Ur-Fascismo*. Segundo Eco, o pensamento conservador “[...] nasceu no final da idade helenística como uma reação ao racionalismo grego clássico [...]” (ECO, 1995, p. 5) e ganharia novo ímpeto no seio do movimento reacionário que se opunha à Revolução Francesa em fins do século XVIII e início do XIX. Como apresentado no segundo capítulo, no conservadorismo o passado justifica continuamente o presente. Todos os valores sociais foram estabelecidos em um passado remoto, a tradição os consagrou e, portanto, eles devem continuar a guiar indefinidamente nossa civilização. A propagação de ideias como as anteriormente apresentadas deve muito às reflexões efetuadas por Hegel no século XIX. Para Rudolf Haym<sup>58</sup>, filósofo e professor alemão, Hegel fora um inimigo dos mais mordazes da democracia. Segundo Haym, “[...] a teoria da divina graça e a da absoluta obediência são inofensivas e sem mácula em comparação com a terrível doutrina que canoniza o existente como tal” (HAYM apud

---

<sup>58</sup>Rudolf Haym (Grünberg, Prússia, 5 de outubro de 1821 – Arlberg, Áustria, 27 de agosto de 1901) foi um filósofo e professor alemão.

CASSIRER, 1976, p. 270). A filosofia hegeliana é complexa, tendo servido de inspiração tanto para o desenvolvimento da dialética marxista, quanto para o conservadorismo. De fato, Hegel defendia o poder da tradição e, após sua morte, sua ética conservadora tornou-se uma das mais explosivas forças no desenvolvimento do pensamento político do século XX (CASSIRER, 1976, p. 272). Hegel via na ordem preestabelecida das coisas a verdadeira substância ética. Segundo Cassirer (1976, p. 276), Hegel “[...] não tentou repelir os males, as misérias e os crimes do mundo histórico. Tudo isso é aceito. Contudo, ele tenta justificar a dura e cruel realidade”. A aceitação tácita do mundo preordenado está ligada a uma nova concepção de história criada por Hegel e que unifica o tempo histórico e a escatologia cristã. Os grandes pensadores cristãos que o precederam haviam estabelecido uma distinção clara entre o *reino da natureza* e o *reino da graça*, entre o “tempo dos homens” e o “tempo de Deus”. Hegel, no entanto, rejeita essa concepção, interpretando-a como algo artificial:

[...] Enquanto Santo Agostinho considerava a *civitas terrena* como uma distorção e desfiguração da *civitas divina*, Hegel via na *civitas terrena* a “Ideia Divina tal qual como ela existe na Terra”. Estamos na presença de um tipo inteiramente novo de absolutismo (CASSIRER, 1976, p. 282).

Para Hegel, *tempo* e *eternidade* interpenetram-se e fundem-se na história humana. “A eternidade não transcende o tempo; pelo contrário, é no tempo que ela se encontra” (CASSIRER, 1976, p. 279). Neste sentido, depreende-se que o divino - o *Espírito* - manifesta-se na história, que delimita temporalmente falando todos os desdobramentos da escatologia cristã. Eis a sacralização do existente como tal referida por Haym. O *aqui* e o *agora* representam o melhor dos mundos. O presente justifica-se por ser parte integrante de uma temporalidade governada pelos desígnios da Providência.

Não restaram dúvidas aos leitores de Jack London de que a elite econômica e política que dá origem ao *Tacão de Ferro* era radicalmente conservadora. Como apontado nos capítulos precedentes, London tinha razoáveis motivos para acreditar que eventos pretéritos - como a Comuna de Paris de 1871 e a Revolução Russa de 1905 – deveriam ser tomados como preciosas lições pelo proletariado insurgente: as classes dirigentes não mediriam esforços para impedir quaisquer tentativas de sublevação. Eles detinham o poder e desejam preservá-lo:

A plutocracia tem todo o poder em suas mãos hoje em dia: é ela quem faz as leis, pois é dona do Senado, do Congresso, dos tribunais e das assembleias

estaduais. E não é só. Por trás disso, a lei deve ser forçada a executar a lei. Hoje, a plutocracia faz a lei, e para impor a lei ela conta com a polícia, o exército, a marinha [...] (LONDON, 2011, p. 124). No original: *The Plutocracy has all power in its hands to-day. It to-day makes the laws, for it owns the Senate, Congress, the courts, and the state legislatures. And not only that. Behind law must be force to execute the law. Today the Plutocracy makes the law, and to enforce the law it has at its beck and call the police, the army, the navy, and, lastly, the militia, which is you, and me, and all of us* (LONDON, 1908, p. 161).

Como apontado por Umberto Eco, as ideias conservadoras partem da premissa de que os valores tradicionais que regem a sociedade devem ser preservados. Seria normal, nesse sentido, que a mera menção à palavra “revolução” provocasse calafrios às elites por oferecer-lhes uma dupla ameaça: à ordem social estabelecida e às suas contas bancárias. Como observado anteriormente a narração do romance compete à esposa de Ernest, Avis Cunningham, de início abastada burguesa que vivia uma confortável vida às expensas dos lucros obtidos por seu pai então acionista do Moinho Sierra onde o desafortunado Jackson viria a perder seu braço em um acidente. Avis não se furta em reconhecer que sempre fora conservadora até conhecer Ernest: “[...] *Deve-se compreender que eu era uma pessoa de um determinado meio, e com acentuados preconceitos de classe na época*” (LONDON, 2011, p. 20). – “[...] *I was a creature of environment, and at that time had strong class instincts*” (LONDON, 1908, p. 5). Em um de seus primeiros encontros, Avis deixa muito claro a Ernest que, tal qual grande maioria de seus pares, não possuía muita simpatia pela causa revolucionária:

O senhor fomenta o ódio entre as classes. Considero errado e criminoso apelar para tudo o que há de mesquinho e brutal na classe operária. O ódio de classes é antissocial [...] (LONDON, 2011, pp. 34-35). No original: *You foment class hatred. I consider it wrong and criminal to appeal to all that is narrow and brutal in the working class. Class hatred is anti-social [...]* (LONDON, 1908, p. 27-28).

Apesar de impressionar-se com a beleza rústica e a hábil retórica de Everhard, Avis demonstra insatisfação justamente em relação às crenças políticas de seu futuro marido: “[...] *Apesar de seu estilo, havia coisas que me desagradavam. Dava uma importância grande demais ao que chamava luta de classes, ao antagonismo entre o trabalho e o capital, ao conflito de interesses*” (LONDON, 2011, p. 33) – “[...] *Yet, in spite of his style, there was much that I did not like. He laid too great stress on what he called the class struggle, the antagonism between labor and capital, the conflict of interest* (LONDON, 1908, p. 26).

A insatisfação de Avis justificava-se, acima de tudo, porque as ideias defendidas por Ernest ameaçavam as bases morais do sistema que sustentava sua vida de ócio. Somente após aprofundar-se na investigação sobre o infortúnio de Jackson é que Avis se permitiria duvidar de suas convicções e preconceitos além, é claro, de identificar a ampla difusão de dogmas conservadores na retórica monocórdia dos demais membros da elite:

Eles eram os mais incorrigíveis, entre todos os que eu encontrara ao longo da minha pesquisa. Acreditavam firmemente que sua conduta era correta. Não pairava nenhuma dúvida, não havia debate possível. Estavam convencidos de que eram os salvadores da sociedade e contribuía para a felicidade de muitos. E traçavam um quadro patético de como seria a sofrida classe trabalhadora se não houvesse os empregos que eles, e apenas eles, podiam oferecer, graças à sua sabedoria (LONDON, 2011, p.60). No original: *They were the most hopeless of all I had encountered in my quest. They believed absolutely that their conduct was right. There was no question about it, no discussion. They were convinced that they were the saviours of society, and that it was they who made happiness for the many. And they drew pathetic pictures of what would be the sufferings of the working class were it not for the employment that they, and they alone, by their wisdom, provided for it* (LONDON, 1908, p. 66-67).

Havia algo na ambição das elites econômicas de *O Tação de Ferro* que os levava a crer que sua missão – instituída em tempos imemoriais – era a de conduzir a arraia miúda pelas veredas da tradição:

Uma das mais agradáveis e axiomáticas ficções que criaram consiste em proclamar que são superiores ao resto da humanidade em sabedoria e em eficiência. E daí vem a penosa incumbência de administrar o arroz e o feijão do resto da humanidade, que atribuem a si. [...] A fraqueza dessa posição reside no fato de que eles são meramente homens de negócios. [...] Nada sabem a respeito da espécie humana, ou da sociedade, e mesmo assim se arvoram em árbitros do destino de milhões de famintos e multidões de desprezados (LONDON, 2011, p. 61). No original: *One of the pleasant and axiomatic fictions they have created is that they are superior to the rest of mankind in wisdom and efficiency. There from comes their sanction to manage the bread and butter of the rest of mankind. [...] The weakness in their position lies in that they are merely business men. [...] They do not know mankind nor society, and yet they set themselves up as arbiters of the fates of the hungry millions and all the other millions thrown in* (LONDON, 1908, p. 67-68).

Outro personagem importante para o desenvolvimento do romance e que inicialmente também demonstra pouca afeição para com a pauta revolucionária é o Bispo Morehouse. Tal como Avis, ele enfrentaria profundas mudanças após Ernest abalar suas certezas. Antes de ceder à retórica inflamada do líder socialista, Morehouse adota um tom conciliador para tentar apaziguar os ânimos dos

trabalhadores, discurso que atendia - por óbvio - muito mais aos interesses daqueles que desejavam manter o *status quo*:

Os homens deveriam agir como homens, e não como bestas-feras. Tudo isso produz violência e morte, faz das mulheres viúvas e das crianças, órfãs. O capital e o trabalho deveriam ser amigos. Deveriam andar de mãos dadas, para o bem de ambos (LONDON, 2011, p. 37). No original: *Men should be men, not brutes. There will be violence and murder now, and sorrowing widows and orphans. Capital and labor should be friends. They should work hand in hand and to their mutual benefit* (LONDON, 1908, p. 32).

As intenções subjetivas ocultas nas palavras apascentadoras do Bispo Morehouse não passam despercebidas por Ernest. London por certo se serviu do personagem para criticar indiretamente a igreja americana, expondo aos leitores como a aparentemente bem-intencionada mensagem de paz e harmonia poderia servir a outros propósitos e interesses que não os da difusão do evangelho:

É a política do *laissez-faire*, do deixa-disso, de cada um por si e Deus por todos. [...] a função que os senhores do clero exercem consiste em manter a ordem estabelecida da sociedade, e a sociedade está estabelecida sobre essa base. [...] A igreja desculpa a terrível brutalidade e selvageria com a qual a classe capitalista trata a classe operária (LONDON, 2011, p. 38). No original: *Laissez- faire, the let-alone policy of each for himself and devil take the hindmost. [...] the function you churchmen perform is to maintain the established order of society, and society is established on that foundation. The Church condones the frightful brutality and savagery with which the capitalist class treats the working class* (LONDON, 1908, p. 32-33).

Inegavelmente um de seus principais representantes do pensamento conservador contrarrevolucionário foi o conde Joseph De Maistre<sup>59</sup>. Não fosse o decurso do tempo e suas citações poderiam facilmente ser tomadas por recentes, tamanha a recorrência de algumas das ideias defendidas por De Maistre e repetidas, à exaustão, por líderes conservadores ao longo dos dois últimos séculos. Não à toa, De Maistre é usualmente creditado como a principal referência ideológica do líder da *Action Française*<sup>60</sup>, Charles Maurras (BERLIN, 1991, p. 137). Nos anos seguintes à Revolução Francesa, De Maistre levantou a bandeira no monarquismo, em defesa da autoridade absoluta do papado, da violência estatal e do irracionalismo. Tal qual seus

<sup>59</sup>Conde Joseph-Marie de Maistre (Saboia, Itália, 1 de abril de 1753 — Turim, Itália, 26 de fevereiro de 1821) foi um escritor, filósofo, diplomata e advogado conservador franco-italiano.

<sup>60</sup>Movimento monarquista de extrema-direita surgido no *fin-de-siècle* francês, em 1899, e que exerceu influências diretas sobre o florescimento do fascismo.

contemporâneos, ele estava ciente de que vivenciava os estertores de um longo período da civilização humana. No entanto, não é enquanto voz melancólica que lamenta uma cultura perdida que ele nos interessa. De Maistre destaca-se não enquanto o último representante de um mundo perdido, mas sim, enquanto um dos pioneiros de um novo mundo que se construiria ao longo do século seguinte. Em oposição aos valores revolucionários De Maistre passou a fomentar a crença na divindade da autoridade e do poder, tornando-se um adversário inflexível de todos os ideais defendidos pelos *lumières* do século XVIII. Ferrenho absolutista e teocrata, ele baseava sua concepção de poder em uma “[...] *trindade monstruosa constituída pelo papa, pelo rei e pelo carrasco*” (FAGUET apud BERLIN, 1991, p. 86), funções que deveriam ser executadas cumulativamente pelo Estado ou pelo líder que o personificasse. Ao contrário dos primeiros românticos alemães seus contemporâneos que viam a humanidade sem desprezo ou pessimismo, De Maistre acaba deixando-se levar pela ideia do “pecado original”, segundo a qual os homens uma vez deixados livres tenderiam inevitavelmente para a maldade e para a estupidez autodestrutiva. As palavras de De Maistre ecoam na ideologia totalitária dominante no romance distópico *Nós*, do escritor russo Yevgeny Zamyatin<sup>61</sup> (1924):

Liberação? É admirável como são persistentes os instintos criminosos da espécie humana. Digo “criminosos” conscientemente. A liberdade e o crime são tão indissolavelmente conectados entre si como... Bem, como o movimento do aero e sua velocidade: se a velocidade do aero = 0, então ele não se move; se a liberdade de uma pessoa = 0, então ela não comete crimes. Isso é claro. O único meio de livrar uma pessoa do crime é livrá-la da sua liberdade (ZAMIÁTIN, 2017, p. 59-60).

De Maistre persistiu na crença de que somente a dor e o sofrimento poderiam purgar os pecados humanos, livrando-os da destruição dos valores tradicionais e, conseqüentemente, da queda no abismo da anarquia. O povo, a massa de réprobos, seria composta por imbecis e ignorantes, incapazes de zelar por seus próprios destinos. Somente por meio do sangue e da punição é que o populacho, “[...] *guiado por um guardião, um mentor confiável, um diretor espiritual que controle tanto sua vida privada quanto o uso de suas posses*” (DE MAISTRE apud BERLIN, 1991, p. 100-101) poderia ser salvo.

---

<sup>61</sup>Yevgeny Ivanovich Zamyatin (Lebedian, Rússia, 1 de fevereiro de 1884 - Paris, 10 de março de 1937) foi um escritor russo.

Ao contrário dos regimes nazifascistas, não é possível identificar qualquer liderança individualizada no Tachão de Ferro. Entretanto, como bem observado anteriormente, o romance é apontado enquanto uma antecipação do processo de ascensão dos partidos fascistas e não, necessariamente, dos regimes em si. Além disso, a versão da história segundo a qual países inteiros sucumbiram diante dos encantos retóricos de ardilosos líderes políticos é bastante conveniente a todos aqueles dispostos a transformar as experiências fascistas em projetos políticos baseados, exclusivamente, no personalismo de seus líderes. A preponderância atribuída à figura mítica do ditador relega à penumbra histórica setores importantes da sociedade que o apoiaram direta ou indiretamente. Nenhum movimento fascista mostrou-se capaz de alcançar o poder sem que estivesse disposto a compartilhá-lo, em alguma medida, com as elites tradicionais locais. Nesse sentido, London parece não ter concedido muita importância aos eventuais executores das tarefas atribuídas pelas elites, essas sim, as beneficiárias diretas do sucesso contrarrevolucionário. Generais poderiam vencer batalhas e impedir a revolução, mas os verdadeiros vencedores jamais seriam eles, ao menos não no longo prazo. Pouco importava os meios empregados desde que os objetivos de preservação da ordem vigente fossem alcançados. Na ficção, as elites norte-americanas unem-se em um grande conglomerado corporativo para esmagar a revolução, delegando ao seu exército paramilitar de mercenários o trabalho sujo. No fascismo de fato as elites, enfrentando empecilhos por conta do eleitoralismo de massas, encontravam-se em uma situação política que não os permitiria governar livremente - como sempre o fizeram - sem a composição de alianças. No caso alemão, por exemplo, após meses de bloqueio parlamentar à montagem de um gabinete de governo, os conservadores em maior número acabaram por ceder aos fascistas, efetuando um acordo que lhes preservaria no controle da sociedade ainda que por vias indiretas. A existência de inimigos em comum - os socialistas e comunistas - acabou por eclipsar parcialmente as demais afinidades que propiciaram a aliança entre conservadores e fascistas. As elites serviram-se dos músculos das forças paramilitares para enfrentar os revolucionários nas ruas e estes, na condição de inimigos do Estado, eram perseguidos, espancados e mortos. A violência deveria servir de lição aos demais. O Estado detinha o poder de vida e morte sobre os cidadãos e caberia a ele a prerrogativa de determinar aqueles



que deveriam morrer. A figura do carrasco, conforme prescrita por De Maistre, deveria ser preservada ainda que simbolicamente:

Nenhum elogio moral lhe convém, pois todos supõem relações com os seres humanos: ele não mantém nenhuma. E, contudo, toda grandeza, todo poder, toda subordinação repousa no carrasco: ele é o horror e o vínculo da associação humana. Excluí do mundo esse misterioso agente; em um segundo, a ordem dará lugar ao caos, os tronos cairão, a sociedade desaparecerá. Deus, que é o autor da soberania, também o é da punição [...] (DE MAISTRE apud BERLIN, 1991, p. 102).

De acordo com Isaiah Berlin (1991, p. 102-103) o trecho anterior reflete uma convicção genuína de De Maistre segundo a qual a salvação dos homens só pode ser obtida se eles forem cerceados em suas ações pelo terror da autoridade. Toda espécie de sofrimento faz parte de um inevitável destino da humanidade, um fardo que nos caberia suportar. O soberano divinamente instituído deve garantir o cumprimento dessa tarefa por meio da imposição implacável de regras e do extermínio dos inimigos da tradição. Mas quem são esses “inimigos” para De Maistre? A extensa relação inclui protestantes e jansenistas, deístas e ateus, maçons e judeus, cientistas, democratas, jacobinos, liberais, utilitaristas, anticlericais, igualitários, idealistas, advogados, jornalistas, reformadores, revolucionários e intelectuais de todas as tendências. “*Esta é [...]*” segundo Isaiah Berlin (1991, p. 102-103) “*[...] uma lista que desde então tornou-se familiar. Pela primeira vez, ela enumerava, e com precisão, os inimigos do grande movimento contrarrevolucionário que culminou no fascismo*”. A relação de inimigos apontada por De Maistre ajuda a ilustrar de forma sua crença no irracional. Segundo ele, a educação desempenharia um papel limitado na alteração do nível de conhecimento e das opiniões públicas dos homens. De acordo com De Maistre, a racionalidade defendida pelos *Iluministas* seria débil com a luz bruxuleante de uma vela e, portanto, incapaz de encontrar explicações duráveis para as questões humanas. Por ser uma obra humana, tudo aquilo que é racional acaba por sucumbir ao escrutínio da própria razão. As *verdades racionais* são efêmeras, mutáveis, mas as *verdades irracionais* são perenes. Como apontado por Umberto Eco, o conjunto de valores do conservadorismo social não demandam e não permitem qualquer forma de atualização.

## 4.2. IRRACIONALISMO

O segundo elemento apontado por Umberto Eco como componente de todo Ur-Fascismo é o irracionalismo, que sintetiza a luta contra toda forma de pensamento livre e crítico. A crítica racional, segundo De Maistre, corrói tudo que lhe é suscetível; somente o irracional possui salvaguarda contra a crítica, “[...] *por ser inteiramente misterioso e inexplicável [...]. Aquilo que o homem faz, o homem acabará por danificar: só o sobre-humano resiste*” (DE MAISTRE apud BERLIN, 1991, p. 104). A estrutura da sociedade só permanece intacta porque, segundo De Maistre, os homens reconhecem e obedecem seus superiores naturais por meio de elementos que nenhuma filosofia racionalista seria capaz de refutar. O poder pertencia às elites e deveria continuar a pertencer indefinidamente. Esta teoria política teve uma influência predominante, de acordo com Isaiah Berlin (1991, p. 114-115), “[...] *sobre as ideias reacionárias, obscurantistas e, por fim, fascistas dos anos que se seguiram [...]*”.

No segundo capítulo de minha dissertação, apresentei as diferentes utopias que compõem o quadro histórico ocidental com especial destaque à utopia iluminista do século XVIII e à sua contraparte romântica do século XIX. Frise-se, no entanto, que mesmo o surgimento de uma nova utopia dominante não é capaz de sufocar por completo suas formas precedentes. Sempre escapa algo que sobrevive, ainda que de forma atenuada, até ser resgatado e/ou *ressignificado* posteriormente. Nesse sentido, o racionalismo iluminista por óbvio não sucumbiu completamente ante a ofensiva conservadora, do contrário, a crença na racionalidade humana constituiria uma base sólida para o desenvolvimento do socialismo científico em meados do século XIX. Não à toa, é o adjetivo “científico” que o distinguiria, segundo Marx e Engels, de outras formas precedentes de socialismo elaboradas por Saint-Simon<sup>62</sup>, Owen<sup>63</sup> e Fourier<sup>64</sup>, tidas pelos autores do *Manifesto Comunista* como “utópicas”. O apelo socialista à

---

<sup>62</sup>Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon, (Paris, 17 de outubro de 1760 — Paris, 19 de maio de 1825), foi um filósofo e economista francês, um dos fundadores do socialismo moderno.

<sup>63</sup>Robert Owen (Newtown, País de Gales, 14 de maio de 1771 – Newtown, País de Gales, 17 de novembro de 1858) foi um reformista social galês, considerado um dos fundadores do socialismo e do cooperativismo.

<sup>64</sup>François Marie Charles Fourier (Besançon, França, 7 de Abril de 1772 – Paris, 10 de Outubro de 1837) foi um teórico socialista francês.

razão choca-se frontalmente com a defesa obstinada do conservadorismo dos valores tradicionais. Nas palavras do protagonista Ernest Everhard, de *O Tação de Ferro*,

[...] os socialistas eram revolucionários [...] lutando para subverter a sociedade ilógica dos nossos dias e reunir o material para edificar a sociedade lógica do futuro (LONDON, 2011, p. 68). No original: *[The socialists were revolutionists, He said, struggling to overthrow the irrational society of the present and out of the material to build the rational society of the future]* (LONDON, 1908, p. 78).

Mesmo em face dessa sobrevivência, não podemos esquecer-nos de que o racionalismo já não era mais social e intelectualmente predominante. A *utopia iluminista* teve de ceder espaço à crescente *utopia conservadora* que tanta influência exerceria sobre o ideário político do século XX. A percepção de que o irracionalismo constituíra-se em um dos grandes legados do século XIX à posteridade fora constatada já no *fin de siècle* europeu. A vida política tornara-se cada vez mais ritualizada, revestindo-se de símbolos e valendo-se de apelos publicitários à emoção, tanto explícitos quanto subliminares. Escreveu o cientista político inglês Graham Wallas<sup>65</sup>, em 1908, que “[...] *aquele que se decidir a basear seu pensamento político num reexame de como opera a natureza humana, deve começar por uma tentativa de vencer a própria tendência para exagerar a intelectualidade da humanidade*”. O racionalismo que havia predominado na filosofia ocidental desde o Renascimento parecia fadado à obliteração e o conservadorismo romântico contribuiu decisivamente nesse processo. Se optássemos, por exemplo, em tomar por verdades as opiniões do historiador escocês Thomas Carlyle seríamos induzidos a crer que “[...] *todo o século XVIII nada inventou: nem uma das virtudes humanas, nem um dos poderes do homem se lhe deve. Os ‘filósofos’ só sabiam criticar, discutir, esquartejar*”, que aquilo a que chamamos de Iluminismo não passara de “[...] *uma época sem nobreza, sem virtudes elevadas e sem manifestações de elevado talento; uma época de claridade sombria, refinamento, de vaidade, ceticismo e todas as formas de persiflage*”<sup>66</sup> (CASSIRER, 1976, p. 240). Joseph de Maistre, já devidamente apresentado aos leitores anteriormente, também demonstrou sempre um ódio extremado pelos intelectuais que

<sup>65</sup>Graham Wallas (Sunderland, Reino Unido, 31 de maio de 1858 – Portloe, Reino Unido, 9 de agosto de 1932) foi um educador, psicólogo social e intelectual socialista britânico líder da Sociedade Fabiana e fundador da prestigiada London School of Economics.

<sup>66</sup>N.A. Termo de origem francesa utilizada por Carlyle no original. Não há tradução direta para o português, mas significa figurativamente o discurso trivial e embusteiro que não deve ser levado a sério.

fazia “[...] *eco às vozes fanáticas da Inquisição e se constitui nos primeiros indícios do fascismo militante e antirracional dos tempos modernos*” (BERLIN, 1991, p. 124). Segundo Berlin, De Maistre foi o primeiro escritor ocidental a defender restrições deliberadas às artes e ciências, o que redundaria em termos práticos na eliminação de alguns dos valores culturais básicos da civilização ocidental construídos desde o *Renascimento*. É possível observarmos um esboço dessa retórica anti-intelectual e irracional no tratamento dispensado ao pai de Avis Everhard, perseguido na universidade em que lecionava por conta de sua adesão aos ideais socialistas:

Papai foi tachado de nihilista e anarquista, e em uma caricatura, que foi bastante divulgada, ele era retratado agitando uma bandeira vermelha à frente de uma multidão cabeluda, de olhos arregalados, portando tochas, facas e dinamites (LONDON, 2011, p. 129). [*Father was branded as a nihilist and an anarchist, and in one cartoon that was copied widely he was portrayed waving a red flag at the head of a mob of long-haired, wild-eyed men who bore in their hands torches, knives, and dynamite bombs*] (LONDON, 1908, p. 166).

A descrição atribuída ao professor John Cunningham lembra amargamente aquela atribuída a muitos educadores e estudantes na atualidade. Em uma caça às bruxas incentivada pelo macarthismo tardio de conservadores das mais variadas estirpes, à intelectualidade - em termos gerais - aplica-se o mais tacanho reducionismo, que toma todos os pensadores por “socialistas” e as universidades por “ninhos de perigosas víboras vermelhas”. A razão é inimiga da tradição. O livre pensamento e os questionamentos são armas perigosas e devem ser, portanto, segundo a lógica conservadora, eliminados da sociedade. Em *O Tachão de Ferro*, Ernest expõe em algumas passagens o flagrante irracionalismo dos barões do capitalismo:

Os senhores são metafísicos. [...] Cada um dos senhores vive em seu próprio cosmo, criado a partir de suas próprias fantasias e desejos. Nada conhecem do verdadeiro mundo em que vivem [...]. Seu método de raciocínio é oposto ao da ciência. Nada há de válido em suas conclusões. Provam tudo e não provam nada (LONDON, 2011, p. 22-23). No original: *You are metaphysicians. [...] Each of you dwells in a cosmos of his own making, created out of his own fancies and desires. You do not know the real world in which you live [...]. Your method of reasoning is the opposite to that of science. There is no validity to your conclusions. You can prove everything and nothing* (LONDON, 1908, p. 8-9).

Não há dúvidas de que o próprio London considerava o irracionalismo intrinsecamente conectado ao romantismo:

Reinava uma discussão acalorada, e os ministros ficaram vermelhos de raiva e exaltados, sobretudo quando Ernest os chamava de filósofos românticos [...] (LONDON, 2011, p. 26) No original: *Battle royal raged, and the ministers grew red-faced and excited, especially at the moments when Ernest called them romantic philosophers* (LONDON, 1908, p. 15).

A crítica à racionalidade efetuada no âmbito do Ur-Fascismo tangenciava outros aspectos do pensamento racional. Na política, o racionalismo preconizava a realização de estudos e planejamento prévio antes de quaisquer tomadas de decisão. Aos olhos dos fascistas, a prudência racional confundia-se com indolência e covardia diante da peremptória necessidade de agir. Os homens não teriam sido feitos para o trabalho intelectual, mas para a ação.

#### 4.3. CULTO DA AÇÃO

O culto da ação decorre diretamente do irracionalismo romântico, sendo apontado por Umberto Eco como o terceiro item de sua lista. A razão não tem espaço na lógica conservadora e, portanto, não precede a ação. O sociólogo e professor da Universidade de Oxford, Sir Isaiah Berlin, dedicou grande parte de sua vida acadêmica às pesquisas relacionadas ao campo da história das ideias românticas e à relevância de determinados aspectos para o aparecimento, no início do século XX, de ideias totalitárias e fascistas. Para Berlin, o romantismo alemão possui inegáveis méritos, especialmente, por ter colocado termo ao ímpeto universalista do iluminismo. A partir da perspectiva romântica, confere-se maior importância à esfera individual e à introspecção. O homem, em contato íntimo com a divindade, sentia-se capaz de descobrir suas próprias verdades e dirigir sua vida segundo seus próprios princípios, sem a necessidade de adequar-se necessariamente aos desígnios racionalistas. Observe-se que esse “espiritualismo romântico”, nesse sentido, não possui necessariamente conotação negativa. No entanto, o século XIX observaria também a desconstrução dos ideais da *razão prática* de Kant, por meio de uma exortação à ação impulsiva e irrefletida. Segundo o filósofo alemão Ernst Cassirer<sup>67</sup> (1976, p. 197), os

---

<sup>67</sup>Ernst Cassirer (Breslau, Polônia, 28 de julho de 1874 — Nova Iorque, EUA, 13 de abril de 1945) foi um filósofo alemão de origem judaica polonesa.

pioneiros do romantismo teutônico possuíam, não apenas filosofias da natureza, da arte e da história, mas também, uma filosofia política. Nesse campo, entretanto, os autores românticos jamais desenvolveram teorias homogêneas que pudessem ser tomadas enquanto exemplos claros de um pensamento unívoco e coerente. Parece impossível, de acordo com Cassirer, “[...] *construir um sistema de ideias políticas fixas, definidas e inquestionáveis, a partir de qualquer dos escritores românticos*”. Há claras descontinuidades entre o *quietismo* político dos primeiros românticos e a exortação à ação impulsiva tornada comum após as Guerras Napoleônicas. Em um primeiro momento, a sublimação e internalização fomentadas pelos ideais românticos acabaram afastando os homens das causas mundanas e, especialmente, da política. Entretanto, a reação militar contra a invasão das tropas de Napoleão ao Reino da Prússia - terra natal de relevantes filósofos e pensadores dos séculos XVIII e XIX como Herder, Goethe, Schiller, Kant, Schopenhauer e Nietzsche - conferiu o impulso necessário para que o pensamento romântico retomasse seus vínculos com o mundo material. Em oposição à contemplação, surge a exortação à ação. Segundo Cassirer,

[...] É verdade que essa concepção poética [o quietismo contemplativo] não estava à altura de desempenhar a tarefa de resolver os problemas da vida política. Quando esses problemas se tornaram mais sérios e ameaçadores, a teoria desenvolvida pelos primeiros românticos teve de ceder. Na época das Guerras Napoleônicas os fundadores e pioneiros do romantismo germânico começaram a duvidar de seu próprio ideal de “poetizar” a vida política. Convenceram-se então de que, pelo menos nesse campo, era necessária uma atitude mais realista, que essa atitude era mesmo imperativa e indispensável (CASSIRER, 1976, p. 203).

Um homem deve agir. A intelectualidade e a razão são inimigos mortais da estabilidade social, da *ordem binária* e da manutenção do *status quo*. A capacidade de *agir* era considerada pelo historiador vitoriano Thomas Carlyle uma virtude em si mesma: “*Virtude, Vir-tus, força, heroicidade... é antes de tudo... coragem e a faculdade de fazer*” (CARLYLE, 1899, p. 218). A qualificação atribuída à ação impulsiva e irrefletida, à ação romântica que é o extremo oposto da *razão prática* kantiana, certamente exerceu enorme influência sobre o pensamento político fascista do século XX. Os homens devem, acima de tudo, agir e produzir. Afirma Carlyle citando Goethe: “*Ainda que seja a menor fração de um produto, produza-o em nome de Deus!...Trabalhe enquanto dura o dia; porque virá a noite na qual nenhum homem*

*pode trabalhar*” (CARLYLE, 1896, p. 157). O também alemão Johann Gottlieb Fichte<sup>68</sup> exerceu expressiva influência no desenvolvimento do moderno culto à ação. Segundo Fichte, não é pelo “*conhecimento*”, mas pela “*vontade*”, que agarramos a realidade. “*A realidade na qual outrora acreditavas, um mundo material com existência independente do sujeito, mundo do qual temias ser tornado escravo*”, diz *O Espírito no Bestimmung des Menschen*, de Fichte,

[...] desapareceu; porque todo esse mundo material nasce somente através do conhecimento, e é ele mesmo o nosso conhecimento; mas o conhecimento não é realidade, justamente porque é conhecimento [...]. A tua vocação não é meramente conhecer, mas, de acordo com teu conhecimento, agir... Não estás aqui para uma ociosa contemplação íntima, nem para chocar sensações devotas – não. Estás aqui para a ação, a tua ação, e só ela, determina a obra que fizeres. (FICHTE apud CASSIRER, 1976, p. 231).

As elites em *O Tacão de Ferro* não se furtam à ação quando a *Espada de Dâmocles*<sup>69</sup> da revolução é colocada sobre suas cabeças. A Oligarquia assume efetivamente as rédeas da sociedade para assegurar-se de que os intentos dos trabalhadores fossem frustrados. No entanto, não há em qualquer de seus movimentos políticos indícios da exortação cega à ação sugerida por Eco como traço do Ur-Fascismo. Os nazistas, em especial, pareciam sempre dispostos a arriscar tudo a todo momento. Uma gigantesca máquina de guerra havia se apropriado do poder na Alemanha e suas funções eram estritamente destrutivas. Na época da guerra total e do extermínio em massa, nem mesmo a própria população estava a salvo do impulso assassino nazifascista. Que perecesse o país, se necessário fosse. Os passos da Oligarquia são muito mais contidos no *Tacão de Ferro*, uma vez que, a manutenção da planta produtiva, expropriada e concentrada sob seu domínio, multiplicaria infinitamente seus dividendos e garantiria, por fim, o capital necessário à sua preservação no topo da hierarquia social por sete séculos.

---

<sup>68</sup>Johann Gottlieb Fichte (Rammenau, Saxônia, 19 de maio de 1762 — Berlim, 27 de janeiro de 1814) foi um filósofo alemão. Foi um dos criadores do movimento filosófico conhecido como idealismo.

<sup>69</sup> N.A. Conta a anedota originada na antiguidade clássica grega que no reino do tirano Dionísio de Siracusa vivia um jovem bajulador chamado Dâmocles que invejava abertamente o conforto suntuoso no qual vivia o afortunado rei. Dionísio acedeu em conceder a Dâmocles a oportunidade de desfrutar por um dia de seus privilégios, no entanto, ordenou que uma espada fosse pendurada sobre sua cabeça amarrada a um único fio da cauda de um cavalo. Preocupado com a iminente queda da espada, Dâmocles renunciou ao seu posto temporário no trono. Metaforicamente, a espada de Dâmocles representa a insegurança daqueles com grande poder (devido à possibilidade deste poder lhes ser tomado repentinamente) ou, mais genericamente, a qualquer sentimento de danação iminente.

O *povo do abismo*, por sua vez, entrega-se à ação de forma bem menos racional do que aquela observada entre os senhores da sociedade. O furor da turba que toma as ruas de Chicago durante a Comuna é semelhante ao ímpeto dos quiliastas medievais. Mesmo em face à impossibilidade de conquistar uma vitória contra as forças da Oligarquia, a massa de miseráveis sedenta por vingança envolve-se ativamente na orgia de terrores pela cidade, promovendo assassinatos e destruição até ser massacrada pelos *Mercenários*. Os líderes revolucionários apesar de demonstrarem ciência em relação à necessidade da ação política direta para que seus objetivos fossem alcançados, não deixam de relativizar as perdas e ganhos de ações dessa natureza:

Em meus ouvidos, ecoam os gritos dos vencidos e posso ver, como vi no passado, toda essa carne bela e macia estragada e mutilada, todas essas almas arrancadas com violência de seus dignos corpos [...]. Pobres humanos, obrigados que somos a recorrer à carnificina e à destruição para atingir nossos fins, para trazer à terra paz e felicidade duradouras! (LONDON, 2011, p. 18). No original: *In my ears are the cries of the stricken and I can see, as I have seen in the past all the marring and mangling of the sweet, beautiful flesh, and the souls torn with violence from proud bodies and hurled to God. Thus do we poor humans attain our ends, striving through carnage and destruction to bring last in peace and happiness upon the earth* (LONDON, 1908, p. 2).

#### 4.4. PENSAMENTO UNITÁRIO

Para o Ur-Fascismo, segundo Umberto Eco, qualquer forma de desacordo é traição. Opor-se ao pensamento unitário irracional representa uma declaração de guerra, beligerância que deve ser devidamente punida. Avis sentiria na pele as consequências dessa crença. Ernest Ihe diz em uma passagem do romance,

[...] Você deu abrigo a um inimigo de sua classe. E não apenas abrigo, você lhe deu seu amor, entregou-se. Isso é traição para sua classe. Não pense que escapará do castigo (LONDON, 2011, p. 84). No original: *You have given shelter to an enemy of your class," he said. "And not alone shelter, for you have given your love, yourself. This is treason to your class. Think not that you will escape being penalized* (LONDON, 1908, p. 101).



A perseguição aos dissonantes torna-se ainda mais evidente em relação ao destino reservado ao Bispo Morehouse. Após conhecer Ernest, o religioso é convencido a repensar alguns de seus dogmas pessoais e, especialmente, a posição conivente da Igreja em relação à exploração do proletariado. Morehouse mostra-se reticente em um primeiro momento, mas acede às exortações de Everhard:

Os senhores todos admitiram mais de uma vez nesta noite, ou porque o confessaram ou porque deixaram escapar, que nada sabem da classe trabalhadora. [...] Não vivem nos mesmos locais que a classe operária, pois convivem com a classe capitalista em outras localidades. E por que não seria assim? É a classe capitalista que paga aos senhores, que os sustenta e, [...] em retribuição, pregam a seus patrões as máximas da metafísica que mais os agradam em particular; e essas máximas os agradam porque não ameaçam a ordem social estabelecida. [...] Se mudassem sua crença para algo que ameaçasse a ordem estabelecida, suas pregações seriam inaceitáveis para seus patrões e eles se livrariam dos senhores (LONDON, 2011, p. 29). No original: *You have repeatedly confessed to-night, by direct avowal or ignorant statement, that you do not know the working class. [...] You do not live in the same locality with the working class. You herd with the capitalist class in another locality. And why not? It is the capitalist class that pays you, that feeds you, [...] and in return you preach to your employers the brands of metaphysics that are especially acceptable to them; and the especially acceptable brands are acceptable because they do not menace the established order of society. But should you change your belief to something that menaces the established order, your preaching would be unacceptable to your employers, and you would be discharged* (LONDON, 1908, p. 19-20).

Uma vez convencido de que trabalhava a favor dos mais abastados e de que era muito bem remunerado para tal, Morehouse passa por uma metamorfose e decide-se por pregar aos ricos capitalistas em nome dos trabalhadores. Estava convicto de que a exploração devia-se a ignorância das classes dirigentes em relação às condições alarmantes do proletariado e não necessariamente à falta de sensibilidade e humanidade da burguesia industrial. Ele, então, aproveitando-se de um encontro clerical, informa aos presentes sobre a mudança processada em suas crenças, a recém adquirida consciência de que sempre tivera ao seu dispor muito mais que o necessário para sua subsistência e, principalmente, de que o conforto por ele desfrutado em sua mansão poderia servir para amenizar o sofrimento dos mais pobres:

Para aqueles que acreditam em Jesus e em Seu Evangelho não pode haver outra relação entre os homens que não seja a de afeto. Somente o amor é mais forte do que o pecado, mais forte do que a morte. Então eu digo aos ricos que aqui estão que é seu dever fazer o mesmo que fiz e estou fazendo. Que cada um dos senhores, que é próspero, leve para casa um ladrão e o trate como irmão, uma desventurada e a trate como irmã, e a cidade de San

Francisco não mais precisará de força policial ou de magistrados; as prisões serão convertidas em hospitais, e os criminosos desaparecerão junto com o crime. [...] Por isso, eu digo aos ricos entre vocês, e a todos os ricos, que vocês andam oprimindo cruelmente os cordeiros de Deus. Seus corações são duros como pedra e seus ouvidos não escutam as vozes que clamam da terra: vozes de dor e de sofrimento; vozes que não desejam ouvir, mas que um dia terão de ouvir. Digo ainda... (LONDON, 2011, p. 93-94). No original: *To those who believe in Jesus and his gospel there can be no other relation between man and man than the relation of affection. Love alone is stronger than sin — stronger than death. I therefore say to the rich among you that it is their duty to do what I have done and am doing. Let each one of you who is prosperous take into his house some thief and treat him as his brother, some unfortunate and treat her as his sister, and San Francisco will need no police force and no magistrates; the prisons will be turned into hospitals, and the criminal will disappear with his crime. [...]* "And so I say to the rich among you, and to all the rich, that bitterly you oppress the Master's lambs. You have hardened your hearts. You have closed your ears to the voices that are crying in the land — the voices of pain and sorrow that you will not hear but that some day will be heard. And so I say — (LONDON, 1908, pp. 114-116).

Morehouse teve seu discurso abruptamente interrompido e foi arrancado do púlpito sob a alegação de que estaria enfrentando sérios distúrbios psicológicos:

Suas opiniões [do Bispo Morehouse] representavam um risco para a sociedade, e a sociedade não podia aceitar que tais opiniões fossem produto de uma mente sadia (LONDON, 2011, p. 146). No original: *His views were perilous to society, and society could not conceive that such perilous views could be the product of a sane mind* (LONDON, 1908, p. 189).

Avis apostava que o discurso iria repercutir na imprensa, estampando as manchetes do dia seguinte, mas Ernest discorda peremptoriamente de sua esposa:

Nem uma palavra do que ele disse será impressa. Você se esquece dos editores. O que determina o salário que eles recebem são as políticas que eles mesmos traçam, e essa política consiste em não dizer nada que coloque em risco o sistema. As ideias do bispo representam uma agressão contra a moral estabelecida. Foi uma heresia. [...] Os jornais purgarão essa heresia no anonimato do silêncio. A imprensa norte-americana? É um parasita que engorda às custas da classe capitalista. Sua função é servir o sistema moldando a opinião pública, e desempenha essa função muito bem (LONDON, 2011, p. 95). No original: *Not a word that he uttered will see print. You have forgotten the editors. They draw their salaries for the policy they maintain. Their policy is to print nothing that is a vital menace to the established. The Bishop's utterance was a violent assault upon the established morality. It was heresy. They led him from the platform to prevent him from uttering more heresy. The newspapers will purge his heresy in the oblivion of silence. The press of the United States? It is a parasitic growth that battens on the capitalist class. Its function is to serve the established by moulding public opinion, and right well it serves it* (LONDON, 1908, p. 117).

Como previsto por Ernest, a imprensa se cala ante as palavras incisivas do bispo. A resposta das elites é fulminante e, com o auxílio da Igreja, Morehouse é

internado em um sanatório sob o pretexto de que precisava recobrar sua saúde após uma suposta crise de nervos. Divergir da tradição dominante é uma traição duramente punida pelo sistema. O destino de Morehouse fora selado. Deveria morrer em um hospício por conta de sua traição ao clero e às elites. Ernest explica a Avis essa lógica em termos muito didáticos:

O raciocínio da pessoa de quem se discorda está sempre errado; logo, a mente dessa pessoa não funciona bem. Onde se situa o limite entre o engano e a loucura? É inconcebível que um homem não discorde radicalmente daquilo que o senso comum julga sadio (LONDON, 2011, p. 95). No original: *The mental processes of the man with whom one disagrees, are always wrong. Therefore the mind of the man is wrong. Where is the line between wrong mind and insane mind? It is inconceivable that any sane man can radically disagree with one's most sane conclusions* (LONDON, 1908, p. 118).

O pai de Avis, Dr. John Cunningham, também acabaria por cair em desgraça por conta de suas opiniões. Cunningham publicou um livro intitulado *Economia e Educação* que tratava,

[...] dos fatores de preservação da ordem estabelecida, isto é, o caráter capitalista das universidades e escolas públicas. [...] uma acusação lógica e violenta contra todo o sistema educacional que desenvolvia no espírito dos estudantes apenas as ideias favoráveis ao regime capitalista, excluindo todas as que fossem hostis e subversivas (LONDON, 2011, p. 127). No original: [...] *with one factor in the persistence of the established, namely, the capitalistic bias of the universities and common schools. It was a logical and crushing indictment of the whole system of education that developed in the minds of the students only such ideas as were favorable to the capitalistic regime, to the exclusion of all ideas that were inimical and subversive* (LONDON, 1908, p. 106).

Tão logo o livro foi publicado seu autor foi compelido a demitir-se da Universidade de Berkeley, ao que se seguiu o recolhimento do mercado de praticamente todas as cópias da obra. O Dr. Cunningham tentou obstinadamente convencer a editora a publicar novas edições, mas, sob severa pressão de instâncias superiores, a empresa recusou-se e optou por abrir mão de seus direitos de publicação. Sua perseverança, no entanto, acabaria sendo recompensada: a editora socialista *Appeal to Reason* [Apelo à Razão] decidiu publicar o livro do professor Cunningham. O Estado, mero despachante dos interesses das elites, respondeu com um bloqueio informal à circulação de jornais produzidos pela editora, uma de suas principais fontes de receitas. Ao estrangulamento econômico seguiu-se um ato mais prático, um exercício de ação direta conforme relato de Avis:

O jornal se preparava para publicar o livro. Vinte mil cópias do livro de papai estavam na encadernação e as prensas estavam imprimindo outras mais. De repente, sem nenhum aviso, uma multidão apareceu durante a noite e, agitando a bandeira americana e cantando canções patrióticas, atearam fogo à grande oficina gráfica do Appeal e a destruíram por completo (LONDON, 2011, p. 130). No original: *It prepared to go on with its book publishing. Twenty thousand copies of father's book were in the bindery, and the presses were turning off more. And then, without warning, a mob arose one night, and, under a waving American flag, singing patriotic songs, set fire to the great plant of the Appeal and totally destroyed it* (LONDON, 1908, P. 168).

Ernest intitula essa turba reacionária como *Centenas Negras*, em clara referência às ações semelhantes observadas durante a Revolução Russa de 1905. À época, o czar Nicolau enfrentava forte resistência advinda das ruas, com focos de levante popular pululando nas principais cidades do império. As *centenas negras* atuavam ora como agitadores, ora como uma força paramilitar e foram responsáveis pelas mortes de 300 judeus na cidade de Odessa em outubro de 1905. Robert Paxton relaciona as Centenas Negras russas entre os movimentos tidos por ele como precursores do fascismo (2004, p. 188). Tal como no caso russo, os membros das centenas negras norte-americanas eram apresentados pela imprensa como “[...] *verdadeiros patriotas e salvadores da sociedade*” (LONDON, 2011, p. 131) – “[...] *true patriots and saviours of society*” (LONDON, 1908, P. 169).

Cunningham veria frustradas todas as suas tentativas de enfrentar o *status quo* por meio da publicação de sua obra. Além disso, observaria na prática que não havia - e jamais haveria - espaço na vida intelectual sob o Tachão de Ferro para qualquer forma de dissensão:

Os oligarcas eram aprendizes de ensino, da arte, religião, ciência e literatura; e nesses campos cumpriam a importante função de moldar o processo do pensamento da nação no sentido de perpetuar a oligarquia. Eram ensinados que o que faziam era o certo, e mais tarde transmitiam essa doutrina aos seus discípulos. [...] Eles se viam como domesticadores de animais selvagens, domadores de feras. [...] Como classe, acreditavam que apenas eles sustentavam a civilização. [...] Em suma, apenas eles, pela perseverança e sacrifício, se colocavam entre a fraca humanidade e as feras vorazes; e acreditavam nisso, acreditavam firmemente (LONDON, 2011, p. 224-225). No original: *They were apprenticed to education, to art, to the church, to science, to literature ; and in those fields they served the important function of moulding the thought-processes of the nation in the direction of the perpetuity of the Oligarchy. They were taught, and later they in turn taught that what they were doing was right. [...] They looked upon themselves as wild-animal trainers, rulers of beasts. [...] They, as a class, believed that they alone maintained civilization. [...] In short, they alone, by their unremitting toil and sacrifice, stood between weak humanity and the all-devouring beast; and they believed it, firmly believed it* (LONDON, 1908, p. 299-300).

De forma geral, os intelectuais encontrariam muitas dificuldades de convivência com os regimes fascistas. Não faltariam motivos para sentir-se desconfortável sob o governo de ex-combatentes de rua que desprezavam “professores examinando as coisas através de seus óculos, idiotas que levantam objeções irrealistas a todas as afirmações da doutrina” (PAXTON, 2004, p. 139).

#### 4.5 AVERSÃO À DIVERSIDADE

Outro exemplo de elemento que não possui significativa correspondência na narrativa, o quinto fator apontado por Umberto Eco vincula-se de forma mais clara ao racismo e à aversão em relação aos estrangeiros. No caso específico do romance de Jack London, não há menções a quaisquer preocupações do Tação de Ferro ou de seus aliados em relação a eventuais inimigos estrangeiros, até porque, seus antagonistas já haviam há muito sido identificados entre os socialistas. Não há espaço para questões raciais em *O Tação de Ferro* porque os aspectos políticos se sobrepõem aos demais, bastava que o inimigo fosse descrito como socialista para que toda perseguição se justificasse. No fascismo italiano e no nazismo alemão a figura do judeu preencheria essa lacuna de forma mais complexa: a retórica do fascismo real não deixava de voltar suas armas também em direção ao liberalismo econômico, muito embora na prática isso não tenha representado sérias ameaças em relação às fortunas dos grandes capitalistas. Altamente adaptáveis, muitos deles redirecionaram suas plantas industriais para a produção bélica, tornando-se assim, fornecedores e apoiadores de primeira hora do fascismo. Retornando aos judeus, eles acabariam por ser vinculados em proporções semelhantes aos dois perigos que o nazifascismo julgava enfrentar: os judeus representavam os ricos banqueiros estrangeiros, absolutamente indiferentes às questões de ordem nacional tão caras à ideologia fascista; bem como, interpretavam também o papel do inimigo socialista, fato esse devido, especialmente, às origens judaicas de muitos baluartes socialistas, dentre eles o próprio Karl Marx<sup>70</sup>.

---

<sup>70</sup>Karl Marx (Tréveris, Prússia, 5 de maio de 1818 — Londres, Reino Unido, 14 de março de 1883) foi um filósofo, sociólogo, jornalista e teórico revolucionário socialista. Suas principais obras - *O Manifesto Comunista* (1848) e *O Capital* (1867-1894) - compõem a base do socialismo científico marxista.

Muito embora o foco de perseguição tenha se voltado aos judeus, não havia espaço na crença da unidade obrigatória de pensamento para livres-pensadores, comunidades autônomas, igrejas, maçonaria, sindicatos de classe ou partidos políticos – todos eram suspeitos de atuarem contra os interesses nacionais (PAXTON, 2011, p. 144). Hitler serviu-se do Incêndio do Reichstag em 1933 para eliminar da sociedade, via decreto, eventuais focos de divergência.

#### 4.6 RETÓRICA DO DESCONTENTAMENTO

O ponto seguinte apontado por Umberto Eco diz respeito à retórica inflamada utilizada pelos líderes fascistas que usualmente é endereçada aos setores descontentes da sociedade, notadamente, à classe média que se imaginava sempre mais exposta aos perigos advindos dos extratos sociais inferiores. Na Alemanha e na Itália esse recurso foi amplamente utilizado para a construção de um imaginário nacional assombrado por toda sorte de inimigos: socialistas, judeus, estrangeiros e minorias étnicas em geral. Em comum, todos serviam de bode expiatório para os problemas reais ou fictícios da nação. A tática era muito efetiva dada a conjuntura socioeconômica adversa do entreguerras. No entanto, discursos de tal natureza são um apelo às massas. Em locais onde a construção de uma ampla base de apoio popular é desnecessária, há pouco espaço para a difusão dessa retórica de descontentamento. No caso da *Oligarquia* descrita por London, não há menção a tentativas de mobilização das massas, muito embora, por vezes fique subentendido ao longo da narrativa que os oligarcas não poderiam simplesmente ignorar a opinião pública. Ao menos não até que os mecanismos de controle social absoluto estivessem bem ajustados. Convém recordar que, conforme informado anteriormente, antes de colocarem em prática suas aspirações políticas totalitárias, Mussolini e Hitler viram-se obrigados a constituírem coligações que pavimentassem seu caminho para o poder e, para tanto, apelaram inclusive para pautas trabalhistas historicamente mais afeitas aos partidos de esquerda - que os fascistas julgavam combater.

A dominação do *Tacão de Ferro* também não se dá imediatamente após seu aparecimento. Como nos casos italiano e alemão, perdura por certo tempo uma aura

de normalidade no romance. As eleições são mantidas, até porque, a possibilidade de uma vitória majoritária da esquerda era absolutamente irrisória - senão impossível – mesmo com a participação de Ernest no pleito. A Oligarquia administra algumas tensões internas de forma cautelosa e sem maiores demonstrações públicas de força, mesmo quando uma greve geral de repercussões internacionais paralisa a economia nacional e evita a potencialmente lucrativa guerra deflagrada contra os alemães na ficção. A real natureza da repressão do Tacão de Ferro só seria conhecida após o fraudulento atentado cometido no Parlamento e atribuído a Ernest Everhard com o intuito de afastá-lo de seu mandato junto aos demais deputados da minoria socialista. A necessidade de valer-se de um artifício dessa magnitude para justificar o expurgo de seus adversários já demonstra, por si só, que a Oligarquia preocupava-se em preservar minimamente sua imagem, ao menos até estar apta a prescindir da opinião pública por completo. A prisão dos revolucionários não deveria soar como um golpe, mas sim, como uma justa punição a um grupo de subversivos terroristas:

[...] Concluimos que o Tacão de Ferro foi o responsável pelo atentado e que ele o planejou e perpetrou com o propósito de colocar a culpa em nossas costas e provocar assim a nossa destruição (LONDON, 2011, p. 193). No original: *There is to-day no doubt whatever that the Iron Heel was responsible for the bomb that exploded in the House of Representatives [...]* (LONDON, 1908, p. 260).

Muito embora não reste claro até hoje se o incêndio no Reichstag em 1933 foi mesmo simulado pelos nazistas para justificar a acentuação nas perseguições contra os socialistas, as semelhanças entre a ficção e a realidade são mesmo notáveis. Em ambos os casos, os ataques serviram de pretexto para a cassação de direitos fundamentais. Na Alemanha, o evento deu origem ao *Decreto do Incêndio do Reichstag* que suspendeu a liberdade de expressão; proibiu a realização de assembleias; caçou os direitos à propriedade e liberdade pessoal; além de permitir às autoridades prender à vontade os suspeitos de terrorismo – i.e., os socialistas. No mesmo ano, Hitler alcançaria a maioria necessária para chegar ao poder graças à prisão dos deputados comunistas do Parlamento Alemão (PAXTON, 2004, p. 107).

#### 4.7 NACIONALISMO

O item seguinte na lista de Umberto Eco faz referência ao nacionalismo e, para os leitores já familiarizados com a história da Segunda Guerra, pode parecer redundante afirmar que o fascismo tinha por uma de suas marcas mais características o forte apelo nacionalista. Havia diversas razões para isso, mas, basicamente, o nacionalismo está imbricado na gênese do fascismo, sendo ambos um desdobramento da Primeira Guerra e, em grande medida, de eventos ainda mais antigos ocorridos ao longo do século XIX. A Itália e a Alemanha como convém lembrar eram nações relativamente jovens no começo do século XX, recém-saídas de seus processos internos de unificação. Somente após 1870 italianos e alemães passaram a viver oficialmente em países unificados e a construção das novas identidades nacionais passava pelo complicado processo de dissolução de inúmeros localismos históricos que representavam focos empedernidos de resistência. Somente a partir da observância das relações de alteridade em relação aos povos estrangeiros é que se realçavam as semelhanças internas entre as várias regiões e suas culturas. Não faltaram oportunidades ao longo do século XIX para que esse senso de nacionalismo se configurasse: as batalhas imperialistas pelo controle de colônias ao redor do mundo acentuaram antigas rivalidades europeias e, no caso alemão, elas eram numerosas e incluíam ingleses, franceses e russos, para ficarmos apenas nas mais significativas. Interesses conflitantes opuseram Alemanha e França na Guerra Franco-Prussiana de 1870-1871; interesses conflitantes entre Alemanha e o Império Russo incendiaram a política nos Bálcãs e levaram ao assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando<sup>71</sup> em 1914 e, por fim; interesses conflitantes entre Alemanha e Inglaterra levaram à corrida armamentista que redundou na Primeira Guerra Mundial. Inegavelmente, a existência de uma ameaça externa, seja ela real ou imaginária, favorece o florescimento de um sentimento de coesão nacional e, no caso alemão, a humilhação da derrota na Grande Guerra e a dureza das condições impostas pelo Tratado de Versalhes potencializaram esse efeito.

---

<sup>71</sup>Franz Ferdinand Karl Ludwig Joseph Maria von Österreich-Este (Graz, Áustria, 18 de dezembro de 1863 - Sarajevo, Bósnia, 28 de junho de 1914) foi um arquiduque da Áustria e herdeiro presuntivo do trono do Império Austro-Húngaro.



Na ficção escrita por Jack London, entretanto, há todo um conjunto de elementos que mitigam os efeitos do nacionalismo e, em grande medida, justificam sua ausência na narrativa. Talvez o mais importante deles seja a inexistência de um conflito internacional anterior à ascensão da *Oligarquia* e de seu *Tacão de Ferro*. Não há nenhum inimigo externo que justifique a inflamação do sentimento nacionalista local. O antagonista natural da *Oligarquia* é o socialismo e o socialismo é internacional. A causa trabalhista não deveria submeter-se às fronteiras, uma vez que não haveriam diferenças substanciais entre os trabalhadores espoliados; a exploração do proletariado seria similar em todos os países e isso deveria, segundo Ernest Everhard, gerar empatia entre os que sofrem. Sua crença nesse sentimento era tamanha a ponto de acreditar que a solidariedade internacional dos trabalhadores seria capaz de impedir as guerras entre nações rivais como ocorrido na narrativa. Muito embora depositasse suas esperanças na união internacional do proletariado, Ernest não se furta de efetuar um alerta de suma importância sobre os perigos da beligerância entre as nações, que poderia, segundo ele, desviar o foco da luta operária e abrir espaço para a militarização social contínua:

Além disso, uma guerra como essa poderia criar um grande exército permanente que não precisaria nunca ser desmobilizado, enquanto na alma dos povos seria substituída a máxima “Socialismo versus Oligarquia” por “América versus Alemanha” (LONDON, 2011, p. 159). No original: *Also, such a war would create a large standing army that need never be disbanded, while in the minds of the people would be substituted the issue, 'America versus Germany' in place of 'Socialism versus Oligarchy'* (LONDON, 1908, p. 211).

À exceção do trecho anterior e da já referida passagem na qual a editora socialista *Appeal to Reason* é atacada e incendiada por uma turba, “[...] *Jagitando a bandeira americana e cantando canções patrióticas*” (LONDON, 2011, p. 130) [*... under a waving American flag, singing patriotic songs*] (LONDON, 1908, p. 168), London parecia não preocupar-se com o apelo nacionalista que uma eventual contrarrevolução poderia adotar.

As raízes efetivas do nacionalismo vinculam-se, dentre outros fatores, ao processo de unificação e às tensões colonialistas do século XIX na Itália e, especialmente, na Alemanha como demonstrado anteriormente. Entretanto, o nacionalismo possui também antecedentes ideológicos que compõem o quadro intelectual pós-Revolução Francesa. Os autores românticos, como é do conhecimento

dos leitores que chegaram até o presente ponto, opunham-se ao universalismo do Iluminismo e, esta oposição não era intrinsecamente negativa em um primeiro momento. De acordo com a noção romântica, cada indivíduo deveria ser livre para, em contato com o *Espírito*, construir suas próprias verdades, encontrar suas respostas, seu caminho. Ainda que em uma escala diversa, o mesmo aplicar-se-ia às nações e, não por acaso, o nacionalismo moderno surge entre fins do século XVIII e início do XIX, baseado em premissas semelhantes às referidas anteriormente para os indivíduos. Coincidência ou não um dos pais fundadores do conceito foi o filósofo alemão Johann Gottfried Herder<sup>72</sup>. Para compreendermos melhor a oposição entre os referidos sistemas de pensamento, creio ser necessário realizar uma breve digressão para recapitular alguns conceitos dos *lumières*.

Os iluministas entendiam o progresso contínuo como resultado de um processo de racionalização gradual ao qual teriam acesso todos os seres humanos em pleno gozo de suas faculdades mentais. A *razão prática* e o conhecimento científico deveriam livrar a humanidade de todos os preconceitos e amarras obscurantistas da irracionalidade. Possuidores de direitos naturais e universais, todos os homens deveriam ser livres e iguais. Sob influência iluminista, o verbete referente à *Nação* na célebre *Encyclopédie* publicada cerca de meio século antes da Revolução Francesa era relativamente sucinto: “[...] *uma determinada quantidade de pessoas, habitantes de certa extensão territorial definida por alguns limites em comum e, obedientes a um mesmo governo*”<sup>73</sup>. Nenhuma palavra quanto à história, cultura, língua, religião ou etnia em comum. Os autores da *Encyclopédie* idealizavam um conceito de nação composta por indivíduos livres e iguais perante a lei. Não queriam que a história e a cultura tornassem os homens prisioneiros de qualquer forma de determinismo. Lembremos de que a história - enquanto campo das ciências humanas - não gozava, à época, da importância que lhe seria atribuída no século XIX, justamente, por autores influenciados pelo romantismo como Thomas Carlyle.

Por outro lado, observamos a partir do final do século XVIII o surgimento de um ideal distinto de nação expresso especialmente por Herder que a considerava

---

<sup>72</sup>Johann Gottfried von Herder (Mohrungen, Prússia Oriental, 25 de agosto de 1744 — Weimar, Alemanha, 18 de dezembro de 1803) foi um filósofo e escritor alemão.

<sup>73</sup>N.A. Traduzido do original: “*une quantité considérable de peuple, qui habite une certaine étendue de pays, renfermée dans de certaines limites, et qui obéit au même gouvernement*”.

enquanto um organismo vivo dotado de uma alma nacional própria e única, bem como, de línguas, culturas, valores, tradições, instituições e costumes específicos e não replicáveis. Do ponto de vista *herderiano* pensar em valores universais deixara de fazer qualquer sentido, porque, segundo Herder (1991, p. 26), pessoas que são o produto de um mesmo legado histórico e cultural possuem mentalidades únicas. Karl Mannheim (1976, p. 257) sugere que o romantismo de Goethe<sup>74</sup> e Herder teria dado origem a um “*determinismo histórico*” em meados do século XIX:

De acordo com esta noção, e segundo o ponto-de-vista desta atitude face ao mundo o homem não é de forma alguma absolutamente livre. Nem todas as coisas em geral, e cada coisa em particular, são possíveis a todo o momento e em todas as comunidades históricas. A forma interna de individualidade histórica existente em qualquer época dada, seja a de uma personalidade isolada, seja a de um espírito de povo, e as condições externas que, juntamente com o passado, se encontram por trás dela, todas determinam a formação das coisas por existir. É por esta razão que a configuração histórica existente em uma dada época não pode ser construída artificialmente, mas cresce como uma planta, a partir da semente.

Ao mesmo tempo em que defendia o reconhecimento e, conseqüentemente, respeito às mais variadas culturas nacionais, Herder entendia que as nacionalidades seriam expressões singulares, efetivamente apreensíveis apenas àqueles que, a partir de laços inexpugnáveis, compartilhavam determinada tradição cultural. O internacionalismo iluminista seria revisitado ao longo do século XIX pelo marxismo, por meio de exortações à união supranacional do proletariado em torno da causa socialista. Em contrapartida o patriotismo exagerado e o chauvinismo se revelariam um traço inexpugnável do pensamento conservador que conduziria ao fascismo.

#### 4.8. DUBIEDADE DOS INIMIGOS

No oitavo item apontado por Eco e que compõe a escala de avaliação do potencial fascismo em *O Tacão de Ferro*, novamente não é possível estabelecer paralelos muito significativos. Eco faz referência à retórica fascista que, ora referia-se aos judeus enquanto ricos e poderosos inimigos que deveriam ser invejados por sua

---

<sup>74</sup>Johann Wolfgang von Goethe (Frankfurt am Main, 28 de Agosto de 1749 — Weimar, 22 de Março de 1832) foi um escritor e estadista alemão.

condição material e que representariam, por isso, uma ameaça substancial ao desenvolvimento nacional; ora os retratava como moralmente fracos e vulneráveis ante a impetuosidade da população local, uma ameaça a ser exterminada como se exterminam ratos e baratas. Esse discurso de dubiedade fazia parte da retórica nazista em especial, já que, as questões raciais ocupavam um espaço menor, mas ainda assim relevante, no ideário do fascismo italiano. Como frisado anteriormente, Jack London demonstrava em seu romance a crença de as elites não necessitariam do apoio de outros setores da sociedade para promoverem seus intentos contrarrevolucionários. A perseguição aos socialistas pelos soldados mercenários não assenta-se sobre discursos públicos de figurões da oligarquia. Não há necessidade de maiores justificativas ou exercícios de retórica. A aquiescência do corpo social à ascensão do Tão de Ferro está subentendida no período de relativa normalidade que precede o falso atentado e a prisão dos líderes revolucionários, mas esses elementos da narrativa são circunstanciais e, portanto, insuficientes para sustentar a tese de que o Tão de Ferro teria sua existência condicionada ao apoio popular maciço, como observado nos fascismos de fato.

#### 4.9. BELIGERÂNCIA CONTÍNUA

No fascismo bem como em qualquer regime de inspiração militar, baixar a guarda pode revelar-se um equívoco fatal. Por isso, o partido que governa o Estado se mantém sempre alerta, em prontidão para defender-se de todas as ameaças à manutenção de seu poder. Ciente disso, Umberto Eco incluiu a beligerância contínua em sua relação de elementos que pressupõem o fascismo. Afinal, o que é o fascismo que não uma imensa máquina de guerra que se apodera do Estado? Tal qual os regimes que se verificariam na sequência, o *Tão de Ferro* institui todo um conjunto de ações que visam subjugar indefinidamente quaisquer tentativas de sublevação. A correspondência mais próxima entre ficção e realidade reside na atuação do exército paramilitar de mercenários à soldo da Oligarquia que, em grande medida, soa muito similar ao observado no caso dos *squadristi* italianos, também conhecidos como

*Camisas Negras* e, é claro, das *Freikorps* que dariam origem à *Sturmabteilung* (PAXTON, 2044, p. 67), a S.A. nazista comandada por Ernst Röhm<sup>75</sup>:

Um exército permanente de soldados profissionais foi criado, tendo como oficiais membros da oligarquia, era conhecido como Mercenários. [...] Além do serviço secreto regular do Tachão de Ferro, foi mais tarde estabelecido um serviço secreto dos mercenários, que formava uma ligação entre a polícia e o exército (LONDON, 2011, p. 212). No original: *A standing army of professional soldiers was created, officered by members of the Oligarchy and known as the Mercenaries. [...] Outside the regular secret service of the Iron Heel, there was further established a secret service of the Mercenaries, this latter forming a connecting link between the police and the military* (LONDON, 1908, p. 281).

Em comum, tanto as tropas fictícias descritas por London quanto suas congêneres reais eram formadas por militares e ex-militares que atuavam de forma extraoficial e paralela aos exércitos regulares. Os *Mercenários*, os *Camisas Negras* e a S.A. (*Sturmabteilung*) eram os braços armados do Estado que, ao contrário das forças armadas, foram instituídos para lidar com problemas de ordem interna e não contra nações estrangeiras.

Em grande medida sua função básica era caçar comunistas e insuflar a violência pelo país. Este estado de guerra constante era inebriado de certa dose de darwinismo social: somente os mais fortes sobreviveriam e sobreviver exigiria muito esforço. O apreço pela violência e a crença em suas características purgativas é inseparável do pensamento conservador do Ur-Fascismo. Em função disso, não surpreende que encontremos esse microfascismo específico na retórica beligerante contemporânea que defende um acirramento da repressão estatal no combate aos problemas cotidianos de violência pública. A violência só poderia ser combatida com ainda mais violência. Poucos pensadores foram capazes de sintetizar esse sentimento em termos mais claros do que os utilizados por Joseph de Maistre:

No vasto domínio da natureza viva, impera uma violência declarada, uma espécie de fúria predeterminada que condena todos os seres ao desastre comum: assim que se abandona o reino inanimado, depara-se com o decreto da morte violenta inscrito sobre as próprias fronteiras da vida. Já no reino vegetal começa-se a perceber a lei: desde a imensa catalpa [frondosa árvore ornamental] a mais humilde gramínea, quantas plantas morrem, e quantas são mortas! Mas a partir do momento em que se penetra no reino animal, essa lei repentinamente se transforma na mais terrível evidência. Uma força, ao mesmo tempo oculta e palpável [...] determinou que, em cada espécie, um certo número de animais devorasse a outros: assim, existem insetos de

<sup>75</sup>Ernst Röhm (Munique, Alemanha, 28 de Novembro de 1887 - Munique, Alemanha, 2 de Julho de 1934), foi um oficial alemão, co-fundador das *Sturmabteilung* (SA) nazis, "Tropa" ou *Divisão de Assalto* do Partido Nazista(NSDAP).

rapina, répteis de rapina, aves de rapina, peixes de rapina e quadrúpedes de rapina. Não há um só instante em que um ser vivo não esteja sendo devorado por outro. Acima de todas essas numerosas raças de animais encontra-se o homem, cuja mão destruidora não poupa nada que tenha vida; ele mata para se alimentar, mata para se vestir, mata para se adornar, mata para atacar, mata para se defender, mata para se instruir, mata para se divertir, mata por matar. Rei orgulhoso e terrível, ele deseja tudo e nada resiste a ele [...] tira as tripas do carneiro para fazer soar sua harpa; [...] tira as presas do elefante para fazer o brinquedo de uma criança – sua mesa se cobre de cadáveres. [...] E quem [nessa carnificina geral] dará fim ao que extermina todos os outros? Ele mesmo. É ao homem que cabe degolar o homem. [...] Assim se cumpre [...] a grande lei da destruição violenta das criaturas vivas. A terra inteira, perpetuamente encharcada de sangue, não passa de um vasto altar sobre o qual tudo que é vivo deve ser imolado sem fim, sem medida, sem pausa, até a consumação das coisas, até a extinção do mal, até a morte da morte (DE MAISTRE, 1993).

A passagem de De Maistre é aterradora, sem qualquer sombra de dúvidas e, nem mesmo o revolucionário Ernest Everhard subestima a relevância dessa natureza:

Nossa gloriosa civilização tem o sangue como alicerce, está encharcada de sangue, e nem a senhorita [Avis], nem eu, nem pessoa alguma pode evitar a mancha escarlate (LONDON, 2011, p. 52). No original: *Our boasted civilization is based upon blood, soaked in blood, and neither you nor I nor any of us can escape the scarlet stain* (LONDON, 1908, p. 54-55).

A violência revela-se um recurso inevitável a todos os regimes políticos instituídos sobre bases irracionais. De fato, segundo Robert Paxton, é possível que o primeiro fenômeno funcionalmente similar ao fascismo tenha sido americano: A *Ku Klux Klan*. Após a Guerra Civil, alguns ex-oficiais Confederados temendo as possíveis consequências do direito ao voto concedido aos afro-americanos pelos *Reconstrucionistas* em 1867, instituíram uma milícia com o intuito de restaurar a ordem social perdida. Por adotarem um uniforme, bem como, por conta de suas técnicas de intimidação e sua convicção de que a violência seria justificável na defesa dos interesses de seu grupo, a primeira versão da Klan no sul dos EUA representou, possivelmente, um protótipo da metodologia que seria adotada pelos fascistas na Europa do entreguerras (PAXTON, 2004, p. 49). Cassetetes, metralhadoras e cruces flamejantes são argumentos bastante persuasivos a serem utilizados quando as palavras se mostrarem incapazes de cumprir seus intentos. Como qualquer revolucionário moderno, o personagem Ernest sabia que, afora as vias eleitorais, não haviam caminhos pacíficos capazes de conduzir o proletariado ao poder. Quando se dá conta de que a fantasia democrática se esvaneceria tão logo fosse palpável aos olhos da elite uma vitória socialista nas urnas, Ernest chega à conclusão de que uma

mudança profunda na ordem social inevitavelmente redundaria em um conflito violento. Seus temores confirmam-se quando o desafio revolucionário por ele personificado é lançado perante as elites:

Nossa resposta se estribará no troar de bombas e granadas e no giro de metralhadoras. Trituraremos seus revolucionários sob os nossos tacões e caminharemos sobre suas faces. O mundo é nosso, nós somos senhores dele e ele continuará a ser nosso. Quanto às hostes de trabalhadores, elas têm estado no pó desde que a história humana teve início; e eu li a história corretamente. E no pó elas continuarão, enquanto eu e os meus, e aqueles que vierem depois de nós, detivermos o poder. Esta é a palavra. Rainha e mãe de todas as palavras: poder. Não é Deus, nem riquezas, mas poder (LONDON, 2011, p. 80). No original: *In roar of shell and shrapnel and in whine of machine-guns will our answer be couched. We will grind you revolutionists down under our heel, and we shall walk upon your faces. The world is ours, we are its lords, and ours it shall remain. As for the host of labor, it has been in the dirt since history began, and I read history aright. And in the dirt it shall remain so long as I and mine and those that come after us have the power. There is the word. It is the king of words — Power. Not God, not Mammon, but Power. Pour it over your tongue till it tingles with it. Power* (LONDON, 1908, p. 97).

Note-se que na distopia *1984* escrita quatro décadas mais tarde por George Orwell e que faz referência direta ao fascismo e aos regimes totalitários europeus, as ameaças são muito semelhantes. O torturador O'Brien aterroriza o personagem Winston nos seguintes termos:

Se queres uma imagem do futuro, pensa numa bota pisando um rosto humano - para sempre. [...] - E lembra-te de que é para sempre. O rosto estará sempre ali para ser pisado (ORWELL, p. 277).

Felizmente para a humanidade foram necessários bem menos que os sete séculos imaginados por Jack London no romance em relação ao *Tacão de Ferro* para derrotar a ameaça real fascista. A vitória ocorreu, isso é fato, mas foi uma *vitória de Pirro*<sup>76</sup>. O *Reich de mil anos* do nazismo não se confirmou, mas os milhões de mortos continuamente nos recordam de que a restituição da paz costuma cobrar um preço elevado.

---

<sup>76</sup> N.A. Pirro foi rei de Épiro e envolveu-se em duas batalhas contra os romanos entre 280 a.C. e 279 a.C. As tropas de Pirro saíram-se vencedoras, mas as perdas humanas e materiais foram significativas e irreparáveis. Ciente de que não dispunha dos recursos necessários para um novo confronto, ao ser congratulado por seu sucesso o rei exclamou que outra vitória semelhante o arruinaria completamente. A expressão é usualmente utilizada para referir-se a uma conquista obtida a um custo muito elevado que acaba por relativizar sua efetividade.

#### 4.10. ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

O décimo item da relação de características elaborada por Umberto Eco diz respeito à estratificação social comum aos regimes de inspiração fascista. Segundo Eco, uma lógica hierárquica militar é aplicada à vida quotidiana dos cidadãos, mimetizando a cadeia de comando da caserna. O líder exerce verticalmente seu poder sobre aqueles que lhe são subordinados e esses, por sua vez, replicam essa relação de poder indefinidamente sobre os estratos sociais inferiores. Além de garantir a capilaridade e as bases de sustentação do poder totalitário, a estratificação militarista divide a sociedade em castas rigidamente delimitadas semelhantes às patentes que regulamentam a estrutura da hierarquia militar. O efeito dessa sociedade de castas é duplo: as castas superiores frequentemente desprezam as inferiores, o que redundava em um amplo efeito cascata na sociedade; além disso, a dissensão provocada pela estratificação inibe o surgimento de sentimentos de solidariedade indispensáveis à construção de um senso de classe. A pretensão de superioridade em relação àqueles considerados inferiores é um dos mais marcantes microfascismos, quer seja dos regimes de Hitler e Mussolini ou de algumas sociedades democráticas atuais: relegados artificialmente à base da pirâmide social, judeus, imigrantes, homossexuais, negros e toda uma infinidade de minorias étnicas e sociais são destituídos de sua humanidade e, então, já não cabem interditos morais quanto ao tratamento que lhes é destinado. Os marginalizados e os párias não são dignos de empatia porque já não são tidos como iguais, como pertencentes ao restante da população dita “de bem”. London descreve em *O Tacão de Ferro* os resultados alcançados pela política de privilégios efetivada pela *Oligarquia* com o intuito de minar o discurso socialista por meio da estratificação social:

As castas operárias, os Mercenários e as grandes hordas de agentes secretos e policiais de várias espécies estavam todos atrelados à oligarquia. Apesar da perda da liberdade, estavam em melhor situação do que antes (LONDON, 2011, p. 226). No original: *The labor castes, the Mercenaries, and the great hordes of secret agents and police of various sorts were all pledged to the Oligarchy. In the main, and ignoring the loss of liberty, they were better off than they had been* (LONDON, 1908, p. 302).

Como relatado no tópico anterior, tal qual nos regimes nazifascistas o *Tacão de Ferro* também tinha sob seu domínio um exército paramilitar de ex-combatentes cuja missão principal era a de evitar e reprimir as ações dos revolucionários. Para



garantir a lealdade de suas tropas, os oligarcas lhes concedem privilégios distintivos que os colocavam em situação material superior à dos demais trabalhadores. A repressão não funcionaria de forma adequada se houvesse qualquer possibilidade de que os mercenários demonstrassem empatia pelos revolucionários. Uma vez estabelecidas as vantagens que caberiam à polícia política do *Tacão de Ferro*, a oposição entre mercenários e revolucionários estabeleceu-se instantaneamente, como que regida por alguma força natural de repulsão mútua. Os mercenários não encontravam-se mais perfilados junto à arraia miúda. Constituíam algo diverso, superior:

Esse corpo de soldados [os Mercenários] se desenvolveu a partir dos antigos exércitos regulares e agora contava com um milhão de homens, além das forças coloniais. Os Mercenários constituíam uma raça à parte. [...] Estavam perdendo todo o contato e simpatia com o resto do povo, e, de fato, estavam desenvolvendo sua própria moral e consciência de classe (LONDON, 2011, p. 224). No original: *This body of soldiers [the Mercenaries] had been evolved out of the old regular army and was now a million strong, to say nothing of the colonial forces. The Mercenaries constituted a race apart. [...] They were losing all touch and sympathy with the rest of the people, and, in fact, were developing their own class morality and consciousness. And yet we had thousands of our agents among them* (LONDON, 1908, p. 298).

Tal qual observado por Antonio Gramsci em relação ao *fordismo* norte-americano na década de 1920, os oligarcas do Tacão de Ferro também atuaram para dividir a classe trabalhadora, exterminando o surgimento de uma eventual consciência de classe pela raiz. Algumas categorias profissionais são escolhidas a dedo e passam a compor uma elite dentro do mercado de trabalho. O personagem Ernest, sempre um passo à frente dos demais na narrativa - como London aparentemente parecia julgar-se também em relação aos seus correligionários do Partido Socialista - antecipa-se aos fatos e anuncia os próximos movimentos das peças do tabuleiro político:

Eis o que vai acontecer: os salários vão subir e a jornada de trabalho vai diminuir nos sindicatos ferroviários, nos sindicatos trabalhistas da indústria do ferro e do aço e nos dos engenheiros e maquinistas. Nesses sindicatos, condições mais favoráveis continuarão a existir. Os membros desses sindicatos vão se sentir no paraíso. [...] Seguro de sua fidelidade, o Tacão de Ferro pode estalar seus dedos para todo o restante do proletariado (LONDON, 2011, p. 169). No original: *Here is what is going to happen. Wages are going to be advanced and hours shortened in the railroad unions, the iron and steel workers unions, and the engineer and machinist unions. In these unions more favorable conditions will continue to prevail. Membership in these unions will become like seats in Paradise. [...] Assured of their faithfulness, the Iron Heel can snap its fingers at all the rest of labor* (LONDON, 1908, p. 222-223).

Toda ação gera uma reação e, de certa forma, a indignação dos demais trabalhadores diante da aparente traição de alguns setores à causa operária, serviu perfeitamente aos intentos da Oligarquia. Observou-se uma súbita escalada na tensão entre as categorias beneficiadas pelas elites e o restante do proletariado:

Os trabalhadores ultrajados continuaram a se vingar dos traidores. Automaticamente formou-se uma linhagem nas castas. Os filhos dos traidores eram perseguidos pelos filhos dos trabalhadores que haviam sido traídos, até que se tornou impossível àqueles brincarem nas ruas ou comparecerem às escolas públicas. [...] O resultado disso foi que, pressionados por todos os lados, os traidores e suas famílias acabaram se isolando. Por acreditarem que era impossível residir em segurança no meio do proletariado traído, mudaram-se para locais habitados apenas por eles mesmos (LONDON, 2011, p. 175). No original: *Outraged labor continued to wreak vengeance on the traitors. Caste lines formed automatically. The children of the traitors were persecuted by the children of the workers who had been betrayed, until it was impossible for the former to play on the streets or to attend the public schools. [...] As a result, driven back upon themselves from every side, the traitors and their families became clannish. Finding it impossible to dwell in safety in the midst of the betrayed proletariat, they moved into new localities inhabited by themselves alone* (LONDON, 1908, p. 231-232).

A estratificação social revelou-se nas mãos do Tacão de Ferro uma eficiente arma política. Se era necessário dividir para conquistar, os oligarcas dividiram e conquistaram. A percepção dos efeitos corrosivos da divisão e sua importância para a ascensão do Tacão de Ferro estavam claros para Ernest Everhard:

Foi a plutocracia que, depois de avaliar com cuidado a situação, derrotou-nos ao dividir as nossas forças. Foi a plutocracia que, por meio de seus agentes secretos, difundiu a ideia de que o socialismo era sacrílego e ateu; foi a plutocracia que, conquistando as igrejas, especialmente a Católica, para as suas fileiras, nos roubou uma parte dos votos operários (LONDON, 2011, p. 158). No original: *It was the Plutocracy, weighing and balancing, that defeated us by dividing our strength. It was the Plutocracy, through its secret agents, that raised the cry that socialism was sacrilegious and atheistic; it was the Plutocracy that whipped the churches, and especially the Catholic Church, into line, and robbed us of a portion of the labor vote* (LONDON, 1908, p. 208-209).

#### 4.11. CULTO AO HERÓI

O senso comum costuma atribuir ao nazifascismo a imagem de um empreendimento pessoal de líderes nefastos que teriam conduzido, astuta e malevolamente, o mundo ao caminho do genocídio e da guerra. Há algo de verdadeiro nessa crença, sem dúvidas (PAXTON, 2004, p. 9). Entretanto, ela também traz em si a marca do oportunismo de pessoas interessadas em desvincular suas imagens dos regimes que haviam formalmente apoiado e de crimes dos quais foram, portanto, corresponsáveis. A conveniente versão da história segundo a qual nações inteiras caíram nas mãos de monstros assassinos e que não restariam opções senão seguir seus desígnios tem prevalecido, ao menos, desde os julgamentos de oficiais nazistas envolvidos com o Holocausto. Por outro lado, a crença nos poderes sobre-humanos da indômita vontade pessoal do líder político eram amplamente fomentadas pela mitologia fascista, reverberando um conjunto de valores de origem romântica oriundo do século XIX - período que demarcou o florescimento do moderno culto aos heróis. Ernst Cassirer toma como exemplo dessa mentalidade o historiador escocês Thomas Carlyle e credita a ele um papel relevante neste processo. As palavras de Carlyle eram ferinamente assertivas: *“Sacerdote, Mestre, o que quer que possamos imaginar existir num homem de dignidade, para comandar-nos, para constantemente nos ensinar, para nos dizer dia a dia e hora a hora aquilo que devemos fazer”* (CARLYLE, 1899, p. 189). Essa é a expressão máxima de uma espécie de microfascismo que compele seus seguidores à idolatria de líderes aos quais se atribui uma natureza messiânica. O *Duce*, o *Führer* e o *Mito* compartilham uma mesma natureza política altamente simbólica junto aos seus adoradores.

Carlyle era um conservador enormemente influenciado pela literatura alemã, especialmente, por Goethe e Schiller<sup>77</sup>, de quem fora um dos tradutores no Reino Unido. Por gozar de certa reputação no meio intelectual britânico, Carlyle notabilizou-se pela realização de bem frequentadas palestras nas quais defendia que a história humana poderia ser entendida não enquanto um árido manual, mas sim, como uma extensa galeria ornada com os retratos de grandes homens aos quais coubera, de

---

<sup>77</sup>Johann Christoph Friedrich von Schiller (Marbach am Neckar, 10 de novembro de 1759 — Weimar, 9 de maio de 1805) foi um poeta, filósofo, médico e historiador alemão.

acordo com Carlyle, a incumbência de liderar os demais. Ele acreditava que, “[...] *para estabilizar a ordem política e social, não existia melhor nem mais recomendável meio do que o culto do herói*” (CASSIRER, 1976, p. 207).

Segundo Ernst Cassirer (1976, p. 207), nenhum dos ouvintes das populares palestras de Carlyle poderia pensar, por um só instante, que as ideias expressas nessas conferências continham um “explosivo” potencialmente perigoso. A afirmação de Cassirer fora realizada em seu livro *O Mito do Estado*, escrito entre 1944-1945, durante os estertores da Segunda Guerra. Assim como outros intelectuais seus contemporâneos, Cassirer fora obrigado a deixar a Alemanha por conta do conflito, tendo imigrado primeiramente para a Holanda e, posteriormente, para os EUA. Tal qual seus conterrâneos, o eminente filósofo e professor buscava explicações para o sucesso dos ideais nazistas entre a população alemã e, principalmente, quais teriam sido as raízes histórico-culturais que sustentaram sua difusão. Cassirer acabaria identificando em Thomas Carlyle<sup>78</sup> o expoente do renascimento de um moderno culto ao herói potencializado pela exortação romântica à ação política. De acordo com Cassirer, observou-se entre 1933 e 1945 uma forte tendência no mundo acadêmico de vincular os ideais defendidos por Carlyle às questões políticas adversas enfrentadas pelos europeus. Sustentou-se então a crença de que o culto ao herói difundido pelo notório historiador vitoriano teria contribuído decisivamente para a “*Marcha do Fascismo*”:

[...] Depois da subida ao poder de Hitler, H.F.C. Grierson publicou uma conferência que pronunciara três anos antes sob o título de ‘*Carlyle e o Herói*’, mas agora subordinada a um novo título: ‘*Carlyle e Hitler*’ (CASSIRER, 1976, p. 209).

Os próprios nazistas trataram de colocar Carlyle em seu rol de influências diretas (PAXTON, 2004, p. 35). Indubitavelmente, segundo Cassirer, Carlyle fomentava em suas palestras um conceito hiperbólico de liderança segundo o qual a história humana identificar-se-ia com a história dos “grandes homens”. Sem esses hábeis líderes as sociedades tenderiam à estagnação e ao desaparecimento. Dentro da perspectiva defendida por Carlyle a história jamais poderia ser entendida enquanto uma simples sucessão de eventos fortuitos, ao contrário, somente os heróis por meio de suas ações e façanhas é que são capazes de escrevê-la, moldando a realidade ao

---

<sup>78</sup>Thomas Carlyle (Ecclefechan, Escócia, 4 de dezembro de 1795 — Londres, Reino Unido, 5 de fevereiro de 1881) foi um escritor, historiador, ensaísta e professor escocês.

sabor de seu ímpeto. Para Carlyle, apenas o herói é dotado de espontaneidade legítima, privilégio concedido pela divindade a um grupo dileto de eleitos cabendo aos demais, “*a massa de réprobos*”, sujeitar-se à vontade dos governantes natos. Neste quesito, ficam claras as influências do filósofo alemão Johann Gottlieb Fichte:

Quem foi que, em primeiro lugar, deu às nações da Moderna Europa a sua forma habitável atual e as tornou dignas de serem a morada de homens cultos? A história responde à pergunta. Foram homens piedosos e santos, que, crendo ser a Vontade de Deus que os tímidos fugitivos da floresta fossem elevados a uma vida civilizada... avançaram pelos desertos bravios. Quem uniu as raças selvagens e dominou, sob a coação da lei, tribos inimigas?... Seja qual for o nome que tenham tido, foram Heróis, que ultrapassaram de longe o seu tempo, gigantes no poder material e espiritual entre os homens que os rodeavam. (FICHTE apud CASSIRER, 1976, p. 234).

A adoração pelo líder deveria transcender a natureza humana e tangenciar, até mesmo, a religiosidade. O herói jamais deveria furtar-se da obrigação de cumprir a missão de liderança que lhe fora atribuída pela Providência ainda que isso lhe custasse a vida. Nas palavras de Carlyle, “[...] *o culto do herói, com o coração prostrado pela admiração, pela submissão, ardente, ilimitada, pela mais nobre forma de um homem semelhante a um deus – não é esse o próprio germe do Cristianismo?*” (CARLYLE, 1899, p. 11). O herói de Carlyle é, na verdade, um santo secularizado. Esse conceito de herói romântico, cujas virtudes hiperbólicas o aproximam da divindade, aparece também, em tons semelhantes, no *Tacão de Ferro*, de Jack London, mas não para descrever quaisquer lideranças da Oligarquia. Muito provavelmente, isso se deve ao fato de London descrever o movimento reacionário, acima de tudo, como um amplo exercício de defesa de uma classe social que atuou coletivamente para eliminar os adversários insurgentes. Traços do heroísmo preconizado por Carlyle aparecem apenas nas descrições efetuadas por Avis sobre as ações e virtudes de seu amado Ernest Everhard:

[Ele] surgiu diante de mim transfigurado: um apóstolo da verdade, com a fronte brilhante e o destemor de um dos próprios anjos de Deus, lutando pela verdade e pela justiça, em socorro dos pobres, desamparados e oprimidos. E, diante de mim, ergueu-se outra figura: a de Cristo. Ele também tomara o partido dos pobres e oprimidos, contra todos os poderes estabelecidos dos sacerdotes e fariseus. E lembrei-me de sua morte na cruz, e meu coração se contraiu de aflição ao pensar em Ernest. Ele também teria uma cruz em seu destino? (LONDON, 2011, p. 56). [*Ernest rose before me transfigured, the apostle of truth, with shining brows and the fearlessness of one of God’s own angels, battling for the truth and the right, and battling for the succor of the poor and lonely and oppressed. And then there arose before me another figure, the Christ! He, too, had taken the part of the lowly and oppressed, and*

*against all the established power of priest and Pharisee. And I remembered his end upon the cross, and my heart contracted with a pang as I thought of Ernest. Was he, too, destined for a cross?]* (LONDON, 1908, p. 61).

Ou:

[Ernest] era um super-homem, conforme descrevera Nietzsche [...] (LONDON, 2011, p.20). *[He was a superman, a blond beast such as Nietzsche has described]* (LONDON, 1908, p. 6).

Ou ainda,

Mais uma vez ele se transfigurava diante de mim. Sua frente brilhava com o que havia de divino nele, e mais ainda reluziam seus olhos, em meio ao esplendor que parecia envolvê-lo como um manto (LONDON, 2011, p. 69). *[So now he stood transfigured before me. His brows were bright with the divine that was in him, and brighter yet shone his eyes from the midst of the radiance that seemed to envelop him as a mantle]* (LONDON, 1908, p. 79).

Aparentemente preocupado com a possível repercussão negativa que a construção de um herói unidimensional como Ernest poderia causar junto aos socialistas por sugerir que o proletariado deveria confiar a defesa de sua causa aos desígnios de um único herói, assumindo assim, um caráter passivo e omissivo no desenvolvimento da revolução, Jack London exprime-se por meio do historiador Anthony Meredith para desfazer qualquer equívoco. A revolução não poderia ser tomada como o projeto pessoal:

[...] Perdoamos Avis Everhard e agradecemos-lhe pelas linhas heroicas com as quais modelou seu marido. Sabemos hoje que ele não foi tão colossal quanto ela sublinha, e que participou dos acontecimentos de sua época com menor intensidade do que aquela que os Manuscritos nos levam a crer. Sabemos também que Ernest Everhard era um homem extraordinariamente forte, mas não tão excepcional quanto sua esposa pensava. Foi, apesar de tudo que fez, apenas um entre os heróis que, pelo mundo todo, devotaram a vida à Revolução [...] (LONDON, 2011, p. 13). No original: *We forgive Avis Everhard for the heroic lines upon which she modelled her husband. We know to-day that he was not so colossal, and that he loomed among the events of his times less largely than the Manuscript would lead us to believe. We know that Ernest Everhard was an exceptionally strong man, but not so exceptional as his wife thought him to be. He was, after all, but one of a large number of heroes who, throughout the world, devoted their lives to the Revolution* (LONDON, 1908, p. IX-X).

Outro pensador ocidental que forneceu importantes contribuições ao culto dos heróis foi o filósofo alemão Hegel<sup>79</sup>, que admirava os “[...] *indivíduos excepcionais que determinam o curso do mundo político e são os verdadeiros autores da história*” (CASSIRER, 1976, p. 286). A essa espécie distinta de homens não caberiam quaisquer censuras morais uma vez que sua natureza transcenderia nossos modelos éticos convencionais. A grandeza de um herói não está relacionada com sua virtude, mas sim, com sua força e, sob este ponto de vista, sua proporção interna entre vícios e virtudes seria irrelevante. Hegel chega mesmo a condenar as razões psicológicas que são evocadas, segundo ele, com o intuito de reduzir os feitos dos heróis a motivos mesquinhos e insignificantes. Para Hegel, “[...] *essa é a opinião dos servos para quem não existem heróis, não porque os heróis não existam, mas porque eles próprios são servos*” (HEGEL, 2010, p. 113).

#### 4.12. MACHISMO

Como em outros aspectos abordados anteriormente, a presença do machismo no romance de Jack London fica subentendida enquanto um valor intrínseco ao pensamento das elites sem que, no entanto, seja possível identificar nas ações do *Tacão de Ferro* políticas claras em relação à misoginia da Oligarquia. Algumas passagens fornecem elementos que sugerem o papel de subserviência feminina nos extratos superiores da sociedade. Quando Avis parte em busca de respostas sobre o destino fatídico do operário Jackson, acaba por conhecer as esposas de alguns dos ricos industriais que possuíam ações dos moinhos. Segundo Avis,

[Elas] imitavam em tudo seus maridos, discorriam nos mesmos amplos termos a respeito de política, das obrigações e responsabilidades dos ricos. Eram governadas pela mesma ética que dirigia seus maridos – a ética de sua classe. E proferiam frases prontas que seus próprios ouvidos não eram capazes de entender (LONDON, 2011, p. 62). No original: *They aped their husbands, and talked in the same large ways about policy, and the duties and responsibilities of the rich. They were swayed by the same ethic that dominated their husbands — the ethic of their class; and they uttered glib phrases that their own ears did not understand* (LONDON, 1908, p. 69).

---

<sup>79</sup>Georg Wilhelm Friedrich Hegel (Stuttgart, 27 de agosto de 1770 – Berlim, 14 de novembro de 1831) foi um filósofo alemão.

Como é possível observar, não há nada que nos cause muito espanto ou soe deslocado em relação ao contexto histórico em questão. A mentalidade conservadora geralmente reserva às mulheres de maneira geral papéis sociais menos relevantes. Não há espaço para o protagonismo feminino em sociedades *falocráticas*. Felizmente as mulheres tem se posicionado altivamente contra este microfascismo resiliente, tomando para si o que lhes é de direito. Os reiterados casos de violência denotam que ainda há muito a ser feito para que o machismo seja expurgado em definitivo. A própria personagem Avis, como apresentado anteriormente, defendia ideais conservadores idiossincráticos antes de aproximar-se de Ernest. Entre os revolucionários, entretanto, a relevância das personagens femininas pode ser observada com maior frequência. Não à toa, apesar de escrito por um homem, o romance é narrado por uma mulher. A garota que vivia no fausto, desfrutando das benesses e confortos que os dividendos dos moinhos lhe proporcionavam tornar-se-ia posteriormente uma empedernida revolucionária que exerceria um papel muito ativo no desenrolar dos eventos narrados. Avis infiltra-se no *Tacão de Ferro* e torna-se uma eficiente agente dupla que muito contribui com a causa. Pode nos parecer pouco para os padrões atuais, mas imaginar mulheres exercendo tarefas similares certamente soava absurdo ao senso comum da época – em verdade, infelizmente ainda o soa às pessoas de mentalidade tacanha e atrasada. É possível ilustrar isso com uma singela passagem da biografia de Jack London: sua segunda esposa, Charmian Kittredge, causou furor na sociedade de Oakland por montar a cavalo como um homem – com os pés apoiados nos estribos em ambos os lados do animal - e não sentada lateralmente como convinha às *boas damas* californianas. London viveu inúmeros romances com mulheres de personalidade forte e desafiadora. Não surpreende o fato de ter criado uma companheira semelhante para seu *alter ego* literário Ernest Everhard.

#### 4.13. POPULISMO QUALITATIVO

No Ur-Fascismo a comunidade de indivíduos munidos de direitos que compõem a população em uma democracia e que possui um impacto quantitativo por meio do voto na vida política da nação é substituída por uma abstração intitulada “povo”. Do ponto de vista quantitativo, cabe aos indivíduos respeitar em ambientes democráticos



a vontade da maioria. Qualitativamente, no fascismo, a função de porta-voz da vontade comum das massas é relegada ao Estado. Pouco importa a evidente impossibilidade de que o conjunto da população nacional possa, eventualmente, possuir uma vontade em comum acerca de algo. A unanimidade só existe na retórica daqueles que se arvoram enquanto interpretes da vontade popular. Por óbvio, instituições parlamentares não são mais necessárias porque representariam um intermediário desnecessário entre a vontade popular e seu executor. A esfera individual se esvanece ante algo muito maior:

O governo é uma verdadeira religião. Ele tem seus dogmas, seus mistérios, seus sacerdotes. Submetê-lo à apreciação de cada indivíduo significa destruí-lo. A vida lhe é dada apenas por meio da razão da nação, ou seja, por meio de uma fé política, da qual ele é símbolo. A primeira necessidade do homem é que sua crescente razão seja posta sob o duplo jugo [da Igreja e do Estado]. Essa razão deve ser anulada, deve se confundir com a razão da nação, de modo que sua existência individual se transforme em outro ser – comunal – como um rio que, após ter desembocado no oceano, continua a existir em meios a suas águas, mas sem um nome ou identidade própria (DE MAISTRE, 1993, p. 376).

No caso em questão, não há nada em *O Tacão de Ferro* que permita quaisquer comparações pelo simples fato de que, ao contrário dos regimes fascistas, na ficção a Oligarquia institui uma ditadura que prescindir totalmente de apoio popular. Os oligarcas não atribuem a si próprios a função de interpretes da vontade comum porque, de fato, todas as suas ações são abertamente pautadas pelos interesses das elites. Não há a necessidade de sustentar qualquer ficção. Em regimes fascistas é comum identificar o funcionamento prático desse instrumento. Determinados segmentos sociais – por óbvio, escolhidos dentre os apoiadores do governo – são escolhidos para representar publicamente o papel do “povo”. Convenientemente, as diretrizes políticas coincidem invariavelmente com os desígnios externados por essa abstração, o que permite às lideranças governarem sempre apoiados por uma muito seletiva e direcionada *vontade popular*.

#### 4.14 NOVILÍNGUA

O último elemento da lista elaborada por Umberto Eco para identificar o Ur-Fascismo é a novilíngua. Para os leitores ainda não familiarizados com o termo, seu criador foi o escritor George Orwell no romance distópico *1984* para designar uma das táticas adotadas pelo governo da Eurásia – território onde o protagonista Winston vive – para ampliar seu controle sobre a população. Em síntese, a novilíngua é uma versão adaptada do inglês para atender aos interesses do *Ingsoc*, o partido único que monopoliza o poder. O que difere a novilíngua da versão corrente da língua local é seu vocabulário extremamente reduzido. Toda uma infinidade de expressões é suprimida deliberadamente com o intuito de estreitar a capacidade de raciocínio da população. A lógica é relativamente simples: supostamente ao eliminar palavras a novilíngua eliminaria também os conceitos a elas ligados - sem uma expressão que definisse, por exemplo, a ideia de liberdade, em breve o próprio conceito pretensamente desapareceria. Em termos práticos, segundo Umberto Eco, todos os livros escolares nazifascistas fizeram uso de um vocabulário empobrecido e de uma sintaxe elementar com o claro objetivo de limitar o desenvolvimento dos instrumentos intelectuais complexos necessários ao pensamento crítico. De certa forma, o recurso à novilíngua remete ao ódio demonstrado pelos fascistas em relação à racionalidade e aos intelectuais. A implementação da novilíngua representaria uma espécie de antídoto contra os inconvenientes políticos da razão além, é claro, de contribuir com a formação de uma massa de dóceis e obedientes escravos. A novilíngua também induz a criação de curiosos eufemismos no romance de George Orwell, ao *Ministério da Guerra* atribui-se o nome de *Ministério da Paz* e o *Ministério da Verdade* é responsável na narrativa por censurar as informações repassadas à população. Não há passagens em *O Tacão de Ferro* que apontem a utilização de recursos semelhantes pela Oligarquia. Apesar de servirem-se de eufemismos e da manipulação de notícias para maquiagem durante determinado período suas reais intenções, os oligarcas recorrem ao reducionismo linguístico com o intuito de ampliar seu domínio. Como observado anteriormente, *O Tacão de Ferro* serviu-se de todos os meios disponíveis para calar as vozes dissidentes, no entanto, não creio que sua atuação possa revelar intenções de natureza similar à descrita por Umberto Eco.

## 5. JACK LONDON E A ASTRONOMIA DO NAZIFASCISMO

### 5.1. PARA ALÉM DA IDEOLOGIA

Uma análise pormenorizada do artigo no qual Umberto Eco estabeleceu as bases do Ur-Fascismo sugere uma concepção profunda do fenômeno. De acordo com Eco,

[...] embora os regimes políticos possam ser derrubados e as ideologias criticadas e destituídas de sua legitimidade, por trás de um regime e de sua ideologia há sempre um modo de pensar e de sentir, uma série de hábitos culturais, uma nebulosa de instintos obscuros e de pulsões insondáveis.

Para muito além de suas insígnias, suas paradas militares e seus comícios, o fascismo seria composto por um conjunto específico de sentimentos, a matéria-prima que fundamentou a construção da ideologia fascista sob condições históricas específicas. É como se o fascismo compusesse um traço idiossincrático da psique ultraconservadora e não um mero hiato civilizatório que a história, felizmente, preservará como uma lição para a posteridade. Eco escreveu sobre a resiliência do “fascismo eterno” que, desde a primeira metade do século XX projetou sua sombra sobre o futuro de nossa civilização. Suas raízes, entretanto, seriam muito mais profundas. O *Ur-Fascismo*, segundo Eco, remontaria a um passado remoto e a todo um conjunto sincrético de tradições conservadoras construídas ao longo de séculos de história humana, enfim, a um fascismo que já era fascismo em potência, mesmo sem o saber. Jack London tangenciou essa ideologia inominada em sua distopia e apontou os perigos materializados na contrarrevolução conservadora que revelar-se-ia mais eficiente na tomada do poder em moribundas democracias liberais do que os revolucionários marxistas. O poder do capital, como não poderia deixar de ser, pendeu para o conservadorismo social. Governos foram derrubados, simulacros de revoluções encenadas, tudo para que a ordem social continuasse exatamente como antes. London, tal qual seus leitores marxistas, parece ter concedido demasiada importância aos fatores econômicos que motivaram a reação conservadora. No entanto, isso não o impediu de divisar por trás dessa reação um instinto de sobrevivência irracional e violento. Não restam dúvidas de que impedir o acesso dos

revolucionários aos cofres das elites constituía um argumento consistente para uma ruptura institucional reacionária, no entanto, as intenções envolvidas não se esgotam apenas em fatores materialistas. Havia mais. Por trás do regime e da ideologia haveriam emoções e sentimentos, uma miríade de microfascismos convergentes que permeavam o tecido social e que, sob condições apropriadas, redundariam em um só ponto de acumulação: o Estado fascista. Neste quesito, o nome atribuído por Umberto Eco ao seu artigo nos fornece um relevante *insight*. Em inglês, a palavra *your* denota um sentido de posse e, informalmente, é abreviada pelo pronome *ur*. É possível que Eco tenha se servido da expressão para evidenciar sentimentos que compõem os microfascismos de determinadas pessoas que ao lerem o artigo, poderiam identificar o “*seu fascismo*”. As metáforas astronômicas utilizadas por Eco, Deleuze e Guattari para se referirem ao fascismo ilustram, em essência, o fértil substrato moral e cultural que subsidiou a ascensão dos regimes fascistas, mas que não foi extinto com sua queda. Estes microfascismos sobrevivem no seio das sociedades modernas democráticas e sua mera existência propícia o surgimento de nebulosas fascistas potencialmente perigosas.

## 5.2. RASTREANDO O UR-FASCISMO

Enfim, é chegado o momento de responder à pergunta fundamental da presente dissertação: afinal de contas há algo do que usualmente chamamos de fascismo em *O Tação de Ferro*? A resposta pode parecer frustrante em um primeiro momento: depende. Se entendemos por fascismo apenas os regimes políticos de extrema-direita historicamente construídos no entreguerras, parece-me razoável afirmar que há pouco no romance de Jack London que nos possibilite o estabelecimento de correspondências concretas. Muito daquilo que definiria o fascismo – o ultranacionalismo, o racismo e os governos de massas – estão ausentes da narrativa. Não há nenhuma liderança central no Tação de Ferro, nenhum *Führer* ou *Duce*; não há uniformes coloridos, nem insígnias, nem paradas militares colossais. London dedica grande parte do romance ao processo de ascensão política do Tação de Ferro, portanto, aos leitores resta apenas presumir como teriam sido os sete séculos de domínio da Oligarquia. O itinerário que conduziu os oligarcas ao poder, no

entanto, despertou sentimentos e motivou eventos que guardam alguma semelhança ao observado nos regimes fascistas de fato. Dos quatorze itens enumerados por Umberto Eco, cinco sugerem maiores conexões – conservadorismo, irracionalismo, pensamento unitário, beligerância contínua e estratificação social. Em outros cinco, as relações embora identificáveis, são circunstanciais e subliminares – culto da ação, aversão à diversidade, retórica do descontentamento, nacionalismo e o culto do herói. Em relação aos quatro elementos restantes – dubiedade dos inimigos, machismo, populismo qualitativo e novilíngua – não há indícios suficientes na narrativa para estabelecer quaisquer paralelos. Partindo-se do pressuposto defendido por Umberto Eco (1995) de que seria suficiente “[...] *que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista [...]*”, parece-me razoável afirmar que há indubitavelmente no romance de Jack London uma nebulosa potencialmente fascista.

O *Tacão de Ferro* instituído pela Oligarquia é um movimento de inspiração ultraconservadora destinado à preservação do *status quo* diante da ameaça revolucionária. Ao desafio lançado por Ernest Everhard, respondem as elites com perseguições, prisões arbitrárias e assassinatos efetuados pelas forças paramilitares dos *Mercenários*. Como observado na Alemanha e na Itália, a reação das elites governantes ao proletariado insurgente abriu caminho para a ascensão fascista e o apoio dos conservadores constituiu a condição *sine qua non* Hitler e Mussolini, muito possivelmente, jamais teriam alcançado o poder. Ambos se utilizaram de seus exércitos paramilitares - respectivamente a *Sturmabteilung* (S.A.) nazista e os *Camisas Negras* italianos - para fazer frente ao crescimento da esquerda, enfrentando os socialistas e comunistas nas ruas. As elites tradicionais não foram unânimes no apoio concedido aos fascistas. A brutalidade observada em demonstrações públicas de força desagradava setores conservadores que, se possível, desejariam permanecer no poder sem a necessidade de compartilhá-lo com uma horda de brutamontes. Entretanto, o florescimento de focos revolucionários pela Europa trazia consigo o receio de que em um regime constituído sobre o sufrágio universal a maioria votante de depauperados inevitavelmente acabaria seduzida pelas promessas do socialismo. A truculência fascista tornou-se um importante recurso contrarrevolucionário do qual não poderiam prescindir as elites se desejassem preservar sua condição. Restavam-lhes então duas opções: servirem-se do eleitoralismo de massas para conferir legitimidade a um governo que defendesse

pautas conservadoras ou, simplesmente suprimir a democracia e livrar-se do perigo representado por uma possível vitória majoritária da esquerda. O primeiro recurso é pouco visível na narrativa de Jack London, muito embora o autor afirme em alguns momentos que o governo que precedeu a ascensão do Tacono de Ferro operava como um fantoche controlado pela Oligarquia. Eventualmente as prprias instituies democrticas seriam suprimidas no romance. No nazifascismo observa-se um processo similar. Em um primeiro momento os conservadores exerceram maior influênci poltica sobre os fascistas por meio de alianças parlamentares. Durante esse perodo prevaleceu uma relativa normalidade institucional que contrasta com o cenrio observado aps a revogaço das liberdades pessoais e da democracia. Seja na ficção ou na realidade, o totalitarismo no teria sido possvel sem a colaboraço e/ou a aquiescência das elites tradicionais.

O Tacono de Ferro tambm demonstra pouca tolerncia em relaçõ às opinies dissonantes de seus opositores fazendo o possvel para silenciá-las. O professor John Cunningham e o Bispo Morehouse estõ entre os mais ilustres exemplos de personagens que pagaram com a vida pela ousadia de questionarem a ordem estabelecida. Nazistas e fascistas perseguiram de forma contumaz seus inimigos: no caso alemão, em apenas um evento conhecido como a *Noite dos Longos Punhais*, 85 adversrios polticos foram mortos e milhares foram presos. Na Itlia fascista, talvez o exemplo mais conhecido de perseguio poltica tenha sido o do filsofo marxista Antonio Gramsci. Por conta de sua atuaçõ no Partido Comunista Italiano, Gramsci foi preso no dia 09 de novembro de 1926 e condenado a mais de 20 anos de reclusõ. Em seu julgamento o promotor responsvel pela acusaço afirmou que “[...] por vinte anos eles impediriam aquele crebro de funcionar” (GRAMSCI, 1971, p. 89). Felizmente, os anos na prisõ no impediram - como almejado pelos fascistas - a atividade intelectual de Gramsci, que produziu no perodo seus famosos *Cadernos do Crcere*. Sua sade fsica, no entanto, se degradaria muito. Todos os seus dentes caíram e seu sistema digestivo entrou em colapso, o que j no lhe permitia mais ingerir alimentos slidos. Ele tinha crises convulsivas durante as quais vomitava sangue, alm de sofrer com enxaquecas to intensas que o faziam bater sua cabeça contra as paredes da cela (GRAMSCI, 1971, p. 92). Gramsci permaneceria encarcerado at ser transferido, em 1933, para uma clnica em Formia por conta da debilidade de sua sade. Em 1935 foi novamente transferido, desta vez para uma

clínica em Roma. No dia 21 de abril de 1937, Gramsci estava formalmente apto a ser libertado, mas suas condições físicas impediam-no de mover-se. Ele faleceria seis dias depois, aos 46 anos, onze dos quais privado de liberdade por conta de suas convicções políticas.

Outro ponto no qual ficção e realidade aproximam-se é na violência contínua empregada pelos exércitos paramilitares dos regimes ditatoriais para suprimir seus opositores. As semelhanças entre a atuação dos Mercenários do Tachão de Ferro e a dos *Camisas Negras* italianos ou dos *freikorps* da *Sturmabteilung* - a S.A. nazista - são notáveis. Todas compartilhavam da mesma missão em comum de quebrar, figurativa e/ou literalmente, a espinha dorsal do movimento operário. Os exércitos políticos enfrentavam os socialistas e comunistas, aterrorizavam, espancavam e matavam, sempre com a cumplicidade do Estado. O que se observava em tais sociedades era um clima constante de tensão, um estado de guerra permanente contra os inimigos internos da nação. Por fim, é possível concluir que a estratificação social naturalmente inerente ao capitalismo é aprofundada sob regimes de inspiração fascista por meio da militarização da sociedade. A hierarquia dos quartéis é transferida para a estrutura social amplificando o desprezo e o senso de superioridade em relação àqueles considerados como inferiores. Isso inibe o surgimento do sentimento de empatia, essencial ao desenvolvimento de uma consciência de classe. Com um *plus*, o desprezo destinado aos relegados à base da pirâmide social acabaria por justificar inúmeras arbitrariedades e, em maior medida, o próprio Holocausto. À sociedade horizontalizada do socialismo o fascismo respondia com uma verticalização ainda mais drástica das estruturas preexistentes.

Em relação aos demais elementos relacionados por Umberto Eco, pouco há a ser acrescentado. Nos casos em que é possível estabelecer algum paralelo entre o Tachão de Ferro e os regimes fascistas - culto da ação, aversão à diversidade, retórica do descontentamento, nacionalismo e o culto do herói - essas conexões são sempre circunstanciais e baseadas em aspectos subjetivos da narrativa. Elas estão presentes, mas sua relevância é relativa. Não há dúvidas, por exemplo, que Jack London relaciona o nacionalismo da turba que destrói a gráfica do *Appeal to Reason* à Oligarquia, no entanto, as referências a tal relação são escassas. De qualquer forma, não há parâmetros de comparação entre o tímido nacionalismo do Tachão de Ferro e o ultranacionalismo dos regimes alemão e italiano. Há ainda aqueles fatores para os

quais não existe correspondência alguma - dubiedade dos inimigos, machismo, populismo qualitativo e *novilíngua*. Devido à interconexão entre os elementos descritos por Eco, muitas vezes não é possível distingui-los claramente e de forma objetiva. Nos casos do irracionalismo, do culto da ação, da aversão à diversidade e da *novilíngua*, por exemplo, o anti-intelectualismo permanece implícito, transitando pelas fronteiras de um conjunto de valores dotados de óbvias afinidades. Neste sentido, a análise realizada na presente dissertação representa apenas uma dentre tantas interpretações possíveis para os parâmetros elencados por Umberto Eco. Parece-me razoável, por fim, estreitar as relações entre alguns dos conceitos que balizaram minha pesquisa. Como apontado por Eco, todos os componentes do Ur-Fascismo estariam relacionados a determinados modos de pensar e sentir, a uma série de hábitos, instintos e pulsões obscuras, ou seja, comporiam uma miríade de potencialmente perigosos microfascismos, conforme a terminologia criada por Gilles Deleuze e Félix Guattari.

### 5.3. O FASCISMO ETERNO

Os trágicos eventos ocorridos na Segunda Guerra em direta correspondência com a ascensão de regimes totalitários assombram a humanidade desde então. As cenas lamentáveis filmadas no interior dos campos de concentração recém invadidos pelos Aliados chocam profundamente pela sofisticação e brutalidade da indústria da morte construída pelos nazistas com o intuito de eliminar os judeus da face da Terra. Ciganos, deficientes, homossexuais e socialistas também pereceriam nos campos de extermínio, ainda que em escala menor. Todo esse terror provoca uma sensação de descrença na humanidade e representa uma sombria ameaça sobre nosso futuro. Poderia a história se repetir? Para responder tal pergunta, é preciso que fique claro qual é o referencial de fascismo em questão. Os regimes nazifascistas foram instituídos sobre condições bastante específicas e parece pouco verossímil que esse mesmo quadro complexo de fatores possa configurar-se novamente no futuro. A maioria das imitações surgidas no pós-guerra demonstrou que não era suficiente vestir uma camisa colorida, marchar como os fascistas e espancar representantes de



alguma minoria local para alcançar o mesmo sucesso obtido por Hitler ou Mussolini. Isso demandaria uma crise comparável, bem como, amplo acesso ao *mainstream* político, habilidade para o estabelecimento de alianças e uma cooperação das elites tradicionais similares às observadas no nazifascismo (PAXTON, 2004, p. 75). O mundo mudou muito desde então e não parece factível que tais precondições se repitam com exatidão. No entanto, a inoculação contra os males do fascismo original foi inerentemente temporária no Ocidente. Os tabus de 1945 se esvaneceram inevitavelmente com o desaparecimento de toda uma geração de testemunhas oculares. Em todo caso, um fascismo do futuro – em resposta a uma inimaginável e imprevisível crise – não precisaria necessariamente ser parecido com o fascismo clássico, nem valer-se de suas insígnias e simbologia. Não é o uso da suástica que faz um nazifascista, mas suas atitudes. Algum movimento futuro que decida abrir mão das instituições livres como meio de efetuar as mesmas funções de mobilização das massas para a reunificação, purificação, e regeneração de algum grupo em problemas irá, certamente, intitular-se de outra maneira e servir-se de novos símbolos. Isso, no entanto, não os fará menos perigosos que os fascistas originais (PAXTON, 2004, p. 174). Nós aprendemos ao observar a trajetória do fascismo que não é necessária nenhuma marcha espetacular sobre a capital de um país para que o movimento crie raízes; decisões como a de tolerar os microfascismos já são mais do que suficientes. Se o fascismo é eterno, nossa luta contra ele também deve ser. Um vulto nos espreita nas sombras, nossa missão é expô-lo à luz. Não permitiremos que o Tacão de Ferro pise sobre nossas cabeças!



Cartaz neonazista afixado em um muro de Blumenau/SC em 24/10/2017<sup>80</sup>.

<sup>80</sup><https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/novos-cartazes-com-apologia-ao-nazismo-sao-colados-em-postes-e-pontos-de-onibus-em-blumenau.ghtml>. Consultado em 07/02/2018.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**; tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- ARISTÓTELES. **Poética**; tradução de Ana Maria Valente. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- BACZKO, Bronislaw. **Utopia**. Enciclopédia Einaudi, v. 5. Anthropos Homem. Porto: Imprensa Nacional Casa Moeda, 1985.
- BERLIN, Isaiah. **Limites da utopia**: capítulos da história das ideias. Tradução Valter Lelis Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BRUNER, Robert; CARR, Sean. **The Panic of 1907**: lessons learned from the market's perfect storm. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, 2007.
- CARLYLE, Thomas. **Sartor Resartus**. Boston: Ginn & Company Publishers, 1897.
- CARLYLE, Thomas. **Heroes and Hero Worship**. Philadelphia: Henry Altmus, 1899.
- CASSIRER, Ernst. **O Mito do Estado**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Algés: Difel, 2011.
- CHAUÍ, Marilena. Notas sobre utopia. **Cienc. Cult. [online]**, v.60, n. spe.1, p. 7-12, 2008.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- DE MAISTRE, Joseph. **St. Petersburg Dialogues**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1993.
- DELUMEAU, Jean. Substituir a utopia pela lucidez. In: **O expresso**. Disponível em: <<http://www.expresso.pt/ed1362/c-actual.asp>>. Acesso em: 5 ago. 2017.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3; tradução de Aurélio Guerra Neto, et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- ECO, Umberto. **Ur-Fascism**. In: The New York Review of Books. Volume 42, Nº 11, Nova York, 1995.
- FAYE, Jean-Pierre. **Introdução às linguagens totalitárias**: teoria e transformação do relato. São Paulo: Editoria Perspectiva, 2009.
- GRAMSCI, Antonio. **Sobre el fascismo**. Cidade do México: Ediciones Era, 1974.

GRAMSCI, Antonio. **Selections from the Prison Notebooks**. New York: International Publishers, 1971.

HEGEL, G.W.F. **Filosofia do Direito**. Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Ciência do Estado em Compêndio. Trad. Paulo Meneses, et al. São Leopoldo, RS, Ed. Unisinos, 2010.

HERDER, Johann G. **Idées sur la philosophie de l'histoire de l'humanité**. Londres: Presses Pocket, 1991.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era do Capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Trad. Jefferson Luis Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1992

JACOBY, Russell. **Imagem imperfeita: Pensamento utópico para uma época antiutópica**; tradução Carolina de Melo Bonfim Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

KERSHAW, Alex. **Jack London: uma vida**. Tradução Maria Lucia Leão. São Paulo: Benvirá, 2013.

LONDON, Jack. **O tacão de ferro**. Tradução Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo, 2011.

LONDON, Jack. **The Iron Heel**. Nova York: Macmillan, 1908.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

PAXTON, Robert O. **The anatomy of fascism**. Nova York: Alfred A. Knopf, 2004.

PESAVENTO, Sandra J. **História & história cultural**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1964.

TROUSSON, Raymond. **Du millénarisme à lathéorie du progrès: L'An 2440 de L.-S. Mercier**, Bruxelas: Academia Real de Literatura de Língua Francesa da Bélgica, 1982.

VAN SPANCKEREN, Kathryn. **Perfil da Literatura Americana**. [s.l.]: Agência de Divul. dos Estados Unidos da America, 1994.

ZAMYATIN, Ievgeni. **Nós**. Tradução de Gabriela Soares. São Paulo: Aleph, 2017.

**LISTA DE FONTES:**

LONDON, Jack. **O Tachão de Ferro**. Tradução Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo, 2011.

LONDON, Jack. **The Iron Heel**. Nova York: Macmillan, 1908.

LONDON, Jack. **Escritos políticos**. Organização e tradução de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Xamã, 2003.

ORWELL, George. **Prophecies of Fascism**. Londres: Tribune, 1940.

